

# VERSUS

Recriação esotérica

## ESOTERIC

**Krisiun :: Tsjuder :: Einherjer**

Lantlos :: Mythological Cold Towers :: Farsot :: Vallenfyre  
Thy Catafalque :: Echidna :: Diesel Humm! :: Spiros Antoniou



Sempre vivo...

Chuck Schuldiner:



passatempo

Ganha 2CD's  
dos Echidna





*Bleeding Heart* 

Rock Clothing \* Graphic ArtWork \* Merchandising \* Video

[www.myspace.com/spreadonme](http://www.myspace.com/spreadonme)



# ALCEST

## LES VOYAGES DE L'ÂME

OUT JANUARY 9, 2012  
as CD, Digipak CD, Artbook CD/DVD, and gatefold LP!

OUT NOW :



### TENHI - Saivo

Dark, melancholic nature mysticism in perfection. A masterpiece of Finnish gloom!

ALSO AVAILABLE:  
"THE COLLECTED WORKS"  
10 LP wooden box (ltd. 500)

Jewelcase CD | Digipak CD  
Artbook CD/DVD (ltd. 1.000)



### NUCLEUS TORN - Golden Age

A tribute to 1970s progressive rock, yet still 100% Nucleus Torn.

Featuring Anna Murphy  
(Eluveitie) on vocals!

A5 Digipak CD



### DARK SUNS - Orange

The Mars Volta meet new Opeth. The prog album of the year!

Jewelcase CD  
Digipak 2CD/DVD (ltd. 1.000)

Further information on all featured albums and their formats at [www.shop.prophecy.de](http://www.shop.prophecy.de)

ALCEST LIVE WITH LES DISCRETS & SOROR DOLOROSA  
14.02.'12 PO - PORTO / HARD CLUB

Free ALCEST app for iPhone  
and Android smartphones



prophecy  
[www.prophecy.de](http://www.prophecy.de)



# VOX TROOPER TOUR

RAISE YOUR VOICE! AND NEVER GIVE UP!

DEFYING  
CONTROL  
AMOR TERROR

+ GUEST LOCAL BAND  
+ FREE PRIZES

MOTIM

[www.myspace.com/motimbandatpunk](http://www.myspace.com/motimbandatpunk)

BAR DO ESTUDANTE / NEIRO  
SEXTA 10 FEVEREIRO 2012  
22H / 4VOX

Bleeding Heart 

VERSUS MAGAZINE

MYO



GO-S.TV

EZEKIEL

URBANEARS VESTAL

VOX



## VERSUS MAGAZINE

A/C Ernesto Martins  
VERSUS MAGAZINE

Alameda da Azenha de Cima,  
116 - 3D  
4460 - 252 Senhora da Hora  
Portugal

Telef.: 918 481 127

E-Mail: [versusmagazinept@gmail.com](mailto:versusmagazinept@gmail.com)

Web: BREVEMENTE

MySpace: /versusmagazine

Facebook: BREVEMENTE

### PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Download Gratuito

### DIRECÇÃO

Ernesto Martins  
André Monteiro

### GRAFISMO

A.Monteiro - Design & Multimédia  
[www.amonteiro.net](http://www.amonteiro.net)

### EQUIPA

André Monteiro  
Carla Fernandes  
Carlos Filipe  
Cristina Sá  
Daniel Guerreiro  
Dico  
Eduardo Ramalhadeiro  
Eliaana Neves  
Emanuel Marques  
Ernesto Martins  
Jorge Castro  
Luís Jesus  
Paulo Eiras  
Paulo Martins  
Renato Conteiro  
Sérgio Pires  
Sérgio Teixeira  
Victor Hugo

### FOTOGRAFIA

Créditos nas Páginas

### PUBLICIDADE

[geral@versus-magazine.com](mailto:geral@versus-magazine.com)

Todos os direitos reservados. A VERSUS MAGAZINE está sob uma licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Não a Obras Derivadas 2.5 Portugal.

### O utilizador pode:

copiar, distribuir, exibir a obra

### Sob as seguintes condições:

**Atribuição** - O utilizador deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciente.

**Uso Não-Comercial.** O utilizador não pode utilizar esta obra para fins comerciais.

**Não a Obras Derivadas.** O utilizador não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

# índice

— Dezembro/Janeiro 2011 —

## entrevistas

10 krisiun

13 lantlos

16 farsot

26 esoteric

30 ballenfhyre

32 mythological cold towers

38 tsjuder

41 einherjer

44 echidna

50 thy catafalque

54 diesel humm!

59 spiros antoniout

## conteúdo

06 pedra de metal

18 retroversus

36 trial by fire

48 flash reviews

64 metal português

(3ª parte)

68 critica-versus

80 libe-versus

86 reflexões musicais

87 grito abafado



## editorial

E assim nos despedimos deste que foi um fantástico ano para o Metal e para a VERSUS Magazine! Das doze entrevistas presentes nesta edição maciça salientamos as conversas que tivemos o prazer de registar com os Krisiun, os Tsjuder, os Lantlos, que também assinam o álbum do mês, e, claro, os doomsters Esoteric, que distinguimos na capa deste número. O espaço já habitual de entrevista a um artista gráfico é dedicado desta vez ao reconhecidíssimo Spiros Antoniou, dos Septicflesh, e na retroVERSUS invocamos o inesquecível Mr. Death, figura seminal e incontornável da música extrema que faleceu há exactamente uma década. Para vos arrancar um sorriso neste período ensombreado por todas as crises, passamos a publicar Shots de Catequese, uma divertida tira de banda desenhada, e terminamos este número #17 com uma secção de reportagens ao vivo, de cara lavada e mais recheada do que nunca.

E é com este espírito que nos lançamos de cabeça em mais um ano de edições, para continuar a dar-vos conta do melhor que se vai fazendo no underground do Metal. Parafrasando Chuck Schuldiner: "Let the METAL flow!"... Some more, acrescento eu.

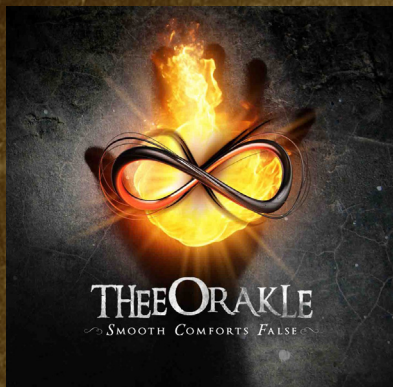
Votos de um fantástico 2012 para todos vocês. Escrevam-nos para [versusmagazinept@gmail.com](mailto:versusmagazinept@gmail.com).

Ernesto Martins



# noticias

## pedra de metal



### thee orakle - "smooth comforts false" previsto para 2012

Aqui fica o comunicado que a banda fez chegar até nós:

"Podemos desde já anunciar que o segundo álbum dos Thee Orakle "Smooth Comforts False" irá ter o selo da portuguesa Ethereal Sound Works (<http://www.eswlabel.com>), com edição prevista para Fevereiro de 2012.

Registado nos UltraSoundStudios em Braga, com produção e masterização a cargo de Daniel Cardoso, este álbum conta com as honrosas participações de Yossi Sassi dos israelitas Orphaned Land, Adolfo Luxúria Canibal dos Mão Morta e Marco Benevento dos italianos The Foreshadowing!

O Artwork do disco, foi criado por Phobos Anomaly Design!

A editora Ethereal Sound Works está neste momento a aceitar pré-encomendas de uma edição limitada do álbum (CD + T-Shirt)."



### epica em portugal com novo álbum

Os holandeses EPICA estão entre os mais aplaudidos e destacados representantes do female fronted metal, uma tendência que tem vindo a ganhar uma força e exposição consideráveis durante os últimos anos. Prestes a comemorar a primeira década de existência, são já uma das mais aplaudidas e bem-sucedidas propostas dentro do estilo e, com quatro discos de sucesso no fundo de catálogo, preparam-se para dar início a um novo capítulo da sua carreira.

"Requiem For The Indifferent", o quinto álbum do sexteto, a editar em Março de 2012, é um registo conceptual baseado nas adversidades que a humanidade atravessa, mas que carrega uma forte mensagem de união e abertura à mudança. É essa luz ao fundo do túnel que os músicos vêm mostrar ao público nacional nos dias 21 e 22 de Abril, nos palcos da Incrível Almadense e do Hard Club.



### lacuna coil - novo álbum em janeiro

A banda de Metal Alternativo, Lacuna Coil, lançaram recentemente o seu novo vídeo do tema "Trip The Darkness".

Este é o primeiro single do próximo álbum do colectivo italiano com o nome de "Dark Adrenaline", produzido por Don Gilmore e que será lançado pela Century Media Records a 24 de Janeiro de 2012.

O video foi realizado pela Sitcom Soldiers e os efeitos especiais apelam aos fãs da banda a entrarem numa realidade alternativa melódica e sensual.



### evergrey - "glorious collision" em vinil

A banda sueca Evergrey acaba de lançar uma edição especial de seu último álbum, o "Glorious Collision", em formato de vinil.

O mais recente trabalho do grupo está disponível em vinil duplo de cor azul na loja do site oficial da banda em <http://evergrey.net/>





## **lamb of god - novo álbum no início do ano**

Os Lamb Of God apresentaram o seu primeiro tema em inédito na estação de rádio online SiriusXM (<http://www.siriusxm.com/liquidmetal>). "Ghost Walking" faz parte do novo álbum da banda americana, com o nome de "Resolution".

O disco foi gravado em vários estúdios na Virgínia e Nova Iorque, novamente pelas mãos do produtor Josh Wilbur e será lançado em Janeiro de 2012 pela editora Roadrunner Records.

"Resolution" contará com 14 faixas e estará disponível em formato digital com artwork da autoria do director de arte Ken Adams.



## **napalm death - data de lançamento de novo álbum anunciada**

Os Napalm Death, preparam-se para lançar o seu 14º álbum de estúdio. O lançamento acontecerá dia 27 de Fevereiro a nível mundial e a dia 28 do mesmo mês para o mercado norte-americano, segundo site oficial da banda.

O nome do novo álbum chamar-se-á "Utilitarian" e contará com a colaboração do artista dinamarquês Frode Sylthe, para a ilustração da capa, que colaborou também com os The Haunted sendo autor da ilustração que adorna a capa do álbum "rEVOLVER".



## **sepultura - eloy casagrande é o novo baterista do grupo**

Os Sepultura oficializaram a entrada do baterista Eloy Casagrande (Acl-la), para ocupar o lugar deixado por Jean Dolabella.

"Quando recebi o convite para entrar nos Sepultura, fiquei em choque", conta Eloy. "Sou fã da banda há anos, será uma honra tocar com eles". Eloy, que tem 20 anos, foi o vencedor do prêmio Modern Drummer's Undiscovered Drummers Contest (maior festival de bateristas do mundo) em 2006.



## **daemogorgon - novo álbum e passa-tempo no facebook**

Os Daemogorgon vão anunciar nome do próximo álbum. Para celebrar estão a oferecer, juntamente com a Raising Legends Records, exemplares do EP "CHAOS.THROUGH.PHOBIA", para isso só têm de ir à página oficial da banda no Facebook e fazer "like", os likes 666, 700, 800, 900 e 1000 recebem CDs, basta enviar email para [raisinglegendsrecords@gmail.com](mailto:raisinglegendsrecords@gmail.com) com print screens, nome e morada! Ao like 1000 o nome do álbum será anunciado!





## **flagellum dei - apresentam o seu novo trabalho**

Seguiram-se quatro anos de silêncio, após o lançamento de "Under The Might" em 2007. O quarteto de Sepulchral Winds está de volta com um novo line-up (Marinha Grande e Caldas da Rainha), bastante dinâmico, trabalhador e com um black-metal surpreendente! O poderoso álbum "Order of the Obscure", acaba de ser lançado hoje e tem a assinatura da editora alemã Pestilence Records. É a ambiciosa proposta que os Flagellum Dei têm para vos oferecer!

## **lusitania old school junta ibéria, tarântula e gargula**

Quando aos Ibéria se juntam os Tarântula e os Gargula para dois concertos emblemáticos, isso é... o Lusitania Old School!

É já em Fevereiro do próximo ano que estas 3 bandas se vão apresentar ao vivo na Caixa Económica Operária e no Hard Club para espalhar o seu som old school, mas sempre tão actual.

Os bilhetes custam 10 Euros e já estão disponíveis nos locais habituais.

O início das hostilidades será às 21h30m de dia 4 de Fevereiro em Lisboa e à mesma hora a 11 de Fevereiro no Porto.

## **dream theater, megadeth e mastodon nomeados para os grammy awards**

No passado dia 30 de Novembro os Dream Theater, Mastodon, Megadeth e Foo Fighters foram oficialmente nomeados para a 54ª edição dos Grammy Awards, que será realizada no dia 12 de Fevereiro de 2012 no Staples Center em Los Angeles, na categoria de "Best Hard Rock/Metal Performance".

A novidade vai para os Dream Theater que concorrem pela primeira vez na sua [longa] carreira a um prémio Grammy, com o tema "On The Backs Of Angels" retirado do seu último álbum "A Dramatic Turn Of Events".

Curiosamente, a última banda a concurso nesta categoria são os punk-rockers Sum 41 (?) com a faixa "Blood In My Eyes" retirado do disco "Screaming Bloody Murder".

## **shadowsphere - novo álbum em março**

Os Shadowsphere, banda oriunda do Seixal, já têm data para o lançamento daquele que será o sucessor de "Hellbound Heart".

Em Lisboa, o colectivo irá mostrar os seus novos temas no dia 03 de Março de 2012, no Cinema S. Jorge. Os portuenses terão igual sorte no HardClub a 10 de Março.

O novo trabalho dos Shadowsphere, ainda sem nome revelado, foi gravado nos Poison Apple Studios, em Lisboa, com produção a cargo de Tiago Canadas.

**paulo eiras**  
**director**

## **PEDRA DE METAL**

Espaço dedicado ao lado mais "heavy" da música





A PRIMEIRA E ÚNICA REVISTA DIGITAL GRATUITA DO BRASIL!

# HELL DIVINE

ONLINE METAL MAGAZINE

NOTÍCIAS + ENTREVISTAS EXCLUSIVAS + RESENHAS DE SHOWS, CDS, DVDS E LIVROS!

[WWW.MYSPACE.COM/HELLDIVINE](http://WWW.MYSPACE.COM/HELLDIVINE)

GO TO HELL!

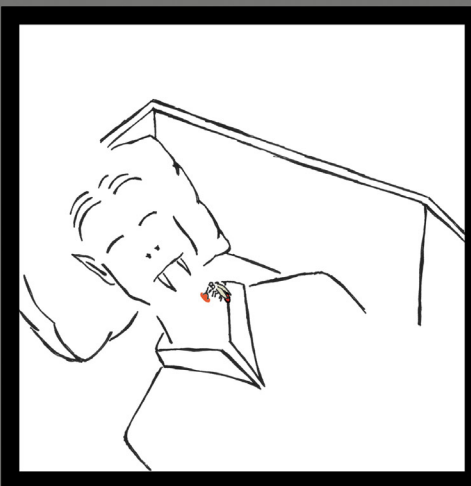
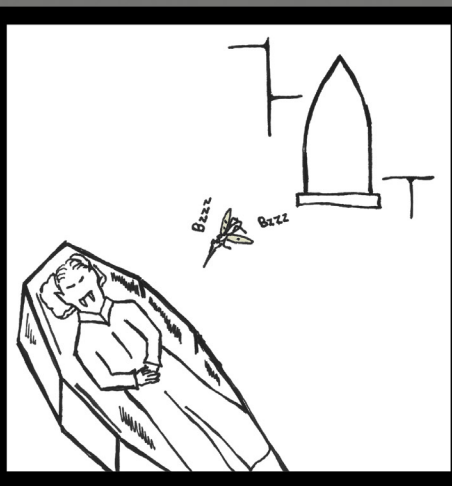


# Piranha

Loja de Música

## [www.piranhacd.com](http://www.piranhacd.com)

### Shots de Catequese



Emilio R. Moraes



# KRISIUN

## Da América do Sul para o Mundo

Esta banda Brasileira volta em 2011 com o seu novo disco «The Great Execution». Passados cerca de 20 anos desde a sua formação, esta “irmandade do metal” carrega no acelerador com a mesma eficiência dos seus primórdios. E deixa o adjetivo “velho” arrumado no dicionário, pois na realidade o fulgor e entusiasmo com que fazem música, aliada a uma vasta experiência de palco e estúdio, são marcas bem vincadas no genoma destes brasileiros.

O baterista Max Kolesne respondeu a algumas questões que publicamos aqui, dando-nos assim a oportunidade de conhecer um pouco melhor esta banda de três irmãos que estão cada vez mais sólidos nos palcos do Death-Metal Brutal.

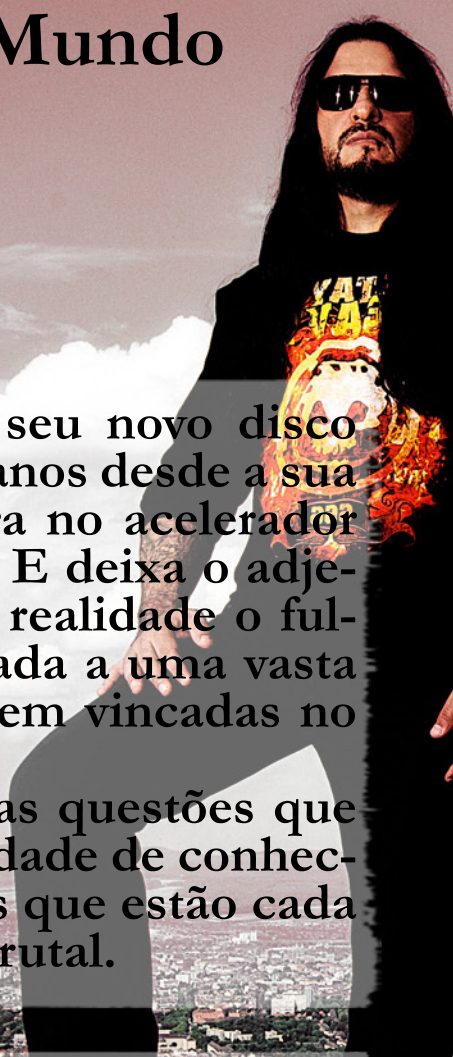
**Um dos factos mais relevantes e distintivos que caracterizam os Krisiun enquanto formação é a longevidade e coesão da banda. Porém, tendo surgido em 1990, o vosso som tem naturalmente evoluído ao longo dos anos até aos dias de hoje. Quais os fatores mais relevantes que vos influenciaram nessa evolução?**

Max Kolesne: O fato de termos mantido a mesma formação ajudou muito a forjar um estilo próprio e criar uma química muito forte como banda. Também, nossa paixão pela música Brutal nos mantém em con-

stante evolução, sempre procurando aprimorar musicalmente e fazer boas composições. O sentimento é o principal, é a essência da música, quando se perde isso, não se tem mais nada.


**Atualmente são uma banda mais de estúdio e composição ou o palco é a vossa principal razão de existir enquanto músicos?**

Ambos são muito importantes, é um ciclo, compor, gravar, lançar o álbum e iniciar longas tournées pelo mundo, uma coisa está ligada a outra. O disco novo





**“...jamais mudaria qualquer coisa na história da banda, a nossa essência nasceu do ódio e da pura brutalidade...”**



traz a renovação, e os shows ao vivo são o que mantém a banda viva e forte.

**Uma das questões que muitas vezes se coloca a muitas bandas é a não utilização da língua materna, e de facto a regra, em 99% dos casos, é a utilização do Inglês nas letras. No entanto, no vosso último álbum têm a faixa “Extinção em massa” a reavivar o Português fruto da colaboração com João Gordo (Ratos de Porão). Como foi essa colaboração?**

Acho que a utilização da língua inglesa se deve ao fato de que o inglês acabou se tornando a língua “mundial” e isso une as pessoas de países e culturas totalmente diferentes, é a forma mais fácil e dinâmica de se comunicar e se expressar.

Com certeza ter feito esta música em Português foi algo muito interessante, somos muito fãs do Ratos de Porão, e foi uma grande honra ter a participação do Gordo no disco. A ideia inicial era fazermos uma cover do Ratos, mas como estávamos a meio das composições do disco, o Moyses teve a ideia de convidar o Gordo para cantar uma música com o Krisiun, uma composição nova, uma mistura de Ratos e Krisiun, fizemos uns três ensaios com o Gordo e a música estava pronta.

**Pelo que vi em recentes entrevistas vossas, neste último álbum - «The Great Execution» - houve a preocupação de criar músicas não apenas brutais**

**e pesadas mas alternando com partes compassadas e ritmadas formando estruturas bem coesas e homogêneas. Na minha humilde opinião obtiveram com isso o vosso melhor álbum até hoje. Podem falar-nos um pouco do processo de composição deste vosso disco e se esperam chegar com ele a novos patamares de projecção internacional?**

Muito obrigado pelas palavras! Com certeza queríamos fazer um disco diferente dos anteriores, algo mais variado, e que as músicas fossem diferentes umas das outras. O processo de composição é basicamente o mesmo de sempre, construímos as músicas juntos na nossa sala de ensaio, na maioria das vezes o Moyses apresenta alguns riffs e a partir daí vamos juntando os instrumentos – guitarra, bateria e baixo – criando os grooves e arranjos e mais tarde o Alex coloca os vocais. Na época das composições estávamos escutando coisas mais antigas, muito Metal clássico, como Black Sabbath, Iron Maiden, Savatage, Judas Priest, Slayer, e isso com certeza nos influenciou, ao mesmo tempo que é um disco Brutal e veloz, tem esse lado mais épico e cadenciado. E com certeza nossa intenção é continuar crescendo e conquistando novos fãs pelo mundo inteiro.

**Estiveram em Portugal a 11 de Junho no Festival Metal GDL. Como foi a receptividade do público na vossa atuação?**

A receptividade em Portugal é sempre ótima! É sem-





**“O sentimento é o principal, é a essência da música, quando se perde isso, não se tem mais nada.”**

pre uma honra tocar em Portugal! Temos muitos amigos portugueses, as pessoas aí são muito fixes!

**Estão a pensar visitar novamente o público Português em breve?**

Sim, já estamos com a tourné de lançamento marcada para Janeiro de 2012 na Europa, as datas ainda não foram divulgadas, mas com certeza haverá um show em Portugal.

**Se tivessem de começar hoje a fazer música, fariam algo de diferente? Isto é, em função das duas décadas de experiência, o que fariam de diferente? Que conselhos dariam a quem começa atualmente com a ambição de vir a ser no futuro uma banda de Heavy-Metal?**

Com certeza seria diferente. Se fôssemos começar hoje, com o conhecimento e experiência que temos, lançariamos discos melhores produzidos e com composições mais elaboradas. Mas jamais mudaria qualquer coisa na história da banda. A nossa essência nasceu do ódio e da pura brutalidade. Black Force Domain é nossa raiz e foi daí que criamos nosso estilo, seguindo nossos instintos. E é isso que as bandas novas devem fazer, seguir os instintos e não tentar soar como as outras, pois música é algo muito pessoal, cada um tem uma personalidade e isso é expressado na música. A música Metal quando é feita com sentimento e honestidade, mesmo que mal produzida e com imperfeições vai atingir as pessoas. O problema de hoje é que muitos “iniciantes” quando gra-

vam seus primeiros CDs abusam dos recursos digitais para consertar os erros de execução, perdendo todo o feeling, honestidade e atitude. É melhor ser honesto e tocar o que sabe, mesmo com imperfeições, só assim a música terá personalidade própria.

**Provavelmente nunca houve como hoje tantas bandas a fazer e a produzir discos de Death-Metal. Aham que ainda há margem para surgirem bandas suficientemente inovadoras para atingirem patamares de projecção como os Krisiun conseguiram?**

Com certeza sempre haverá margem para novas bandas se destacarem, como eu disse antes, aqueles que forem honestos e seguirem os instintos vão conseguir seu espaço.

**Mais uma vez gostaria de dar os parabéns pelo vosso excelente trabalho «The Great Execution» que de certeza irá ser bem acolhido pelo público Português. Têm alguma mensagem adicional que queiram deixar aos nossos leitores?**

**Um grande salvé para todos os nossos amigos Portugueses. Em breve estaremos por aí tocando as músicas do «The Great Execution» e tomando muita cerveja portuguesa!**

**Praise Metal!**

**Entrevista: Sérgio Teixeira**



## Sentimento visceral

Em 2010 «.neon» marcou pela sua obscuridade e beleza, tal como pela presença do já reconhecido Neige, alma dos Alcest. Este ano chegamos «Agape», um trabalho que nos tenta transmitir a ideia de afeto e de amor incondicional num cenário de contraste, onde esses sentimentos se cruzam com a fealdade. A VERSUS Magazine ligou para Herbst, o jovem alemão responsável por tudo isto, e descobriu muito mais sobre o estado de espírito de Lantlôs.

«Agape» está disponível, ouvi-o e é espetacular. Como foi o processo de composição do teu novo trabalho?

Herbst: É difícil responder a essas perguntas. Porque eu não planeio as coisas, nem me sento para compor um álbum, apenas acontece. Não suporto estar no meu quarto e não fazer nada e, por isso, pego na guitarra e, instantaneamente, começo a gravar as faixas ou fazer Demos. Mas estás apenas interessado em saber como decorre o processo de composição ou pretendes também saber de onde me vem a inspiração?

Essa era precisamente a minha próxima

questão: onde vais buscar inspiração? Este novo trabalho é diferente do anterior, com mais momentos lentos e até algum doom.

Sabes, quando escrevi os álbuns anteriores, eu tive uma série de experiências de índole psicótica. Sentia o chão a escapar-se-me debaixo dos pés, via-me num vazio, a minha mente estava sempre mergulhada numa bruma. E isso foi muito importante para o fluxo dos dois primeiros álbuns.

Com o «Agape», tudo correu de forma diferente. Perdi essa sensação de vertigem permanente e de viver mergulhado numa bruma e comecei a procurar um novo começo, que foi de alguma forma um sentimento absoluto. Na verdade, não foi positivo, foi





aliás bastante negativo. Mas foi algo muito especial e que deixou uma marca em mim. Agora, quando componho, tento lembrar-me sempre desse momento e procuro estados de espírito absolutos. Não pretendi fazer o mesmo álbum, já os meus estados de espírito eram diferentes dos dessa altura. Mesmo assim, procurei, também, algo que me desse algum tipo de obscuridade. Daí que seja mais lento, penso eu. Para mim, é um álbum muito poderoso, que me dá esse tipo de sentimento absoluto, como lhe costumo chamar... não sei, algo cósmico, verdadeiramente poderoso. Mas, ter tocado partes mais lentas, ou doom, não foi planeado. Elas apenas surgiram. Quanto à inspiração foi buscá-la aos filmes “Eraserhead”, ao primeiro “Alien” e também ao livro “The Never Ending Story”, de Michael Ende, um famoso escritor alemão. Deste vieram algumas imagens, tais como a referência a uma cidade de cristais e a estrelas cintilantes, que me deixaram todo arrepiado de emoção. E também da personagem Eribo, que figura no título da faixa “Eribo – I Collect The Stars”. Os dois filmes inspiraram-me por lidarem com o horrível, com o sentimento de amor pela fealdade. Se pensarmos na Ripley, do filme “Alien”, ela carrega a criatura consigo e é desesperante... é revoltante porque ela sente amor pela criatura. Também no “Eraserhead”, o bebé, apesar de horripilante, foi algo que surgiu do amor.

Curiosamente sinto que o «Agape» é mais fotográfico, ou idílico, do que os teus trabalhos

#### anteriores. Concordas?

Sim. Também fiz o artwork para este álbum, porque foi fácil idealizá-lo. Normalmente, não costumo ter imagens na minha cabeça quando escrevo. Mas, desta vez, foi diferente... isto por causa das letras, que são fotográficas, como tu disseste. Se bem que seja muito difícil para um músico dizer isso, porque é material muito pessoal e ele, o artista, está muito próximo dos seus álbuns.

#### Qual é o conceito de “Agape”? Existe alguma linha que una «neon» e «Agape», ou este é um álbum completamente afastado do teu trabalho anterior?

Começando pelo conceito, agape é retirado da antiguidade grega. Vou tentar esquecer as conotações cristãs, mas, por acaso, é delas que deriva a palavra. O conceito está associado à afeição, a dar e receber, ao amor. Mas, do conceito de agape fazem parte as ideias de isolamento e fealdade. Em “Eribo – I Collect The Stars”, por exemplo, há uma personagem que recolhe a luz das estrelas e a converte em estruturas de cristal, para receber algo que faça com que a vida valha a pena. É tão intenso sentir e ansiar isso que a personagem – Eribo – acaba por enlouquecer. Arranca a sua língua, toma-a na sua mão, aponta-a para o céu e diz: “Toma a minha língua, para que tu possas sempre ouvir as minhas aflições.” Faz o mesmo às orelhas e diz: “Toma as minhas orelhas, para que eu possa ouvir a tua consolação.” E, no final, retira a sua pele, para mostrar a sua dedicação. Já no





## **“Isto lida com o forte e puro ideal de amor, o qual darias tudo por ele mesmo o teu corpo. Isto é o conceito de «Agape»”**

primeiro tema, que se chama “Intrauterin”, há uma personagem que ama tão intensamente a sua mãe que deseja degenerar-se, ou dissolver-se, e regressar ao estado celular para estar o mais próximo possível dela. Isto lida com o forte e puro ideal de amor, pelo qual darias tudo mesmo o teu corpo. É este o conceito-chave. Isto é o conceito-chave de «Agape». É muito diferente do «neon», que foi totalmente inspirado pelas tais disposições obscuras. Agora o sentimento é quase cósmico e tão grandioso que ainda não consigo entender, mesmo quando escrevo e toco música sobre isso. Eu apenas tenho um sentimento que não consigo explicar. Isto é realmente diferente do que fiz nos dois primeiros álbuns. Contudo «Agape» não é totalmente livre ou solto dos meus trabalhos anteriores, porque, como disse, procuro estados absolutos de espírito que me orientam, mas nunca consigo explicá-los, nem descrevê-los, nem entendê-los completamente. São como fantasmas que me direcionam, tais como as psicoses que tive nos dois primeiros álbuns. Mas estas disposições atuais são muito mais maduras, talvez mais racionais.

**Sei que a tua vida é a fonte de Lantlôs. Já consideraste estar noutra banda, ou terminar Lantlôs e criar outro projeto?**

Por acaso, mesmo antes de teres ligado, eu acabei de escrever a última música para um projeto novo. Tenho dois novos projetos: um deles de crust punk e o outro de new wave. São como projetos paralelos, com os quais me divirto. Mas Lantlôs é o principal,

a música mais importante que faço e não terminarei com ele.

**Neige é novamente o responsável pela voz. Ele é apenas um convidado ou já se pode afirmar que faz parte de Lantlôs?**

Não, na verdade é um elemento permanente. Quando o conheci, foi incrível perceber o quão similar éramos nos pensamentos, nos sentimentos e também nas tais psicoses de que já falei. Nunca conheci alguém que fosse assim, que tivesse estas características também, que estivesse tão sintonizado com o que sinto e com o que penso. É por isso que o considero como um membro permanente dos Lantlôs e não apenas um músico de sessão. É uma colaboração muito próxima e familiar.

**Para terminar gostaria de saber se, no próximo ano, poderei ver Lantlôs ao vivo.**

Por acaso, estamos a começar a ensaiar. Procuro mesmo fazer concertos. Definitivamente, haverá concertos em 2012. Mas não posso adiantar nada, por causa de negócios e essas merdas do mundo da música.

**Entrevista: Victor Hugo**



10 11 12 13 14

ENTREVISTA

# farso t.

Da bestialidade humana



**Deram um nome sinistro à sua banda e usam pseudónimos compostos por letras e números que lhes conferem uma aura de mistério. Afirmaram-se inicialmente como cultores de um black metal, que combinava harmoniosamente elementos old school e outros bem modernos. Atualmente, pretendem demarcar-se dessa matriz, mas não sabem exatamente onde a sua deriva os conduzirá. Conseguem combinar uma cultura de alta erudição com uma cultura dita popular e paraliterária. Estas são razões de peso para termos chegado à conversa com os Farsot. Recebemos respostas de três membros da banda: 3818.w (guitarrista), v.03/170 (baixo e teclados) e 10.XIXt (vocalista). Rendemo-nos à fascinação que exala das suas palavras, complementando a que experimentamos ao ouvir a sua música.**

**Para começar, gostaria de ter mais alguma informação sobre a banda. Como apareceram na cena black metal germânica?**

3818.w: Farsot teve o seu início em 1999, com uma formação diferente da atual. Os primeiros meses de ensaios conduziram à primeira demo intitulada «Im Zwielficht meines glanzlos Lebens» in 2001. O período que decorreu entre este lançamento e o da nossa primeira demo oficial «042103freitod», em 2004, contribuiu para a formação pessoal e a estabilização da banda, porque finalmente conseguimos um baixista e um segundo guitarrista. A partir daí, pudemos concentrar-nos na definição das nossas visões musicais e no seu desenvolvimento. Essa auto-descoberta e a delineação de um plano de atuação para a banda conduziram a uma grande melhoria na composição. Assim, pudemos começar a trabalhar no nosso álbum de estreia, para mim muito importante. As gravações foram feitas com V. Santura, dos Dark Fortress, e deixaram-nos a todos muito satisfeitos. Ao lançamento de «III», em 2007, seguiram-se duas digressões europeias e muitos concertos. O trabalho que conduziu a «Insects» começou nessa altura e demorou dois anos e meio.

**Os vossos nomes artísticos suscitaram-me uma grande curiosidade. Por que apostaram em combinações de letras e números?**

v.03/170: Queremos que o ouvinte se concentre na nossa música e nas letras. Não queremos que esteja atento às pessoas que estão por detrás dessa arte. Podíamos usar os nossos verdadeiros nomes, mas isso eliminaria uma parte do mistério. Podias ir fazer uma pesquisa na net, descobrir pormenores de que não gostasses e ficarias a pensar no idiota que participou no álbum de que tanto gostas. Isso acabaria por destruir o teu gosto pela música. Também não

gostamos de pseudónimos relacionados com temas mitológicos, religiosos.

**O que significa Farsot?**

v.03/170: “Farsot” é uma palavra sueca antiga. Significa “doença/epidemia”. Tem uma pronúncia seca que nos agradou. É uma palavra curta, mas cativante e pode ser vista como uma alusão ao nosso aparecimento. Viemos devagar, mas ninguém nos pode resistir, haha.

**A vossa discografia inclui dois álbuns, ambos lançados pela Lupus Lounge, associada à Prophecy Productions. Andei a fazer uma pesquisa e vi que têm excelente companhia nesta editora. Como se sentem entre bandas como Alcest, Secrets of the Moon, Helrunar e Negūra Bunget?**

v.03/170: Somos fãs das Prophecy Productions desde sempre. Assim, quando começámos a pensar quem iria lançar o nosso álbum de estreia, não demorámos a encontrar a resposta adequada. Têm sempre excelentes bandas a trabalhar com eles. Ficámos encantados por nos juntarmos a essa família musical, integrando-nos na super especializada Lupus Lounge.

**O vosso álbum de estreia é muito mais black metal do que este, mas já tem muitas partes ambientais. Concordam com esta afirmação?**

v.03/170: É claro que concordamos. «III» serviu sobretudo para explorarmos sentimentos e abismos a eles ligados. Por isso, é ambiental, mas mais no género dos clássicos do BM. Já nessa altura experimentámos combinar elementos antigos e novos, isto é, procurámos articular entre si elementos da velha escola e formas modernas de tocar.



**“[No segundo álbum] Deixámo-nos de sentimentalismos e procurámos conferir ao “esqueleto” da nossa música uma estrutura mais negra e apocalítica.”**

**Mas este segundo álbum é bastante diferente, não é?**

A música é pesada, mas não tem a mesma carga de desespero. É frenética, contudo está imbuída de um sentimento de fatalismo quase calmo. Como diferenciam os dois álbuns? E por que os fizeram diferentes?

v.03/170: São diferentes. No segundo, o som, o conceito lírico e a própria música são mais ásperos, mais secos. Deixámo-nos de sentimentalismos e procurámos conferir ao “esqueleto” da nossa música uma estrutura mais negra e apocalítica. Não foi exatamente propositado, aconteceu assim que começámos a compor para o álbum. Parece-nos uma espécie de evolução lógica. Detestamos a estagnação, por isso andamos sempre à procura de novas maneiras de fazer as coisas, seja em que campo for. Não sabemos bem onde vamos parar, porque ainda estamos a ver se compreendemos os resultados que temos obtido.

**Gostam de insetos? Ou foi o facto de estes normalmente suscitarem repulsa que vos levou a escolherem-nos como foco para o vosso álbum?**

v.03/170: Não gostamos deles, mas admitimos que eles nos fascinam. Há 400 milhões de anos que há insetos no nosso planeta. Nós, os humanos, só cá estamos há 200000 anos. A sua população tem uma diversidade muito superior à nossa. Por isso nos interrogamos sobre se os humanos são realmente a glória da criação, ou se, pelo contrário, esse título lhes cabe a eles, que nos parecem muito mais aptos para sobreviver em quaisquer circunstâncias.

**O artwork de «Insects» é fantástico. Faz lembrar uma ilustração de um livro de ciência do séc. XIX, de um tratado de anatomia. Que significa esta imagem simultaneamente repelente e fascinante que usaram na capa do vosso álbum?**

10.XIX: A imagem foi mesmo tirada de um livro de





# “Detestamos a estagnação (...). Não sabemos bem onde vamos parar, porque ainda estamos a ver se compreendemos os resultados que temos obtido.”

anatomia. Data do séc. XVII e foi publicado por Govard Bidloo, um anatomista [e artista] dos Países Baixos. A ilustração foi feita por Gerard De Lairesse [um pintor holandês], em 1685. Eu manipulei-a para lhe associar uma referência aos insetos. E há mais imagens do mesmo estilo no livrinho que acompanha o álbum. Não sei se tens uma cópia do álbum. Penso que só poderás compreender a essência da sua arte, se vires todas as ilustrações e procurares relacioná-las com as letras.

A imagem da frente do álbum parece repugnante à primeira vista. Mas, se olhares mais uma vez, vais reparar que se torna esteticamente muito atraente, principalmente se atentares nas partes de pele repuxadas e viradas para baixo. Ilustra perfeitamente o conceito do álbum: o inseto no homem, a comparação entre as duas espécies e os seus padrões de comportamento, a degradação do ser humano que o rebaixa ao estatuto de verme. A capa até consegue reproduzir a essência do som do álbum: terreno, sinistro, remoto mas direto, áspero mas cheio de beleza.

**Por que razão as letras deste álbum foram escritas em Inglês, quando a banda sempre usou o Alemão? Há alguma razão em especial, para além do facto de haver mais pessoas que dominam o Inglês do que o Alemão?**

v.03/170: Estaria a mentir se dissesse que não pensámos nesse aspeto, mas não foi essa a principal razão para adotarmos o Inglês. Esse idioma surgiu espontaneamente, quando começámos a escrever as canções. Além disso, também sentimos que o Alemão não ia servir desta vez, porque a nossa língua não tem as mesmas qualidades musicais que o Inglês. Sentimos que as letras soariam muito dramáticas e afetadas. Foi essa a principal razão.

**As letras de algumas canções (por exemplo, “Adamantine chains”) evocam poetas como William Blake**

**ou Charles Baudelaire, que fizeram da morte e da podridão/decadência a ela associada assuntos poéticos. Há alguma relação entre as vossas letras e a literatura do séc. XIX?**

10.XIXt: Não. Fomos influenciados por autores do séc. XX, como Herbert, Kafka, Gass e Brown. Mas também tivemos outras fontes de inspiração para além da literatura. Inspirei-me no livro de Herbert intitulado “Hellstrom Hive”, que se baseia parcialmente num documentário. O filme “Hellstrom Chronicles” é um documentário sobre insetos combinado com elementos de ficção-científica. Estas ideias foram integradas em teorias e visões de um cientista psicótico fictício que guia o leitor/ouvinte através do documentário. Este procura demonstrar que os insetos sobreviverão à destruição da Humanidade. “Adamantine Chains” baseia-se discretamente na “Metamorfose”, de Kafka, e descreve o curto momento de tempo em que Gregor Samsa acorda sem ter consciência da sua “transformação”. Foi por essa razão que demos o nome de “7” à canção que precede esta.

**Dão concertos ao vivo? Se sim, o que previram para a promoção de «Insects»?**

v.03/170: Sim. Trata-se de uma parte essencial da nossa existência como Farsot. Ainda não fizemos planos para promover «Insects», à exceção de alguns concertos. Mas esperamos participar em festivais e queremos fazer uma digressão com alguns parceiros de peso. Obrigados pela entrevista.

**Entrevista: CSA**





retroversus

CHUCK SCHULDINER

a legend never dies

## "only the good die young"

Das várias abordagens que poderia ter feito na escrita deste artigo, escolhi a pessoal. E porquê? Chuck Schuldiner teve (e tem) uma grande influência na minha vida musical. Foi um Gênio, exímio tecnicista, o pai do Death Metal (Melódico) e penso que continuará a ser uma grande influência. daquelas que na adolescência nos leva a cometer a "loucura" de criar uma banda porque, simplesmente, queremos ser iguais a ele. Os Death e Chuck Schuldiner são uma estranha forma de vida.

Chuck Schuldiner morreu cedo... muito cedo. E é com um sentimento de frustração e grande mágoa que escrever sobre alguém que tanta influência teve na nossa vida e que nos deixou aos 34 anos.

Como não sei o dia de amanhã, vou aproveitar esta oportunidade que me foi concedida e tentar prestar o meu tributo e homenagem a um dos músicos que mais me influenciou. Penso que não vou dizer

nada que os fãs mais antigos já não saibam e portanto, vou também direccionar o artigo para quem em ainda não conhece o trabalho de CS.

Não me lembro da primeira vez que ouvi os Death,



lembro-me sim, que o primeiro álbum que ouvi foi o «The Sound of Perseverance» (TSoP) e quem me emprestou foi o E.. Devo dizer que não o consegui ouvir à primeira... bem vistas as coisas até foi algo normal. Nessa altura não suportava – ou não “sabia” – ouvir e apreciar o Death Metal Técnico Melódico. O álbum ficou à espera... qual obra de arte perdida na

sombra do esquecimento.

Quando decidi dar uma segunda oportunidade poderei, seguramente afirmar que foi esse um dos três momentos que transformaram a minha vida musical - O outro foi quando pela primeira vez ouvi o Master of Puppets e o terceiro não interessa para este artigo visto tratar-se de um álbum de Hard Rock... - De toda a discografia dos Death, e atrever-me-ei a afirmar, de todos os álbuns que ouvi até hoje, foi o álbum onde melhor ouvi a combinação de técnica, harmonia, brutalidade e melodia. É para mim o álbum mais emotivo dos Death. Visto a esta distância, terá sido, talvez,

um pronúncio para o destino que CS estaria a pensar em dar à sua música e aos Death. Como já disse na review publicada na VERSUS #13, o melhor álbum de Death Metal jamais feito na história do Metal. Foi sob a influência de TSoP que, juntamente com o meu grande amigo Z, formamos o projecto paralelo mais curto na história das bandas de garagem!

### Thrash Metal.

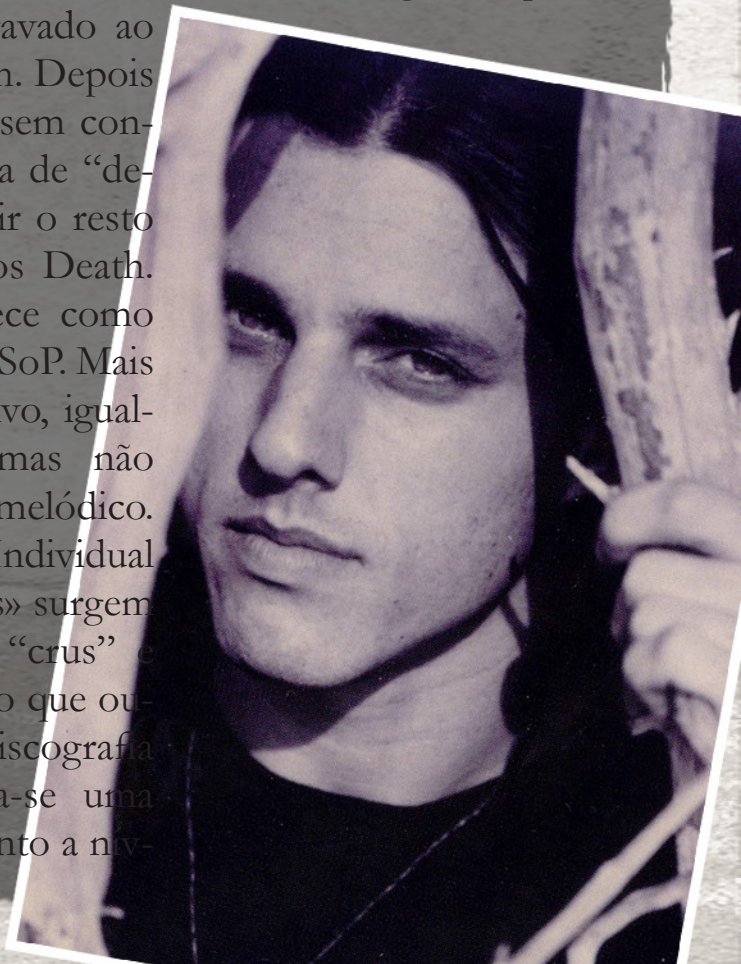
**Tire a primeira palavra de todas elas e deixe uma só: Metal!"**

Por estas razões é sempre com alguma emoção que ouço este álbum e sempre com o pensamento de ter sido o último gravado ao serviço dos Death. Depois de ouvido vezes sem conta chegou a altura de “devorar” e descobrir o resto da discografia dos Death. «Symbolic» aparece como o antecessor de TSoP. Mais pesado, progressivo, igualmente técnico mas não tão emotivo ou melódico. «Human» e «Individual Thought Patterns» surgem um pouco mais “crus” e “rudes”. É curioso que ouvindo toda a discografia dos Death, nota-se uma clara evolução, tanto a niv-

el de sonoridade como da própria voz de CS – passando do Gore até ao Death Metal mais melódico de TSoP. A voz acompanha a evolução, passando de um registo mais grave e cavernoso até uma voz um pouco mais limpa, melodiosa e emotiva que teve o seu culminar no derradeiro TSoP. Estamos em 1996 e CS dedica-se ao seu projecto paralelo, chamado Control Denied.

No único álbum lançado – «The Fragile Art of

Existence» - CS não canta. Em vez disso é convidado Tim Aymar (TA). Dizem as “más línguas” que CS







estava a preparar o fim dos Death como banda, para se dedicar a 100% a este projecto. Musicalmente falando, este álbum assemelha-se muito a TSoP. No entanto, como todas as mudanças são alvo de críticas, infundadas ou não, a voz de TA nunca gerou consenso. Para mim, “encaixa que nem uma luva”.

## **“Os monstros com forma humana estão fora de controlo.”**

Sendo uma voz mais versátil e “limpa” permite outro tipo de harmonias que enriquecem ainda mais as composições dos temas. Em 1999 é-lhe diagnosticado um tipo de tumor cerebral e após vários tratamentos, CS continua, mesmo assim, a trabalhar no 2º álbum dos Control Denied chamado “When Man and Machine Collide”

que por supostas guerras de direitos ainda não “viu a luz do dia”. Já há vários anos que aguardo e anseio por este lançamento.

Pessoalmente, CS sempre soube rodear-se dos músicos mais talentosos: Richard Christy/Gene Hoglan (Bateria), Steve DiGiorgio/Scott Clendenin (Baixo) ou Shannon Hamm (Guitarra). Era apelidado do “Perfecci-

onista do Metal” e por esta razão é que a sua relação com antigos membros da banda não era a melhor levando CS a trabalhar com músicos contratados.

CS foi O inovador e precursor do Death Metal em particular, um ponto de referência pelo qual são regidos todos os álbuns deste estilo. (Principalmente) os 3 últimos trabalhos por ele deixa-



“Lembro-me de ler a notícia da morte de Chuck Schuldiner. Fiquei chocado pela forma como sucedeu, numa idade tão jovem. Person-

alidade incontornável do Death Metal, Schuldiner foi precursor do género na sua vertente mais crua e bruta mas também mais técnica, sem esquecer a melodia. Poucos músicos do género foram tão influentes. Obrigado por tudo, Chuck” Dico



“Os Death foram daquelas bandas que tiveram a coragem de levar a sua música um tanto mais à frente.

Passando do tão sonante som mais pesado a um esplêndido final de carreira em que mudaram o mundo do Metal tal como o conhecíamos até então. É de referir o cliché os Homens que mudam, que fazem uma diferença, morrem sempre antes do seu tempo” Nocturnus Horrendus (Corpus Christi)



“O tempo passa mas a memória fica. Os primeiros trabalhos dos Death acompanharam-me ao longo

de toda a minha vida e terão sempre um lugar especial no coração de todos os fãs de metal. Chuck, onde quer que estejas, hoje bebemos em teu nome!”

Ash (Nargaroth)



“O meu primeiro contacto com os Death, foi quando vi o vídeo do tema “Lack of comprehension”, tinha eu

15 anos de idade. Desde aí tornei-me um grande fã de Death, e posso dizer que o a música do Chuck inspirou-me muito artisticamente. O seu desaparecimento foi mesmo uma grande perda para o mundo do metal. Ele foi um dos músicos mais honestos que conheci e foi exactamente essa honestidade e essa simplicidade que usei como modelo para mim”

Sahil “The Demonstealer” Makhija (Demoniac Resurrection)



do – “Symbolic”, “The Sound of Perseverance” e “The Fragile Art of Existence” funcionam como barômetro e termo de comparação para tudo o que ouço, principalmente dentro deste estilo. A sua herança está a ser gerida pela mãe e irmã e o sítio [www.emptywords.org](http://www.emptywords.org) é uma paragem obrigatória, um santuário de emoções onde nos podemos inteirar de todo o legado deixado por este verdadeiro génio. Fez no passado 13 de Dezembro, 10 anos que o mundo da música ficou mais pobre. Outros génios igualmente partiram, mas foi CS que mais me influenciou. Ainda é, e será sempre, com emoção e um sentimento especial que ouço o seu contributo! A sua herança é uma forma de vida e a minha homenagem para ele é a divulgação da música, em particular do Metal, qualquer que seja o estilo! OBRIGADO!

Termino este artigo como sempre:

“Support music, not rumors” – Chuck Schuldiner (13/05/67 – 13/12/01)

Eduardo Ramalhadeiro



Médio Oriente. Ao ouvir Death percebe-se facilmente que se trata, não só de música pura e honesta, mas também de música à frente do seu tempo. Nunca tive a sorte de ver os Death ao vivo, mas o seu legado ficará para sempre como uma grande influência nos Nervecell. Longa vida à lenda!”  
Barney Ribeiro (Nervecell)



o metal pesado a uma nova dimensão, até então desconhecida. Chuck Schuldiner, mais que um músico, mais que o fundador dos Death, representou um estilo, uma geração e uma tendência musical com futuro!”  
Pedro Pedra (Grog)



“É curioso constatar que muitos miúdos, assim que abraçam este sub-mundo, sentem uma enorme curiosidade em descobrir o legado de Chuck Schuldiner. Quando me pedem informações sobre o assunto, a reacção imediata passa por sugerir que se ouçam os primeiros segundos do álbum «The Sound of Perseverance». Pura classe e um sucesso instantâneo!”

Guilhermino Martins (ThanatoSchizo)



“Os primeiros álbuns dos Death foram uma grande fonte de inspiração para mim. O «Spiritual Healing» saiu na altura em que eu ainda estava a aprender a tocar guitarra, e foi esse disco que me fez ficar várias vezes em casa à noite, a tentar descobrir como tocar algumas partes (cheguei a fazer uma cover do “Beyond the unholy grave” com a minha primeira banda, na escola secundária). A verdade é que os Death não tinham par no que toca à técnica, groove, brutalidade e singularidade do seu som. A voz do Chuck e o seus riffs são algo que ainda considero pessoalmente inspirador. Um grande hail para o Chuck – um verdadeiro visionário e pioneiro no Death Metal!”  
Rune Eriksen (Ava Inferi, ex-Mayhem)



## DEATH

«Individual Thought Patterns» (2 CD Deluxe reissue) (Relapse Records)

Toda a discografia dos Death tem vindo a ser re-lançada, e neste número da VERSUS é a vez de escrever um pouco sobre «Individual Thought Patterns» (ITP). Como sempre, Chuck Schuldiner (CS) é mestre. Em 1991 era lançado «Human» (VERSUS #15) e enquanto se esperava o lançamento de ITP as expectativas em torno deste eram elevadas. Como ficou provado em todos os seus anos de actividade, CS sempre soube superar todas as expectativas. Em ITP, CS continua a expandir as ideias já apresentadas em «Human» e o resultado é um álbum mais técnico e progressivo e igualmente “pesado” - sem dúvida dos melhores álbuns de Death Metal. Não é de admirar, pois, que o álbum se chame «Symbolic»... Ao contrário dos outros álbuns, é em ITP que CS divide mais vezes os solos com o segundo guitarrista, neste caso, Andy LaRoque. Como sempre disse, CS sempre se soube rodear dos mais talentosos. De referir que este é o primeiro álbum dos Death em que Gene Hoglan participa e o último de Steve DiGiorgio que diga-se de passagem tem uma prestação, simplesmente, fenomenal...!!! Das melhores que já ouvi até hoje. Remasterizado por Alan Douches (profundo conhecedor do trabalho dos Death que remasterizou, também, «The Sound of Perseverance» e «Human»), esta edição, tal como todas as outras que têm vindo a ser remasterizadas, conta com mais um CD. Este é composto por 11 temas ao vivo, gravados no dia 13/04/1993. Muitas vezes nestas re-edições e temas ao vivo de material ainda não editado, o som não é da melhor qualidade, no entanto, o trabalho desenvolvido na masterização é excelente. Este é um CD extra que realmente é uma mais-valia para esta edição de «Individual Thought Patterns».

“Support music, not rumors” – Chuck Schuldiner (13/05/67 – 13/12/01)

[10/10] Eduardo Ramalhadeiro









# Passatempo Echidna

## Rastilho Metal Records

A Versus Magazine tem para oferecer 2 (duas) cópias de «Dawn of the Sociopath», o novo trabalho dos nortenhos Echidna, aos primeiros leitores que responderem correctamente à seguinte pergunta:

- Na mitologia grega, o monstro Echidna é descendente de uma outra entidade. Qual? (\*)



As respostas devem ser enviados por email para [versusmagazinept@gmail.com](mailto:versusmagazinept@gmail.com), indicando nome e endereço postal completo.

Este passatempo termina às zero horas do dia 30 de Janeiro, data em que serão divulgados os nomes dos premiados em [www.myspace.com/versusmagazine](http://www.myspace.com/versusmagazine) e na página do facebook

(\*) Para encontrar a resposta facilmente, leia a entrevista com a banda nas páginas desta edição.



# ESOTERIC



## Escuridão sonante

São mestres no que fazem e dificilmente nenhuma banda se exprime da forma como os Esoteric se exprimem. Por serem tão únicos e exemplares carregam o fardo de se superarem álbum após álbum. E o mais espantoso é que conseguem com uma naturalidade que só a eles é inerente. Quisemos saber mais sobre o que esconde «Paragon of Dissonance», a nova proposta destes ingleses, e para isso conversámos com Greg Chandler, vocalista e guitarrista.

Após o genial «The Maniacal Vale», Esoteric apresenta-nos um soberbo «Paragon of Dissonance». É incrível como a tua banda consegue ser melhor álbum após álbum. Qual é o vosso segredo?

Greg Chandler: Obrigado! A verdade é que não há nenhum segredo; apenas tentamos progredir e desenvolver a música da banda com o passar do tempo. Creio que aprendemos com as coisas com as quais não estamos satisfeitos de cada vez que compomos e gravamos um álbum, das coisas que podemos aperfeiçoar, e tentar melhorar na próxima vez.

Olhando para o vosso álbum de estreia e seguintes, é fantástico observar a vossa evolução mesmo sabendo que todos os trabalhos são “masterpieces”. Como é que describes o «Paragon of Dissonance» musicalmente e conceptualmente?

Com este álbum tentámos não adicionar demasiadas camadas sonoras para que os elementos chave das composições pudessem estar mais definidas na mistura final. Musicalmente é, consequentemente, um pouco mais claro de identificar as partes das músicas do que nalguns álbuns anteriores. Emocionalmente é também um pouco mais diversificado, com atmosferas e emoções

mais abrangentes, desde a melodia e tranquilidade até secções muito extremas, negras, tristes e agressivas. Conceptualmente é um pouco vazio, muitas vezes introspectivo onde lido com os recessos mais profundos e negros da psique. É importante que os sentimentos das letras e das vozes também se adequem à música, e acho que ambas se retratam uma à outra muito bem.

**Como é que trabalham nos Esoteric? Todos os músicos participam com ideias?**

Qualquer um na banda é bem-vindo para contribuir no processo de composição - mas este varia. Neste álbum há 3 compositores principais,





## “Somos inspirados pelo lado negro da mente, e isso é o que tentamos recriar em forma de música.”

eu, o Jim e o Gordon. Mas todos os membros da banda são livres para contribuir com as suas próprias ideias e acrescentar malhas. Penso que ter diferentes compositores contribui para a diversidade de cada álbum. Nós ensaiamos e experimentamos cada música por uns tempos antes de gravarmos, depois a versão do álbum que gravámos tornar-se-á na versão definitiva que futuramente tocaremos ao vivo.

**Onde é que tu (ou vocês todos) vão buscar tanta inspiração para comporem temas tão longos quanto geniais?**

Penso que depende de cada indivíduo. Mas para mim, pessoalmente, eu acho que o melhor momento para compor é quando te sentes levado a criar algo... emoções, pensamentos, sentimentos; quando se está num intenso e inspirado estado de espírito. Somos inspirados pelo lado negro da mente, e isso é o que tentamos recriar em forma de música. Uma parte de nós, algo perto de nós que poderemos nos apaixonar.

**O teclista Olivier Goyet aban-**

**donou os Esoteric? Quem compôs as partes dos teclados no álbum?**

Sim, Olivier deixou a banda em Julho de 2009 logo após o Supersonic Festival, onde tocamos como banda de apoio à Jarboe tal como Esoteric. Basicamente ele mudou-se para a França e não iria ser possível para ele continuar na banda. No álbum atual o principal compositor compôs as partes dos teclados para cada música, como era costume no passado, e mesmo algumas vezes durante o tempo do Olivier na banda. Eu compus e toquei as partes de teclado para as músicas que escrevi, o Jim e o Gordon fizeram-no nas suas. Mark Lockett gravou a maioria das partes de piano porque queríamos um verdadeiro pianista para tocá-las, e deu-nos a sua própria interpretação dessas partes. Queríamos alguém cujo primeiro instrumento fosse o piano. Mark é um grande músico, alguém a quem já gravei vários álbuns ao longo dos anos, de música muito variada e de estilos inovadores. Ele também gosta da nossa música, por isso quando pensámos em alguém que iria tocar as

partes de piano, pensámos nele.

**E o Jim Nolan juntou-se à banda. Ele participou na composição do «Paragon of Dissonance»?**

É verdade, e o Jim contribuiu para as músicas do álbum, compondo três dos sete temas. Eu escrevi três e o Gordon contribuiu com uma. O estilo de tocar guitarra e de solar do Jim é diferente do estilo do Gordon e do meu – mais melódico – e isso gerou um contraste ainda maior à diversidade inerente ao álbum, e sentimos que encaixou muito bem. Ele é um músico muito bom e também com experiência em criar sons e efeitos, e também em gravação de estúdio. Tínhamos estado à procura de um terceiro guitarrista permanente desde que o Steve Peters deixou a banda em 2007, e o Jim juntou-se a nós em 2009.

**Concordas se eu disser que a música dos Esoteric não é para toda a gente? Que é necessário algum tipo de disposição e de humor para ouvir a vossa música?**

Sim, concordo. Requer alguma









**“(...) é também um pouco mais diversificado, com atmosferas e emoções mais abrangentes, desde a melodia e tranquilidade até secções muito extremas, negras, tristes e agressivas.”**

dedicação e precisa de ser ouvida com cuidado e frequentemente antes de um estreante conseguir compreender o que realmente está a acontecer na música e paisagens. E sim, a disposição e o feeling são muito fortes; por isso a música tem de ser ouvida no momento quando verdadeiramente conseguires relacionar-te com ela e apreciá-la. Não é fácil ouvi-la e não funciona muito bem como música de fundo.

**Não estás preocupado com as cópias ilegais? Tens alguma opinião sobre isso?**

Bem, não há muito interesse em preocupar-me com isso. Piratear e copiar música já existe há décadas. É bastante mais fácil agora e rápido com os downloads na internet, permitindo a qualquer um que queira possuir um álbum gratuitamente. Eu acho que as pessoas que verdadeiramente gostam da música con-

tinuarão a comprá-la, e todos os que entendem que as bandas simplesmente não conseguem álbuns a não ser que alguém os compre. Mas claro, todas as bandas e editoras dizem que a ameaça geral é que vendem menos álbuns nos dias de hoje do que no passado. Pessoalmente eu continuo a preferir ouvir CDs, vinil e comprar os álbuns das bandas que gosto. Eu cresci a comprar álbuns e continuo a gostar de ouvir música dessa maneira. Aprecio muito mais ter a embalagem completa, com artwork, letras, etc, do que ter apenas um MP3.

**Perguntei-te isso precisamente pelo facto de que ter um original é muito mais do que ter música. Neste caso, «Paragon of Dissonance» tem novamente um artwork fantástico. Quem o fez?**

O artwork foi criado pela Kati As-traier eo layout e o design gráfico

foi feito pelo Mauro Berchi, o mesmo que nos últimos álbuns. Kati é uma artista muito boa e foi por isso que escolhemos trabalhar com ela novamente. Mauro é ótimo com o grafismo e o layout, e fez todo o trabalho muito bem.

**E quanto a concertos e Tours? Vão promover o vosso novo trabalho no palco?**

Sim, temos algumas tours e concertos alinhados para o próximo ano. Anunciaremos essas datas quando elas estiverem confirmadas.

Entrevista: Víctor Hugo



# Vallenfyre

## O fogo do rei

Eis que nos chega às mãos uma criação de um dos mais importantes compositores de Gothic/Doom Metal da década de 90: Gregor Mackintosh, guitarrista dos Paradise Lost. Vallenfyre é a sua outra casa, com memórias, fantasmas e sentimentos que não conseguiria abordar nos Paradise Lost. A VERSUS Magazine quis saber que sentimentos são esses, que fazem de «A Fragile King» um álbum tão negro e tão atrativo.

**A minha primeira questão é bastante óbvia. Quais são as razões para a criação de Vallenfyre?**

Gregor Mackintosh: O principal catalisador para a criação de Vallenfyre foi a doença e a morte do meu pai. Eu precisei de alguma coisa na altura e acabou por ser isto. Quem diria?

**A banda tem muitos bons músicos, e todos com créditos firmados. Foi difícil de junta-los? Afinal de contas, alguns têm bandas muito ativas. Mas Scoot e Mully não têm tanta atividade como os**

**outros têm nos Paradise Lost e My Dying Bride.**

Todo o pessoal de Vallenfyre são apenas muito bons amigos. Por causa disso foi bastante fácil para mim saber a quem pedir para se juntar à banda. A parte mais difícil foi ter todo o pessoal num local o tempo suficiente para gravar um álbum. Por acaso o Scoot até estava ocupado com outras bandas quando estávamos a fazer o álbum. Se ele não estivesse nos Estados Unidos com os Doom, estaria no Japão com os Extinction of Mankind. Nessa altura os Paradise Lost estavam a fazer alguns concertos. Demorou cerca de



# “Algumas coisas que influenciaram inicialmente os Paradise Lost influenciaram o «A Fragile King», mas também influenciou muito material recente.”

4 meses, no total, para terminar, mas divertimo-nos muito a fazê-lo.

## **Scot trouxe algumas influências à música dos Vallenfyre?**

Eu escrevi quase tudo antes de ter formado a banda, por isso não posso afirmar que tenha trazido algumas influências. Mas, crescemos em circunstâncias musicas muito parecidas, no punk, no crust e na cena do Metal extremo, e certamente que ele ajudou ao dar ao álbum uma qualidade mais “crusty” com a soa sonoridade e estilo de tocar.

## **E acerca do Mully?**

Ele é um grande amigo meu dos copos. Todas as quintas-feiras vou à casa dele e ouvimos Metal e embebedamo-nos. Ele foi a escolha perfeita.

## **Porque é que decidiste ser o vocalista? Não encontraste um?**

Não consegui pensar em nenhum amigo cujas vozes eu gostasse para este álbum, e as letras eram tão pessoais que apenas eu poderia dar-lhes voz. Sou como um vocalista acidental.

## **Como é que trabalhaste na composição do «A Fragile King»? Todos contribuíram com ideias?**

Como disse há pouco, escrevi praticamente tudo antes de ter os outros envolvidos, porque quando comencei isto não fazia a menor ideia que se tornaria numa banda ou que um álbum seria lançado. Apenas tomei um dia de cada vez e fiz o que senti que estava correto.

## **Quem é que convidaste para gravar e misturar o álbum?**

Gravamos as guitarras na casa de um engenheiro de som amigo meu chamado de James Dunkely. Gravamos a bateria e as vozes nos Parlour Studios UK, e depois e tive o Russ Russell (Napalm Death) a misturá-lo.

## **A tua música tem um selo, ou mesmo uma marca, do feeling da tua guitarra. Alguma vez pensaste em tocar outro estilo de música, como por exemplo Thrash Metal ou mesmo Power Metal?**

Eu gostei de algumas bandas de Thrash Metal nos anos 80, mas nunca o suficiente para querer toca-lo. Mas nunca gostei de Power Metal. Ugh... demasiado piroso para mim.

## **Na primeira experiência com o «A Fragile King» apanhamos o feeling dos trabalhos antigos dos Paradise Lost. Mas há muito mais que Doom em Vallenfyre, não é verdade?**

Sim. Algumas coisas que influenciaram inicialmente

Paradise Lost influenciaram o «A Fragile King», mas também influenciou muito material recente. Qualquer coisa desde Amebix a Autopsy, Nihilist a Saint Vitus e muitos mais. Basicamente todo o material que gosto entre os anos '84 e '90.

## **E quanto às letras, o título do álbum e o nome da banda? O que é que significam?**

As letras são 60% acerca dos meus sentimentos em relação ao que o meu pai passou, e o resto trata a sociedade, religião e afins. O título do álbum foi inspirado no meu pai, mas poderias aplicá-lo a alguém que idolatrasses e pensasses que seria invencível apenas para descobrires que são vulneráveis como qualquer outro. O nome da banda são apenas duas palavras do velho dialeto Inglês. “Vallen” significa “forte” e “fyre” significa “fogo”. Gostei do modo como soavam.

## **Tenho certeza que estás muito satisfeito com o produto final. Tens algumas expectativas de grande sucesso?**

Estou satisfeito mas estamos a fazer isto para nos divertirmos. Não tenho expectativas e não vejo realmente um mercado em massa para algo tão extremo. Apenas quero divertir-me com os meus amigos a tocar música que ouvíamos a crescer.

## **Como vês o flagelo do MP3 e a indústria da música? Acreditas que a mentalidade das pessoas que fazem downloads ilegais poderá mudar?**

Detesto downloads. Pura e simplesmente é roubar. Mais, cresci numa época em que ter o artwork era importante. Eu tinha o hábito de observar as capas dos álbuns durante horas e ler as letras. Se os miúdos nunca souberam o que é isso, como podem eles mudar a sua mentalidade? Não tenho respostas.

## **Podemos ver os Vallenfyre no palco?**

Começaremos por fazer alguns espetáculos no início de 2012 e alguns festivais de Verão. Se formos a Portugal dependerá se pessoas suficientes nos querem ver e se os promotores locais nos agendarão. Por isso, comecem a incomodar os vossos promotores locais e poderemos estar no palco perto de vocês.

**Entrevista:** Victor Hugo





## Ressurgimento de uma nova torre

Seis anos depois, os brasileiros Mythological Cold Towers estão de volta com «Immemorial» - o ressurgimento de uma nova torre que termina a trilogia sobre cidades, povoações, mundos perdidos, iniciada em 2000. Um mundo sombrio, obscuro cheio de mitologia retratado num doom/death metal que coloca estas torres num patamar qualitativo muito alto.

O guitarrista Shammash fala-nos abertamente do novo álbum, das várias temáticas que abordam e deste curioso projecto que está numa fase ascendente e anseia por um salto para os maiores palcos conhecidos.



**“...a nossa música (...) emana uma aura de poder e mistério ...”**

**Os Mythological Cold Towers (MCT) não são uma banda do chamado mainstream. Podes nos contar em que circunstâncias surgiu a banda?**

Shammash: Saudações! O MCT surgiu no início dos anos 90, numa época em que o doom Metal estava em seu apogeu na Europa. A cena doom metal no Brasil surgiu também nessa época, mesmo que tenha sido com poucas bandas. Sentimos uma rajada de ventos frios e densos vindos de lá e aquilo fez-nos diferenciar dos estilos convencionais do Metal que existiam e ainda existem no Brasil. Por incrível que pareça, Mythological Cold Towers conseguiu ter um certo impacto no underground mundial com o lançamento do «Sphere Of Nebaddon» em 1996, que é considerado um álbum “cult” do doom/death. A questão de ser ou não mainstream é relativa, porque mesmo não tendo uma projecção semelhante aos grandes nomes do género, somos considerados uma banda marcante e de culto pelos fãs de doom Metal underground.

**Normalmente o doom metal está imbuído de referências a questões existenciais de um indivíduo. No vosso caso referem-se, de facto, a questões existências, mas de cidades/civilizações perdidas. Como surgiu a ideia de abordar este tipo de temas?**

A ideia surgiu desde o início, como o próprio nome da banda já sugere. Sempre fomos apreciadores de história, civilizações perdidas, mistérios, lendas fantásticas, enfim, tudo que se refere ao passado enigmático da raça humana. Além disso, a nossa música também emana uma aura de poder e mistério que se conecta perfeitamente com essa temática, fazendo com que o ouvinte visualize gigantescos monólitos e cidades perdidas de eras antigas.

**Seis anos distam entre o «The Vanished Pantheon» e o «Immemorial». Alguma razão para este longo período de tempo sem novos discos?**

Os MCT nunca tiveram como prioridade lançar discos anualmente. Preferimos lançar poucos álbuns, mas que possuam uma característica marcante e uma temática diferenciada. A elaboração sempre foi cuidadosa e complexa, visando sempre o melhor resultado possível. Como consequência deparamo-nos com grandes problemas como os altos custos de uma boa gravação e isso tem sido um dos principais motivos da demora entre nossos álbuns. Certamente agora com o nosso contrato com a Cyclone Empire, esse problema será solucionado e poderemos gravar em menores períodos de tempo.

**Falando um pouco do vosso último álbum e comparando com o anterior, vê-se um álbum vocalmente mais “forte” e mais “negro” e a nível instrumental mais lento, mas com arranjos mais arrojados e com uma maior dose de pormenores. Esta diferença é a vossa evolução natural? Contem-nos como surgiu esta mudança.**

Sim, evolução, amadurecimento e objectividade. A

banda está estabilizada e convicta dos seus objectivos, então criamos um álbum que reflectisse todo nosso apreço pelo doom metal e toda a tradição que temos dentro deste estilo, incorporando elementos épicos, monumentais e desoladores, que são característicos dos Mythological Cold Towers. O resultado foi o lançamento de um álbum de doom metal coeso e consistente.

**Acham que com este álbum já encontraram o vosso “El Dorado”? Ou neste caso, a “Akakor” na vossa experiência musical? Ou ainda estão em busca de algo “por encontrar”?**

Achamos que nossa música está definida desde o álbum «Sphere Of Nebaddon», mas com o «Immemorial», a banda conseguiu moldar ainda mais sua personalidade e manteremos esse nível, podendo criar atmosferas sempre épicas e lúgubres para os próximos álbuns. A característica dos antigos álbuns do MCT será sempre mantida também.

**Visto que as capas dos vossos álbuns estão sempre carregadas de simbolismos, expliquem-nos o significado da capa do «Immemorial»?**

Trata-se de um ritual misterioso e sombrio de uma tribo indígena do Alto Xingú, uma região localizada na Amazônia. A imagem é a capa de um livro chamado “Apapaatai: Rituais de Máscaras no Alto Xingú”,







escrito por um antropólogo brasileiro, Dr. Aristóteles Barcelos, que actualmente mora na Inglaterra. Essa imagem reproduz bem o tema do álbum «Immemorial» e condiz com a música que o MCT toca, ou seja, algo bastante assombroso, misterioso e obscuro.

**Algo que me intriga é, tendo vocês já cerca de 17 anos como banda, e apesar de grande parte da critica fazer bons comentários à vossa sonoridade, porque é que ela continua “esquecida” dos grandes festivais e das grandes tournées internacionais? Trata-se de uma decisão pessoal ou de facto de um esquecimento dos organizadores?** Nem uma coisa nem outra. Nós sempre tivemos interesse em fazer parte do circuito internacional, tocando em festivais do género. O problema é que, durante a maior parte da trajectória dos MCT, não tínhamos estrutura adequada para isto. Hoje em dia é diferente. O novo álbum está ajudando a banda a ser mais conhecida na Europa, graças ao grande trabalho de divulgação do selo Cyclone Empire. Além disso, nosso baterista Hamon mora na Irlanda, facto este que poderá ajudar a banda nesse sentido, já que ele está mais próximo do circuito europeu do que o resto dos elementos da banda, contactando possíveis organizadores de festivais.

**Há várias bandas de doom na Europa, e sendo vocês Brasileiros, já alguma vez vieram a Portugal? Olham para Portugal como um bom ponto de partida para entrarem no mercado de espectáculos europeus? E o que é que as pessoas podem encontrar nos vossos concertos?**

Nunca estivemos em Portugal antes, infelizmente. Temos interesse em conhecer o país de origem do nosso idioma e de costumes que ainda fazem parte da nossa cultura. Além do mais, conheço boas bandas portuguesas como Insaniae, Moonspell, Desire, Thragedium, entre outras e isso me faz pensar o quanto a cena doom portuguesa parece ser grande! Durante

um concerto dos MCT, faremos com que as pessoas sintam a essência do doom metal pesado, épico, nostálgico e denso. Iremos transportá-las a antigas eras de raças atlânticas que ergueram seus enormes e colossais megalíticos e contaremos antigas lendas de cidades enterradas nas profundezas das florestas amazónicas.

**Como já que se fala muito disto actualmente, e visto ser um assunto do vosso interesse, já pensaram nalgum tema que aborde o tema do fim do calendário Maia? O que acham que irá acontecer em 21 de Dezembro de 2012?**

Nós já abordamos o tema pré-colombiano no álbum anterior, «The Vanished Pantheon», assim, com o álbum «Immemorial» fecharemos a trilogia sobre as Américas, iniciada pelo segundo álbum «Remoti Meridiani Hymni». Quanto ao 2012, há uma grande tensão criada pelos media, por trás das profecias Maias. No meu ponto de vista, o mundo já está acabando desde muito tempo, desde o surgimento da Revolução Industrial que a terra está sendo castigada e explorada para o interesse das grandes indústrias. A Natureza já está dando seu sinal de vingança há muitas décadas. O grande exemplo disso são os vários cataclismos e tragédias naturais ocorridas nos últimos anos. 2012 é apenas uma data simbólica que marca a agonia desta terra amaldiçoada pela ambição humana.

**Muito obrigado e que Quetzacoatl vos acompanhe!**

Obrigado caro amigo Sérgio, pelo espaço cedido ao Mythological Cold Towers. Força e honra ao doom metal, sempre!

**Entrevista:** Sérgio Pires





*Os  
nossos  
votos...*

***boas festas  
para todos  
os leitores!***



# VERSUS TRIAL BY FIRE

		Carlos F.	Eduardo R.	Ernesto M.	Sérgio P.	Sérgio T.	Victor H.	
3 The Ghost You Gave To Me (Metal Blade Records)		☆☆		☆☆☆☆ ↑	☆☆☆	☆☆☆☆ ↑	☆☆☆	3.3
BLACK SUN AEON Blacklight Deliverance (Cyclone Empire)		☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆	☆☆☆	4.0
BRUTAL TRUTH End Time (Relapse Records)				☆☆☆		☆☆☆☆ ↑		3.3
CYNIC Carbon-Based Anatomy (Season of Mist)			☆☆☆	☆☆☆	☆☆☆☆ ↑	☆☆☆☆	☆☆	3.2
ECHIDNA Dawn of the Sociopath (Rastilho Records)		☆	☆☆☆☆ ↑	☆☆☆☆ ↑	☆☆☆☆ ↑	☆☆☆☆	☆☆☆☆ ↑	3.3
ESOTERIC Paragon of Dissonance (Season of Mist)		☆☆☆		☆☆☆☆	☆☆	☆☆☆☆	☆	3.6
HAMMERS OF MISFORTUNE 17th Street (Metal Blade Records)		☆☆☆☆ ↑	☆☆☆☆	☆☆☆☆ ↑	☆☆☆	☆☆☆☆ ↑	☆☆☆☆ ↑	3.5
LANTLOS Agape (Prophecy Productions)			☆☆☆☆ ↑	☆☆☆☆ ↑		☆☆☆☆	☆☆☆☆	4.0
STEPHAN FORTÉ The Shadows Compendium (Listenable Records)		☆☆☆☆ ↑	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆	☆☆☆☆ ↑	☆☆☆☆	4.0
VALLENFYRE A Fragile King (Century Media)		☆☆☆☆	☆☆☆	☆☆☆☆ ↑	☆☆☆☆ ↑	☆☆☆☆	☆☆☆☆	3.7

**1 Estrela Grande** - Obra prima / **4 Estrelas** - Excelente / **3 Estrelas** - Esforçado / **2 Estrelas** - Esperado / **1 Estrela** - Básico / **1 Estrela Negra** - Desastoso



# próxima versus

sear bliss :: stephan forté

3

## AMonteiro

Design & Multimédia

---

[www.amonteiro.net](http://www.amonteiro.net)





**666% disponível**

Eis a expressão usada por esta banda a fim de manifestar a sua disponibilidade para responder às nossas perguntas. Tal resposta diz muito sobre a perspectiva Black Metal que os Tsjuder têm não só sobre a música, mas também sobre a vida.

Aproveitando tal abertura, a VERSUS Magazine mobilizou-se para preparar uma interessante conversa com os veteranos noruegueses, que acabam de lançar o seu segundo álbum pela Season of Mist (quarto na sua carreira), depois de um longo interregno de cinco anos.

A primeira pergunta para a banda diz respeito a um detalhe que me intrigou bastante. Por que razão decidiram adotar o nome de uma lendária tribo russa de um filme dos anos 80 para designar a vossa banda?

Nag: Só um pequeno número de pessoas sabem que originariamente a banda se chamava "Ichor". Esse

nome pareceu-nos muito menos pessoal e, por conseguinte, decidimos mudá-lo. Parece-me que "Tsjuder" assenta muito bem à banda. Esse povo também vivia na Noruega e era impiedoso, brutal. Portanto, temos o nome de um povo brutal para uma banda que faz música brutal.





E que tal falarmos um pouco da história da banda? Por que razão a dissolveram, quando estavam a ter tanto sucesso que tinham obtido um contrato com uma editora como a Season of Mist? Li críticas ao vosso álbum anterior, que lançaram nessa altura, e eram todas excelentes.

Nunca tivemos a intenção de nos tornarmos famosos e sermos uma “grande” banda. Portanto, quando sentimos que precisávamos de nos separar, fizemo-lo (embora a Season of Mist tivesse achado a nossa atitude uma perfeita estupidez). Estávamos a tocar juntos há 13 anos e, muito naturalmente, já estávamos fartos. Precisávamos de tempo para procurar inspiração e motivação, para podermos continuar este nosso projeto musical.

Pressuponho que a Season of Mist confiava na banda, uma vez que esperou sete anos pelo vosso

segundo álbum. O que justifica que depositem tanta fé em vocês?

Sempre trabalhamos muito bem com a SoM e mantivemos o contacto, apesar de a banda estar inativa. Suponho que essa confiança deriva do facto de sermos uma banda com quem é fácil trabalhar. Temos uma relação muito boa com os profissionais da editora.

Por que só têm 4 álbuns editados, tendo em conta o facto de que a banda surgiu nos anos 90? Terá sido uma consequência da vossa história movimentada?

Nunca tivemos pressa. Preferimos gastar mais tempo a criar um bom álbum do que stressarmo-nos todos para produzir dois álbuns medianos. E, de facto, as constantes mudanças de formação não nos ajudaram nada.

Ser norueguês é uma vantagem, quando se faz black metal, ou, pelo contrário, é uma desvantagem? Que novas ideias trouxe a vossa banda à cena BM do vosso país?

Não me parece nem uma vantagem, nem uma desvantagem. Há bom BM (e metal em geral) em inúmeros países pelo mundo inteiro. Também não estamos preocupados em trazer novas ideias ou experiências. Tentamos manter-nos fiéis às nossas raízes e, muito provavelmente, é isso que nos torna um pouco especiais comparados com muitas das outras bandas.

O que mudou na banda nesta sua “segunda vida”? Ou sentem-se iguais ao que sempre foram?

Continuamos a ser os mesmos. Não tentámos mudar nada, nem queremos fazê-lo.

A primeira impressão que tive a propósito «Legion Helvete» é de que recorda bandas “clássicas” de BM que estão agora no apogeu: por exemplo, Dark Funeral ou Marduk. Que pensas disto?

É curioso que menciones essas bandas. Fomos muito inspirados pelos Marduk, mas não vejo qualquer relação entre nós e os Dark Funeral. Francamente, penso que nos aproximamos mais de Immortal dos velhos tempos ou Gorgoroth.

O que significa o título do vosso álbum? Reparei que uma das faixas do vosso álbum anterior [«Desert Northern Hell», 2004] se chama “Helvete”, mas, como as letras estão escritas na vossa língua materna, que eu desconheço, não pude lê-las.

A tradução é simples: “Hell’s Legion” [“Legião do Inferno”].

A estética deste álbum é muito diferente da arte que caracterizava os vossos lançamentos anteri-





**“Parece-me que “Tsjuder” assenta muito bem à banda. [...] temos o nome de um povo brutal para uma banda que faz música brutal.”**

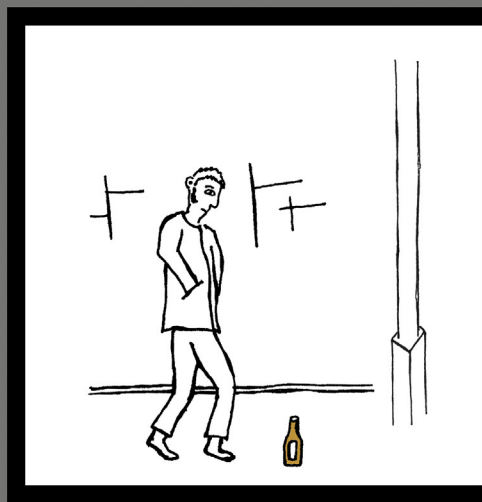
ores, que me fazia lembrar álbuns de bandas “antigas” como Darkthrone e Mayhem. Esta mudança de imagem foi propositada? Queriam modernizar a imagem da banda?

Pretendíamos usar uma fotografia na capa do álbum, como nos anteriores, mas não tínhamos nenhuma foto que servisse. Por outro lado, queríamos trabalhar o conceito de demónio e a sua representação simbólica. E saiu o que viste! Não me parece uma estética muito moderna. A única coisa “moderna” no álbum é o facto de a versão digipack ser colorida.

Onde podemos ir ver-vos tocar? O que diriam, se vos convidassem para tocar no nosso país cheio de sol? De momento, temos 6 ou 7 concertos confirmados, na Noruega, na Suíça, na Alemanha e... em Portugal. Mas podem convidar-nos sempre que quiserem. Temos bastantes ofertas e, se tivermos tempo e disposição, não faltaremos.

Entrevista: CSA

## Shots de Catequese



Carroll K. Mayes





# EINHERJER

## Da importância da flexibilidade e das raízes

Einherjer é uma banda que bem merece o nome que escolheu: tal como os míticos guerreiros, caídos no campo de batalha, que aguardam no Valhalla a chamada para o “ragnarok” e continuam a lutar, vendo as suas feridas sempre curadas, esta banda norueguesa está a conhecer uma verdadeira “ressurreição”. Assim, em 2011, lançaram um novo álbum – «Norrøn» –, sendo de referir que o anterior – «Blot» – data de 2003.

Depois de alguma espera, conseguimos “chegar à fala” com Gerhard Storesund, o baterista da banda, para discutirmos um pouco o rumo que a banda norueguesa pretende seguir, na sua nova vida.



## **“A música de Einherjer corresponde mais a uma espécie de “pintura musical” do que a meras canções. Einherjer é uma mistura de muitos estilos diferentes [...]”**

O nome “Einherjer” assenta mesmo bem à banda, porque esta se desmembrou e depois “ressuscitou”. Por que razão este vosso projecto musical está a conhecer duas vidas?

Gerhard Storesund: Apesar dos três membros de Einherjer também fazerem parte de Battered, há uma grande diferença entre estas duas bandas. Retrospectivamente, podemos dizer que Battered nos serviu para recarregar baterias. É essencialmente uma banda de thrash metal, um estilo com o qual todos crescemos. A música de Einherjer corresponde mais a uma espécie de “pintura musical” do que a meras canções. Einherjer é uma mistura de muitos estilos diferentes e, para fazer a sua música, vamos buscar influências a inúmeras fontes. Pessoalmente, gosto mais de compor para Einherjer. Battered é um projeto divertido, Einherjer é uma espécie de estilo de vida. E agora está de volta à cena.

**Vocês parecem ser uma banda muito controversa, com frequentes mudanças de alinhamento. O que gerou todas essas convulsões? E como alcançaram a estabilidade que parecem estar a viver agora?**

É verdade que tivemos um bom número de membros durante o nosso percurso. Penso que há tantas razões para essas mudanças quantos os membros que a banda teve e tem. Duas das razões mais fortes para todas as alterações registadas ao longo da história de Einherjer são o grau de compromisso com a banda que cada um se sentia capaz de assumir e as suas opções quanto à direcção musical a seguir. Neste momento, estamos bem juntos.

**Agora a banda só conta com três membros. Como conseguem fazer tanto “barulho” com tão pouca gente?**

Nos concertos ao vivo, temos mais um elemento: um baixista de sessão. Além disso, também recorremos muito a samples. Queremos que a música de Einherjer ao vivo soe tão próxima da das gravações quanto possível. Portanto, nos concertos ao vivo, também incluímos a maioria dos elementos sinfónicos que é possível encontrar nos nossos álbuns de estúdio.

**Imagino que escrevem juntos a música e as**

**letras. Como se organizam para fazer este trabalho?**

Na realidade, escrevemos sempre a música primeiro. Como para mim a voz é também um instrumento rítmico, vamos pensando nela quando estamos a compor a estrutura rítmica das nossas canções. Acontece o mesmo relativamente à estrutura melódica. As letras surgem depois e são adaptadas à música.

**Consideram-vos como uma banda de Viking/pagan metal. Mas, ao ouvir a vossa música, é fácil detetar que esta inclui também outro tipo de elementos. Quais são os ingredientes que utilizam para “cozinhar” a vossa arte musical?**

Bem, nós vamos buscar inspiração a todo o tipo de música. Somos três músicos com gostos diferentes. Na sua essência, Einherjer é uma banda de heavy metal e gostamos de valorizar a parte de metal acima da parte folk. Também nos inspiramos muito na música clássica e em bandas sonoras de filmes. Temos ainda um grande apreço pelo folclore norueguês, mas usámo-lo para dar “sabor” à nossa música, para lhe dar mais “paladar”, não como elemento dominante da mesma.

**E como entraram em contacto com a Indie Recordings. Sentem que encontraram a parceria ideal para as vossas aventuras musicais?**

Já no tempo em que éramos membros de Battered estávamos em contacto com a Indie Recordings, que queria lançar álbuns de Einherjer. Agora cresceu e é uma editora muito forte, com muitas bandas de prestígio no seu catálogo. Além disso, conta com profissionais muito dedicados. Por conseguinte, sentimos que seria difícil encontrar uma editora mais adequada a Einherjer neste momento.

**Há algum conceito subjacente a «Norrøn»? O que significa essa palavra?**

Em Inglês, “Norrøn” significa “Nórdico”. É um termo usado para designar a antiga cultura nórdica. Refere-se aos povos que dela faziam parte, à sua fé, à versão pré-cristã dessa cultura.





**“Em Inglês, “Norrøn” significa “Nórdico”. É um termo usado para designar a antiga cultura nórdica. Refere-se aos povos que dela faziam parte, à sua fé, à versão pré-cristã dessa cultura.”**

**E quais são os grandes temas abordados neste álbum? Infelizmente, não percebo nada de Norueguês.**

Não há nenhum tema específico em «Norrøn». Nunca sou eu que escrevo as letras das nossas canções, por isso não gosto de dar pormenores relativamente a elas. Foi o Frode que escreveu todas as letras para este álbum. No entanto, posso dizer que o tema base tem a ver com velhos mitos nórdicos e com a nossa cultura pré-cristã.

**O álbum tem uma capa muito interessante, intrigante mesmo. Podes dizer-nos quem a fez e explicar-nos que relação mantém com a essência de «Norrøn»?**

Foi feita por Renathe H. Bryn. O sentido que se lhe pode atribuir depende inteiramente de quem estiver a olhá-la. É um desenho aberto a muitas interpretações. Podemos relacioná-la com o facto de se dizer habitualmente que os povos que não conhecem a sua história passada, as suas origens, a sua cultura são como árvores desenraizadas. Além disso, a árvore ocupa um lugar muito importante na mitologia nórdica: para nós, o mundo é uma árvore, a que chamamos Yggdrasil.

**Li uma crítica em que, a propósito de «Norrøn» se falava de “guitarras ‘preguiçosas’ acompanhadas por fantásticos vocais”. Que te parece este comentário sobre o vosso álbum?**

É difícil comentar semelhante observação, quando surge fora do respetivo contexto. Nem sequer consigo perceber se é positiva ou negativa. De qualquer modo, a base da música de Einherjer nunca foram os riffs extravagantes, nem nunca será. Há que avaliar o que fazemos na sua globalidade. Seria estranho escrever, a propósito de uma obra de Beethoven qualquer coisa como “os coros são fantásticos, mas não gostei dos trompetes”.

**Quais são os vossos planos para a promoção deste álbum?**

Temos já algumas iniciativas previstas. Uma delas é participar no Ragnarok Festival, na Alemanha, e também no Full Force e no Norwegian Inferno Festival, entre outros.

**Entrevista: CSA**





## Insidiosos m

Retomando o título do álbum de estreia da banda – «Insidious Awakening»(2008) -, podemos usar esse epíteto para os qualificar, porque, pouco a pouco, mas com segurança, vão conquistando as boas graças da cena metal portuguesa.

Associados a uma editora nacional, a Rastilho Records, fazem música que em nada fica atrás do que se faz lá fora (cortejando o velho hábito português de estar sempre a olhar para o umbigo alheio). Voltaram em 2011, com um álbum que tem como tema a sociopatia – «Dawn of the Sociopath». Sempre pronta para promover boa música portuguesa, a VERSUS Magazine foi averiguar o que há de marginal (ou não) nesta banda portuguesa radicada no Norte do país. Tiago Cardoso (baterista) disponibilizou-se para responder às nossas questões.

Para começar, gostava de ter alguma informação sobre a história da banda vista por quem a está a viver.

**Tiago Cardoso:** Para nós, o percurso, desde que formámos a banda até hoje, é uma vitória, por várias razões. As principais têm forçosamente a ver com o facto de termos hoje 2 álbuns editados, marcado presença em muitos eventos e par-

tilhado palcos com grandes bandas nacionais e internacionais, o que nos ajudou a crescer imenso como músicos e artistas. Mas também porque há hoje pessoas a gostar da nossa música, o que é para nós motivo de grande orgulho.

Se nos perguntassem há 10 anos se nos imaginávamos num futuro a partilhar palcos com os Arch Enemy ou os Amon Amarth e a ter reviews





## As sociáveis

internacionais a reconhecer o nosso trabalho, provavelmente diríamos que não. Mas fomos construindo calmamente um caminho, sempre com os pés bem assentes na terra, cientes das nossas dificuldades e limitações, com o objectivo de fazer boa música, que é para nós o mais importante, e isto deixa-nos sem dúvida satisfeitos.

**E, mais uma vez, não resisto à tentação de perguntar o que significa o nome da banda e que relação mantém com a vossa música.**

Para quem não sabe, Echidna é um monstro da mitologia grega, considerada a mãe de todos os monstros. Lembro-me da altura em que andávamos a tentar encontrar o nome para a banda: procurávamos algo que, para além de soar bem, fizesse algum sentido. Nomes de bestas e monstros conjugam bem com o universo musical do metal, por isso, depois de alguma investigação, quando surgiu este nome, achámos que era o ideal. Há uma particularidade que tem a ver com o facto de a besta Echidna ser descendente de Gaia, a Mãe Terra, assim como nós, os membros da banda, somos “descendentes” da cidade de Vila Nova de Gaia.

**Como funcionam os Echidna? Quem compõe a música? Quem faz as letras?**

Funcionamos em democracia. A banda não tem alguém que seja o “songwiter”. Os temas são criados e desenvolvidos por todos nós. Surge uma ideia, um riff, que vai evoluindo com os contributos criativos de cada um de nós até acharmos que está no ponto. Claro que tem de haver cedências de parte a parte: o objectivo é sempre fazer algo que seja do agrado de todos. No caso de «Dawn of the Sociopath», bem como em «Insidious Awakening», as letras foram escritas pelo nosso amigo Pedro Fonseca, ex-vocalista da banda.

**Há mais algum trabalho que seja feito por elementos da banda (por exemplo, no que se refere às gravações ou à arte)?**

Para além da criação dos temas, os Echidna foram parte integrante de todo o processo, desde a captação até à mistura dos temas, sendo que o principal obreiro de todo este trabalho foi o Daniel Carvalho, da “Fábrica de Som”, com quem já trabalhamos várias vezes. Já conhecemos o Daniel há muito tempo e, basicamente, falamos a mesma língua. Há um grande à von-





**“Neste álbum, tudo está melhor [...]. E o facto de sermos indivíduos com gostos musicais diversificados ajuda a que esta simbiose seja cada vez [...] mais variada [...].”**

tade, que nos permite dar e receber qualquer ideia e opinião, sem restrições, e isso foi meio caminho andado para que tudo tenha corrido da melhor maneira.

O artwork do álbum ficou a cargo do João Diogo, da Coma Visions, tal como aconteceu com o álbum anterior. Explicámos o que pretendíamos e ele gostou da ideia de imediato. O resultado é o que se vê.

**Têm dois álbuns no vosso ativo, ambos com títulos inquietantes: «Insidious Awakening» e «Dawn of the Sociopath». Por que se interessam tanto por estes temas? É um comentário à sociedade actual ou um gosto da banda?**

É um pouco das duas coisas. Não que tenha sido premeditado, mas sem dúvida que temos uma predileção por temas que envolvam o estado mental e social do Homem, o estado das sociedades e o produto resultante desta relação. Quando começamos a compor o nosso último trabalho, queríamos que fosse mais técnico e, principalmente, mais agressivo que o anterior e essa agressividade não podia vir apenas da parte instrumental. A parte lírica teria de ter

o mesmo nível de impacto e agressão. Quando terminámos o tema «Dawn of the Sociopath», que foi o primeiro a ser criado depois de finda a tour do álbum anterior, percebemos que o seu conteúdo lírico seria um bom ponto de partida para a criação do personagem e da história geral do novo álbum. E assim foi! Tema após tema, a narrativa foi ganhando um fio condutor, que acabou por transformar este registo num trabalho mais concetual, se é que assim pode ser chamado.

**São dois capítulos de uma narrativa? Ou mera coincidência?**

É mera coincidência. Não houve em momento algum essa intenção. No entanto, percebemos a tua questão, porque podemos efectivamente encontrar alguns pontos ou referências em comum, principalmente na parte lírica. Mas é só. O nosso objectivo foi sempre, desde o início, fazer, acima de tudo, um bom álbum de metal.

**Associam aos Echidna uma combinação de death e thrash metal. A mim parece-me sobretudo death metal. Quem tem razão?**

É difícil responder a essa questão, até porque



**“[...] temos uma predileção por temas que envolvam o estado mental e social do Homem, o estado das sociedades e o produto resultante desta relação. [...]”**

essas associações de estilos partem sempre de uma perspectiva pessoal. Ou seja, tu vais conseguir dizer se uma banda é mais death ou black metal, dependendo daquilo que já ouviste e das bandas que conheces. Felizmente, temos vindo a conseguir desenvolver um estilo mais próprio. Isso é o mais importante e também o mais difícil. Sabemos que as associações a um certo género ou estilo musical são inevitáveis e já estamos habituados a viver com elas. Por isso, preferimos que sejam as pessoas a decidir se Echidna é death ou thrash metal. Para nós, este álbum está mais death, mais sombrio, obscuro. Agora quem tem razão...

**Ouvi os vossos dois álbuns e, por comparação, o segundo pareceu-me mais variado que o primeiro, a nível de instrumentos e de voz. Que tem a banda a dizer a isto?**

Temos a dizer que tens razão na tua observação e isso é fruto do nosso crescimento musical individual e colectivo, que acaba por ser uma evolução natural. Neste álbum, tudo está melhor: a parte instrumental, a voz, as letras, a produção e a mistura. E o facto de sermos indivíduos com gostos musicais diversificados ajuda a que esta simbiose seja cada vez melhor e mais variada, aliando isso a um conjunto de experiências, que têm como base os concertos, o contacto com novas bandas, novos músicos, e, fundamentalmente, com a nossa capacidade de ouvir e aprender ouvindo. Para além disto, a contribuição da voz do Bruno Capela neste álbum foi fundamental para o resultado final. E como é outro vocalista, automaticamente notam-se diferenças que geram logo comparações.

**Como é trabalhar com a Rastilho? Já me apercebi de que é uma editora portuguesa com alguma história e bons lançamentos. Comprei vários álbuns dessa editora, numa loja de música em segunda mão, e tomei consciência de que já cá anda há uns tempos e lança música com qualidade que justifica investir nos seus títulos/bandas.**

Tal como tu te apercebeste, nós também. E, quando começámos trabalhar com o Pedro Vin-

deirinho (Rastilho), pudemos comprovar que ele é uma pessoa dedicada ao seu ofício, que gosta de trabalhar com boas bandas e, acima de tudo, não quer prejudicar ninguém. A Rastilho faz muito pela música portuguesa. Visto isto tudo, é para nós motivo de orgulho fazer parte do seu catálogo musical e esperamos poder continuar a trabalhar com o Pedro.

**Onde vos vamos poder ouvir em Portugal?**

Vão poder ouvir-nos um pouco por todo o país. Já demos vários concertos desde o lançamento do novo trabalho e já estamos a preparar os concertos para a tour de 2012. O próximo concerto é já no dia 17 de Dezembro, mas em Vigo.

**Têm planos para atuações no estrangeiro ou até alguma digressão?**

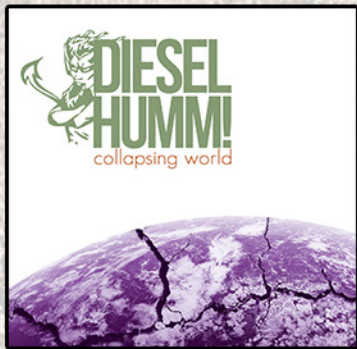
Ora bem, um plano elaborado e pronto a ser posto em prática não. Mas estamos a trabalhar nesse sentido. Com o outro álbum não o conseguimos fazer, mas com este novo trabalho vamos tentar ir mais além. Se não conseguirmos fazer uma digressão internacional, pelo menos iremos fazer três ou quatro datas em território europeu.

Muito obrigado.

**Entrevista: CSA**



# FLASH-REVIEWS



## **DIESEL-HUMM!**

### **«Collapsing World» (Audioplay Records)**

O «STOP – The War» mostrou uns Diesel-Humm! com a garra de um Hard Rock positivo e bem disposto, e passados três anos estão de volta com mais Hard Rock mas desta vez um pouco diferente. «Collapsing World» é composto por seis temas, nos quais poderemos ouvir uns Diesel-Humm! com uma atitude igualmente bem disposta e com mensagens positivas, mas com um registo musical diferente - igualmente Hard Rock, mas não tão Heavy; com uma boa combinação das guitarras com teclados discretos; e destaque para a vocalista Sara que acompanha o Luís em alguns momentos e que dá uma outra tonalidade às músicas.

**[7.5/10] Victor Hugo**



## **DRACONIAN**

### **«A Rose for the Apocalypse» (Napalm Records)**

É com apreço que assisti à evolução musical dos Draconian como banda, e posso afirmar que esta nova proposta não é uma rosa para o apocalipse, mas sim uma rosa para a maturidade! Este álbum consegue solidificar a sua característica Gothic Doom Metal, colocando-os no caminho da excelência. Evidentemente que há um preço a pagar: Tal como no álbum anterior, os Draconian não conseguem surpreender-nos mais musicalmente. Mas, antes isto e continuar na veia certa do que começar a inventar como muitas outras bandas que nós conhecemos por aí. «A Rose for the Apocalypse» é um sólido e bem conseguido álbum dos Draconian.

**[8.5/10] Carlos Filipe**



## **EBONYLAKE**

### **«In Swathes of Brooding Light» (LADLO Productions)**

Surgiram promissores no final dos 90s quando publicaram «On the Eve of the Grimly Inventive» mas rapidamente desapareceram sem deixar rasto. Doze anos depois ei-los que voltam para desempoeirar esta negra entidade gothic/black metal de contornos avantgarde, com um novo registo que inclui tanto de inéditos como de material antigo. Sofisticado na abordagem lírica e difícil no que toca à música: claustrofóbica e caótica, rica em cadencias repetitivas e dissonantes, por vezes cinematográfica; este é um trabalho com algumas ideias excelentes e originais, mas com outras claramente a pedirem mais algum refinamento. Esperemos que este retorno da banda se concretize, em breve, em algo mais substancial.

**[7.5/10] Ernesto Martins**



## **HOLY GRAIL**

### **«Seasons Bleedings» (Prosthetic Records)**

Primeiro quero dizer que a nota mínima não reflecte a música dos Holy Grail, mas sim a inutilidade deste lançamento, um MCD de 500 ex. com duas covers («Holy Grail» dos Rainbow e «No Present For Christmas» do King Diamond ) ou, se adquirido digitalmente, com mais duas outras covers («Exciter» dos Judas Priest e «Fast as a shark» dos Accept) já apresentadas no 1º EP «Improper Burial». «Seasons Bleedings» é só isto, numa edição que é uma balbúrdia: Há 500 exemplares em CD, 250 vermelhos e 250 verdes, e uma edição digital com os temas extra. Quanto à música, é aquilo que esperamos dos Holy Grail: grande pujança de puro Heavy Metal!

**[1/10] Carlos Filipe**





**INKILINA SAZABRA**  
**«A Divina Maldade»**  
**(Edição de autor)**

O projecto Inkilina Sazabra nasce em 2010 com a junção entre a banda Inkilina Morte e o escritor Pedro Sazabra. Este trabalho, intitulado «Divina Maldade», apresenta-nos um rock industrial fazendo lembrar o «Maldoror» dos Mão Morta, não tanto a nível de sonoridade mas pela ideia de “musicar um livro”, neste caso o “Liberdade, Obscuridade” de Pedro Sazabra. Este álbum tem a curiosidade de poder ser adquirido individualmente ou juntamente com o livro. Um trabalho interessante para se seguir com atenção.

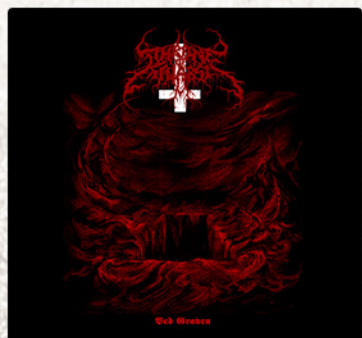
**[7.5/10] Sérgio Pires**



**MOURNING CARESS**  
**«Deep Wounds, Bright Scars»**  
**(MDD / Alive)**

De «Deep Wounds, Bright Scars» sobressai toda uma garra, segurança e atitude, as quais, já estamos habituados dos Mourning Caress. O ponto alto do álbum está em “Staring into the abyss”, que a meu ver consegue equilibrar tudo na perfeição, pondo em evidência o binómio que os caracteriza: melodia e death metal, som limpo e sujo – o qual não agradará a todos. «Deep Wounds, Bright Scars» é uma boa proposta de Melodic Death Metal que se enquadra perfeitamente no género, sem levantar grandes ondas, feita essencialmente para arrasar ao vivo. Talvez um pouco mais de arrojo fosse bem-vindo.

**[7/10] Carlos Filipe**



**THRONE OF KATARSIS**  
**«Ved Graven»**  
**(Candlelight Records)**

Da Noruega, normalmente, só podemos esperar uma coisa: Black Metal nu e cru, como alguns puristas gostam de ouvir. «Ved Graven», à primeira audição, não foge à regra e segue estes pergaminhos, mas... Musicalmente, com este terceiro álbum, os Throne of Katarsis não acrescentam nada de novo, nem à sua discografia nem ao género e muito menos ao panorama Norueguês; como os ToK devem haver centenas de bandas por lá. Ainda mais, o som mais cru das guitarras e a gritaria de Infamroth – características do puro Black Metal – não conseguem escamotear a falta de originalidade, de inspiração e vulgaridade de «Ved Graven».

**[4/10] Carlos Filipe**



**VISION OF ATLANTIS**  
**«Maria Magdalena»**  
**(Napalm Records)**

Mais valiam estar quietos e calados. Depois de um bem sucedido «Delta» eis que os Vision of Atlantis (VoA) lançam um MCD com 5 temas. Mais do mesmo, sem qualquer mais-valia para o que quer que seja. Após ter dado o benefício da dúvida ao álbum anterior, já não há “pachorra” para ouvir mais imitações, ainda por cima quando os originais são muito melhores. Os VoA tocam um Power Metal Sinfónico e poderiam ter utilizado este MCD para dar um passo em frente ao mesmo tempo que “descolavam” o rótulo de imitação dos Nightwish. A versão que dá o nome ao lançamento – “Maria Magdalena” – não traz nada de novo, como tudo... mais do mesmo. Digamos que prefiro, mesmo assim, ouvir o original.

**[4/10] Eduardo Ramalhadeiro**



# THY CATAFALQUE

Da insustentável leveza no metal



Da Hungria, vem-nos Thy Catafalque, uma banda pouco conhecida, mas com muito que contar. Neste momento, está convertida numa one man band a cargo de Tamás Kátai, um dos fundadores do projecto musical. O lançamento de «Rengeteg», em meados de Novembro, pela Season of Mist, deu-nos ocasião de contactar o músico húngaro. Não nos arrependemos, porque, como poderão ver, tratou-se de uma longa e interessante conversa.

A Hungria é um país misterioso para os Portugueses e, normalmente, não o associamos à cena metal. Portanto, esta entrevista parece particularmente interessante.

Tamás: De facto, não somos uma super potência do metal.

Thy Catafalque não é uma banda muito conhecida, mas o que li mostrou-me que já têm uma bela história. Como teve início esse projeto musical?

Comecei a tocar em 1993, com o meu próprio projeto: Dark-

light. Gravei muitas demos e, finalmente, um álbum duplo e um EP, em 1999. Era um one-man project, em que tudo era criado num computador. Entretanto, em 1996, juntei-me a Gire, a banda de metal de um amigo, e, em 1998, fundei Thy



Catafalque com János Juhász. Gire está inativa desde 2007, mas Thy Catafalque está mais que viva, embora János tenha saído este ano. Portanto, voltei a estar sozinho e convido outros músicos.

**O que pode a Hungria dar aos músicos de metal? Como é a cena metal no teu país?**

Aqui há muitas bandas de metal, boas e más, tal como em qualquer outro país. O que afeta a cena é realmente a situação económica. Como sabes, quanto mais dinheiro as pessoas têm, mais fácil é dispor-se a gastar algum para ir a um concerto ou comprar CDs. Os tempos atuais são duros. Mas, francamente, penso que a Hungria tem algumas bandas muito interessantes. No que diz respeito à cena metal, recomendo-te Korog, Aebseence, Tyrant Goatgaldrakona, Ahriman, Watch My Dying, OneHeaded-Man.

**E o que é que Thy Catafalque dá à Hungria? Deve ser uma banda de referência no país.**

É mais conhecida no estrangeiro do que na Hungria. A banda húngara mais internacional é Ektomorf e também temos Sear Bliss, que goza de uma bela reputação. E também te deves lembrar dos Tormentor, que fizeram furor nos anos 80. Os TC [Thy Catafalque] são uma das bandas que conseguiram um contrato com uma grande editora estrangeira. Mas há outras tão boas como esta e talvez até com mais fãs. Somos muito underground.

**Antes de ler alguma coisa sobre a banda, ouvi a sua música. A sua qualidade e originalidade constituíram uma agradável surpresa. O**

**que dá tanta riqueza à vossa música?**

Obrigado! Tenho dificuldade em emitir juízos sobre a qualidade do meu trabalho. Em termos técnicos, é tudo muito simples. Faço tudo em casa, no meu PC. Tenho uma guitarra e um velho sintetizador Korg N5. É só o que eu uso. Nunca nenhum estúdio participou num álbum de TC. Penso que o trunfo da banda reside no facto de eu ter tempo para desenvolver a música como quero. Não preciso de estar a olhar para o relógio enquanto trabalho. Posso gravar, verificar o que fiz, voltar a fazer, acrescentar mais uns detalhes ou mudar tudo o que eu quiser, sempre que me apetece. E isso dá-me a liberdade criativa indispensável para se produzir um álbum decente.

**Tens algumas influências a referir?**

Neste momento, estou a ouvir uma variedade incrível de música. E isso constitui uma grande fonte de inspiração. Tenho uma mente muito aberta e estou sempre disposto a dar uma oportunidade a qualquer tipo de música. E não me importa nada a forma como é feita. Não me interessa se foi criada com algum software ou com verdadeiros instrumentos, escrita por uma pessoa ou uma orquestra, tocada ao vivo ou elaborada a partir de fragmentos. Para mim só conta o produto final. Não sou um metaleiro fanático. Acho que nem sequer sou um metaleiro. Adoro esse tipo de música, mas também muita outra música. Ultimamente, tenho andado a ouvir muita música clássica e também ando fascinado pela música eletrónica experimental. E não gosto só de música. Também sou influenciado por outras artes:

pintura, fotografia, belas artes, arquitectura. Adoro tudo o que é arte!

**Que mudanças ocorreram na tua música desde o início? Fiquei com a impressão de que agora as faixas são mais curtas do que nos primeiros álbuns e de que a música se está a tornar cada vez mais complexa.**

Sim, agora faço canções mais curtas. São mais concentradas, o que as pode tornar mais acessíveis. Sinto que houve grandes alterações de álbum para álbum, no que se refere à composição e à forma. Mas não tenho a impressão de ter dado um grande passo em frente com este último álbum. Limitei-me a “limpar” a forma, a “esfoliar” a pele. E, com este material, sinto que atingi um ponto em que não posso ir mais longe, sem me repetir. Portanto, vou ter de seguir noutra direcção. Preparem-se para mudanças verdadeiramente radicais!

Para além disso, Attila Bakos, que faz todos os vocais limpos masculinos nos últimos dois álbuns de TC, decidiu deixar de participar como convidado no trabalho de outros artistas e concentrar-se na sua própria música. Esse facto também me vai obrigar a repensar o meu trabalho.

**Havia algumas letras em Inglês nos primeiros álbuns da banda. Por que decidiram usar só o Húngaro posteriormente?**

Apenas porque tenho mais facilidade em me exprimir na minha língua materna. Penso que o Inglês nos dois primeiros álbuns ficou muito mal. Acho que essas letras estão muito más, não me fazem sentir nada de especial quando as leio. Já com a língua húngara é difer-





**“[...] temos uma predileção por temas que envolvam o estado mental e social do Homem, o estado das sociedades e o produto resultante desta relação. [...]”**

ente: é a minha língua materna, dá-me uma sensação de conforto que nenhuma outra me pode dar. Não vejo mal nenhum nisso. É verdade que ninguém vai compreender nem uma sílaba, mas eu e os meus compatriotas percebemos.

**Em 2011, a banda assinou contrato com a Season of Mist e János Juhász saiu. Há alguma relação entre estes dois factos?**

Não, de modo nenhum. Ele não participou nem na composição, nem na gravação de «Rengeteg» por várias razões, portanto eu assumi total responsabilidade pelo álbum. E ele decidiu abandonar a banda definitivamente. Por isso, não lhe interessava nada saber quem ia lançar o álbum. TC já não o entusiasmava, daí a sua passividade. Eu, pelo contrário, estava sempre cheio de ideias

novas. Ele também já não tinha feito nada criativo em “Róka Hasa Rádió”. O facto de vivermos em países diferentes há 5 ou 6 anos também teve a sua influência. Começámos a ficar separados por uma grande distância, tanto geográfica como musical. Foi uma pena, mas também um percalço que tivemos de enfrentar. No entanto, estou-lhe profundamente grato pelo seu contributo efetivo para os três primeiros álbuns. Tenho a certeza que não teria chegado onde estou sem a sua ajuda.

**O que significa «Rengeteg»? De que trata o álbum?**

Rengeteg é uma palavra do Húngaro antigo que designa uma floresta vasta e inexplorada. Floresta é uma palavra cheia de simbolismo. Representa o mistério, o desconhecido, a escuridão em que nos perdemos.

Mas também tudo o que é antigo, um espaço sem fim. A floresta é o antídoto para a vida demasiado acelerada da sociedade atual. Tem o seu próprio sistema de vida, vive ao seu próprio ritmo, não desperdiça nada e assim conserva a nossa história e cultura nos seus limites. Nós, humanos, precisamos de voltar para a floresta no nosso espírito, humilharmos perante ela e aprender novamente a respeitar a natureza. Em atitudes, em pensamento. É assim que penso atualmente e essa ideologia transparece nas palavras e na música deste álbum.

**Podes dizer-nos algo sobre o álbum suficientemente apelativo para fazer com que os nossos leitores enfrentem a crise para o comprar?**

Penso que, hoje em dia, ninguém compra um álbum sem



**“Nós, humanos, precisamos de voltar para a floresta no nosso espírito, humilharmo-nos perante ela e aprender novamente a respeitar a natureza.”**

o ouvir pelo menos uma vez. Portanto, aconselho-vos a procurá-lo na net. Ouçam-no e, assim, poderão decidir se querem mesmo comprá-lo. O digipak tem excelente aspeto e o som é muito melhor do que na net, sem dúvida. Penso que estes aspetos são trunfos para o álbum. E, desta forma, podem ajudar-nos a mantermo-nos acima da linha da água, enquanto nos preparamos para o próximo lançamento.

**Onde encontrei os excelentes músicos que colaboraram contigo em «Rengeteg»?**

Attila Bakos é um velho amigo. Tem os seus próprios projetos: o Woodland Choir e Taranis. Ágnes Tóth é conhecido por causa de “The Moon And The Nightspirit”. Também somos velhos amigos, porque ela também tocou violino no álbum de Gire. Ocasionalmente, canta nos álbuns de TC. Mihály Simkó-Várnagy é o solista de violoncelo da Ernő Dohnányi Symphonic Orchestra, de Budapeste. Nunca o vi pessoalmente, mas encontrei muitos vídeos dele no YouTube, contactei-o e ele aceitou participar em três canções. São todos grandes músicos e pessoas maravilhosas.

**Alguma coisa mudou na música de Thy Catafalque desde que o János saiu?**

A única diferença é que agora sou só eu que toco guitarra.

**Quando tencionas vir a Portugal e mostrar-nos que és realmente bom? Se não po-**

**des vir em breve, onde poderemos ir ouvir-te a apresentar este álbum?**

Infelizmente, TC não faz concertos ao vivo. Nunca fizemos nenhum e agora que o Attila já não vai colaborar, essa ideia está completamente fora de questão. Nunca tive a capacidade nem a ambição necessárias para levar a banda aos palcos. Seria muito stressante para

mim, tanto mais que agora estou completamente sozinho. E, de qualquer modo, eu sou um compositor, não um intérprete.

**Entrevista: CSA**







# DIESEL HUMM!

## A fuga ao colapso

São uma das bandas mais Hard & Heavy do distrito de Aveiro, com mais de 10 anos de carreira, e com dois trabalhos lançados. “STOP – The War” foi o primeiro e mostrou a garra e a atitude deste coletivo da Ponte de Vagos. «Collapsing World», o segundo, é como um virar de página sem esquecer a anterior. A VERSUS Magazine esteve à conversa com o guitarrista Jimmy e com o vocalista Luís, para descortinar o que esteve por detrás dessas páginas.

**«Collapsing World» é o vosso novo trabalho, um disco com seis temas. É apenas um aquecimento para um álbum com mais temas? Vai haver algo maior a curto prazo?**

J: Podemos considerar que o «Collapsing World» seja um preview daquilo que poderá vir. Agora em termos específicos, se vai ter a ligação ao disco ou se vamos lançar algo comemorativo – em que juntamos esses

seis temas com outros numa outra temática – isso é que ainda não sabemos. Mas é com certeza uma ligação a outra coisa que virá.

**Então, a curto prazo poderão lançar um álbum de longa duração.**

J: A curto prazo, sim. Já existem alguns temas que poderiam ter ficado neste EP, mas que não ficaram; e estamos a contar com uma participação num dos

temas do «STOP - The War» com uma Banda Filarmónica, que à partida terá de ficar num próximo trabalho.

**É verdade, vocês tocaram um tema vosso com uma Banda Filarmónica. Como é que isso aconteceu?**

J: A Banda Filarmónica de Vagos fez as gravações no mesmo estúdio onde gravámos o disco. Eles já conheciam alguns temas e alguns músicos, e estavam cu-



# “Estar a criar algo parecido não seria muito interessante para nós enquanto músicos.”

riosos na hipótese de nos juntarmos. Acabámos por fazer o convite para um dos concertos de estreia do disco – para tocarmos um tema em conjunto. Foi fácil porque tivemos sorte de eles tocarem no mesmo dia que nós e no mesmo local. Aproveitámos a situação.

## **Decerto que haverá leitores que não vos conhecem e, por isso, pedia-vos que fizessem um apanhado biográfico dos Diesel-Humm!**

J: Resume-se tudo a concertos, muitos concertos cá em Portugal. Começámos a tocar covers e depois começaram a aparecer os originais. Entretanto formámos, ou melhor, assumimos a banda de originais, já com um bom bocado de estrada feita. Depois de assumir a banda de temas originais, começaram a aparecer os concertos de maior dimensão e depois os concertos lá fora. Resume-se tudo a concertos em Portugal e no estrangeiro; experiências de estúdio no Rec ‘n’ Roll, o tributo aos Tarântula – a primeira Demo – são tudo experiências que ficaram; e ao longo desse tempo alguns momentos igualmente bons, como participações na televisão (“Sic 10 horas”, “Fora de Série” e um destaque na MTV Portugal). Foi engraçado porque nesse tempo estávamos com uma formação em acústico – eu, o Luís e a violinista nessa altura [NR: Ana Mota] – e acabámos por fazer muita estrada nesse formato e tocar em sítios muito interessantes. Depois surgiram esses convites e formámos o resto da banda. Houve uma fase de transição em que tivemos só três elemen-

tos, e depois entraram o André e o Pépe que é o atual baterista.

## **Vocês ainda continuam a tocar e a fazer concertos com a banda de covers?**

J: Sim, decidimos separar as bandas pelos nomes e adicionamos mais um elemento. Temos um teclista. A banda chama-se Rocks.

## **E fazem covers de que bandas?**

J: De tudo um pouco. Guns ‘n’ Roses, Metallica, Bon Jovi...

L: É mais Rock!

## **No primeiro álbum, «STOP - The War», tiveram uma série de convidados para colaborar convosco. Como foi trabalhar com eles?**

J: Sim, tivemos um baterista convidado e o Lino. Bem, o Lino nem é bem convidado porque fez comigo a produção e acabou por ser um contributo ao gravar solos em alguns temas. O baterista foi o Afonso, dos Anger. Gravou algumas coisas connosco e foi um bom apoio na parte rítmica que precisávamos na altura.

L: Na voz tivemos o Zim dos NAD e tivemos uma participação na voz feminina na “Falling deep inside” pela Ana Patrícia. Ela está no Canadá, mas estava cá de férias e fizemos essa música – participou nela a cantar comigo.

## **Antes de gravarem o «STOP - The War» vocês tinham uma violinista a tocar convosco. O que aconteceu com ela?**

L: Ela esteve na banda até pouco depois da gravação. Quando

começámos a Tour foi quando ela decidiu sair... tivemos de improvisar.

## **Esse trabalho foi masterizado por Mika Jussila nos estúdios Finnvox, na Finlândia. Notaram-se as diferenças no resultado final? Ficaram satisfeitos?**

J: Esse disco foi um trabalho longo, e chegámos a um ponto em que o processo de masterização não era simplesmente masterizar – eram sim “umas orelhas novas para ouvir aquilo”. E o Mika ajudou nesse aspeto. Estava tudo a soar bem e não queríamos que o material se estragasse no processo de masterização, que muitas vezes não ajuda porque pode complicar; e queríamos, também, alguém que tivesse experiência na área e no estilo, e que poderia dar uma opinião musical.

## **Pode ser só impressão minha, mas sinto que o álbum tem um toque finlandês nas melodias.**

J: Isso poderá vir das influências desse álbum.

L: Para esse álbum nós fomos buscar as músicas de uma Demo da Tribial Society que tínhamos lançado dois ou três anos antes, na qual também houve participação de alguns músicos alemães que andaram em tournée connosco, tanto cá em Portugal como na Alemanha, e que ajudaram-nos nesse tempo a seguir um certo caminho... um caminho mais nórdico.

## **Já neste recente disco não há colaborações, mas há um elemento novo no grupo: a**





**Sara, que canta com o Luís. Por que é que decidiram adicionar voz feminina?**

J: A Sara é um elemento novo. Não foi fácil chegar a ela. Fizemos castings a experimentar alternativas e a Sara acabou por ficar. Já a conhecia por ter cantado em bares e fiquei impressionado, mas nunca consegui o contacto dela, e como ela não é muito ligada às tecnologias não foi fácil de a encontrar. Descartámos essa possibilidade porque ela participava em musicais, era o trabalho dela, e como era preciso disponibilidade foi difícil. Mas surgiu a hipótese, e como queríamos uma pessoa com a qual nos identificaríamos, principalmente o Luís a cantar, então se fosse teria que ser ela ou não valia a pena pois teria que ser alguém que encaixasse... e decidimos contactá-la por outros meios. E ela aceitou.

L: Nesta área do Metal apesar de haver muitas fãs, há poucas que tenham disponibilidade para participar tanto a tocar como a cantar. E tivemos sorte em encontrar uma aqui perto, porque um dos requisitos era esse (risos).

**«Collapsing World» é igualmente um disco de Hard Rock, mas diria que o feeling é um pouco diferente do «STOP - The War». Quais são as verdadeiras diferenças entre os dois discos?**

J: O «STOP – The War» surgiu num espaço de tempo maior, portanto foi criado durante mais tempo. Juntou muitas influências dos músicos anteriores, dos novos músicos e por tudo por onde passámos, ou seja, ficou no álbum muitas marcas. Para fazer um novo trabalho e manter a linha do «STOP – The War» não seria difícil, porque se utilizássemos o mesmo critério de composição conseguiríamos fazer um disco bastante semelhante. Mas penso que seria um bocado desinteressante, e naquele momento o André e o Pépe queriam o desafio de um disco diferente. Estar a criar algo parecido não seria muito interessante para nós enquanto músicos. E achámos que para os fãs seria a mesma situação. Agora, há sempre essa expectativa de pensar se será melhor ou pior. Fizemos este disco para evitar

isso, porque se fizéssemos um semelhante estávamos sujeitos a esses juízos e assim não, toda a gente está a dar a mesma opinião: “está diferente!” Temos orgulho do «STOP – The War», pois todas as pessoas que nos dão feedback do disco dizem que não se cansam de o ouvir. O CD roda, roda, metem no leitor e não para de rodar. E isso é muito bom de ouvir. Depois decidimos fazer uma coisa diferente, porque já temos o legado de um disco que rodou muito.

**Eu diria que existe mais Hard Rock e um espírito mais livre no primeiro trabalho do que no segundo. Já este é mais introspetivo.**

L: O «STOP – The War» foi um álbum feito praticamente na estrada. Sempre. Fazíamos música e tocávamo-la logo ao vivo. E nesse tempo tocávamos praticamente todos os fins-de-semana, se não eram originais eram covers. Fazíamos uma música, tocávamo-la e tentávamos dar sempre aquele ar de festa. Não entrando no género do Punk Rock que é sempre festa (risos), mas o «STOP –





## “Estamos aqui para durar e haveremos de morrer a tocar Heavy Metal.”

The War» é um álbum de festa. Enquanto este demorou um ano e alguns meses a fazê-lo, o «Collapsing World» foi um álbum em que parámos, entrámos em estúdio e praticamente foi feito em menos de dois meses. Não foi um álbum feito a correr, mas foi sem experimentar como soaria lá fora em palco.

### **Como é que foi trabalhar no «Collapsing World»?**

J: O «Collapsing World» foi um disco instantâneo, como o Luís disse.

L: Foi metido no micro-ondas (risos).

J: Temos de ser realistas, todos nós temos uma carga de trabalho pessoal muito grande e deveríamos ter feito um álbum há dois anos atrás para comemorar 10 anos de carreira. Era aí que deveria ter saído um trabalho, há dois anos atrás. Vamos fazê-lo agora, juntando o «Collapsing World» mais alguns temas e fazer uma edição especial de aniversário. Existem momen-

tos ideais para lançar um disco, e para nós é no Verão. Conseguimos quatro concertos de apresentação sem esforço nenhum. Surgiram propostas para tocarmos e apresentar o disco. Se fosse agora teríamos de estar a pedir às salas para apresentar um disco. Fizemos concertos com casa cheia - tivemos muito público. Se fizéssemos por nossa iniciativa noutros locais não teríamos público por causa da realidade do mercado da música. Isto tudo fez com que fizéssemos o disco o mais rápido possível. O processo de composição foi simples - debitar guitarras para o metrónomo, tal como no «STOP – The War» – mas como não foi feito na estrada foi tudo despejado para a máquina. Depois o disco foi feito já no processo de gravação – aí surgiram as linhas de baixo e da bateria com mais pormenor; surgiram os pormenores da voz (a Sara tinha entrado na banda e não conseguiu margem de manobra para ensaiar, e foi feito tudo

já em estúdio). É um processo que se não fosse feito em Junho/Julho seria mais um ano de espera. Dois anos que passaram já foram muito - em relação ao «STOP – The War» foram quatro anos – começa a pesar e as pessoas não esperam. Neste momento sabemos que esta geração é clicar e ter – é a geração do agora. E se não fizéssemos o álbum estávamos sujeitos a ser prejudicados.

### **Olhando para os títulos de ambos os álbuns, para os títulos das músicas e para as capas, facilmente captamos várias mensagens. Querem falar um pouco disso?**

J: Nós sempre fomos uma banda com temáticas relacionadas com aquilo que nos rodeia, se bem que alguns temas são introspectivos, têm um toque pessoal. Mas a maior parte deles são temas gritantes. Queremos tentar que isto não seja só música e que seja uma mensagem que se transmita, e tanto um álbum como o outro têm





isso.

**Creio que não ganham a vida com a música, e devem ter empregos normalíssimos. O que pensam do cenário musical em Portugal? Obviamente gostariam de viver da música.**

L: É o sonho de qualquer adolescente, viver da música (risos). Eu e o Jimmy já cá andamos no seio da música praticamente há 20 anos. O meu irmão [NR: André, baixista] não como músico mas como acompanhante também é desse tempo. Mas há 20 anos atrás nós conseguíamos viver da música. Não havia entraves nenhuns nos compromissos. Era sempre a tocar para ganhar alguns tostões para comprar instrumentos. Os anos foram passando, continuámos a gostar da música e isso é o que nos faz persistir nesta área e cena musical. Estamos aqui para durar e haveremos de morrer a tocar Heavy Metal.

J: O panorama musical está muito diferente. Por exemplo, nós neste momento estamos a planear uma digressão com outras bandas, e noutros tem-

pos conseguíamos agendar 23 concertos non-stop com três ou quatro bandas, tratávamos da logística de bandas estrangeiras que cá vieram, com cache e direito a tudo. E agora com cinco bandas de calibre é difícil de arranjar espaços.

**Já tu, Jimmy, tu trabalhas aqui no estúdio Audioplay Records, certo?**

J: Eu acabo já por não conseguir isso. Já somos uma equipa grande – no total somos cinco colaboradores. Duas pessoas encarregues do estúdio, uma pessoa a tempo inteiro no design e outra a fazer CD's. Portanto, a máquina ligada à música felizmente já roda, e para mim é muito gratificante. Foi sempre um objetivo de vida tentar e conseguir viver em qualquer coisa ligada à música. Embora o pudesse ter feito a tocar mas não nos moldes que eu queria. Eu prefiro ter tempo e condições para criar coisas do que estar simplesmente a tocar, pois da maneira que estava a tocar e a viver da música era algo cansativo. E há sempre a necessidade de compor e ter condições para isso. Então, surgiu

o estúdio e o resto da empresa; eu e o Luís temos a empresa de aluguer de som ao vivo e e isso mantem-nos ligados à música.

**Para terminar, queremos saber se podemos ver os Diesel-Humm! mais vezes no palco. Vocês são uma banda de palco e não para estar aqui metidos dentro (risos).**

L: Isso é pura realidade. O palco é o que nos move. Se não fosse o palco se calhar já não estávamos aqui. O que nos leva a subsistir é continuarmos com uma banda de covers. Quando pensamos que estamos cansados, e o público também, de ouvir Diesel-Humm! fazemos uns meses de Rocks, de covers, para a malta lembrar aqueles velhos temas. Depois fartamo-nos de Rocks e voltamos aos Diesel-Humm!, e temos já novas histórias para contar, novas músicas para gravar e isso vai-nos mexendo. Porque se não fosse isso eramos iguais ao resto da malta e com poucos sítios para tocar – acabaríamos por entrar em colapso.

**Entrevista:** Victor Hugo





ΣETH ΣIRO ANTON

## A desconstrução do humano e do divino

Já entrevistei os Septicflesh a propósito do lançamento de «The Great Mass». Responderam às minhas perguntas Sotiris Vagenas (vocais limpos) e Christos Antoniou (guitarras e teclados). Nessa ocasião, falou-se da arte gráfica de Seth (Spiros Antoniou, vocais ásperos e baixo) associada à música extrema. Daí me veio a ideia de entrevistar Spiros sobre essa sua outra faceta artística. Paralelamente, por essa via, o artista grego está relacionado com Portugal, já que é da sua autoria a arte do último álbum dos Moonspell até à data («Night Eternal», de 2009).



És o quarto artista gráfico que entrevisto para a **VERSUS Magazine** e o primeiro artista estrangeiro. O facto de ter comprado a edição especial do último álbum de **Septicflesh**, por cuja arte és responsável, reforçou muito a minha intenção de te entrevistar.

Como tiveste a ideia de combinar música extrema e artes gráficas? Qual delas esteve na origem da outra?

Seth: Eu sou um artista... portanto faço da Arte em geral o meu alimento espiritual e a minha salvação. A disciplina característica das artes permite-te trazer à vida tudo o que sai diretamente do teu mundo esotérico.

A Arte é um componente essencial da minha vida. Em vez de fazer coisas estereis e repetitivas, decidi passar tanto tempo quanto possível a fazer coisas criativas. Sinto-me muito feliz por viver mergulhado em Arte. Todas as minhas atividades artísticas são vitais para mim. A Arte lida com emoções. Portanto, a música que penetra a minha alma despertando nela emoções fortes pode levar-me a querer converter essas emoções em algo visual.

Que influência o facto de seres grego tem na tua carreira artística? Hoje em dia, as pessoas associam a Grécia a uma grande crise económica. Mas eu prefiro pensar no teu país como o berço de uma grande herança cultural que afetou toda a Europa.

É evidente que sou muito influenciado pela cultura grega da Antiguidade. Tudo começou com a civilização suméria e assíria. Não se sabe quase nada sobre as razões que fizeram com que, saída do nada, em 10000 AC, esta civilização tivesse florescido de forma tão súbita. Construíram zigurats, desenvolveram as ciências e as artes, deram origem a uma cultura avançada, ao mesmo tempo que definiam os contornos do seu mundo metafísico. Tudo isto faz pensar que algo de extraordinário se passou que originou uma alteração do código genético do ADN deste povo. Há quem acredite na intervenção de uma raça extraterrestre superior. Mais tarde, temos as civilizações do Egipto e da Grécia Antiga. Esta última conduziu ao Classicismo e ao Renascimento, movimentos que me influenciam fortemente.

A minha inspiração vem-me sobretudo da Alemanha do pós-guerra e do expressionismo norte-americano. A vida e obra do grande pintor Francis Bacon constituem uma das minhas grandes influências. Além disso, penso que todos os “artistas tenebrosos”, categoria de que eu faço parte, foram influenciados pelos trabalhos do fotógrafo Joel Peter Witkin, que, de uma forma simultaneamente doce e cruel, despe o subconsciente humano. Também admiro as obras de Da Vinci, Rembrandt, El





**“Moldo, deformato, distendo a forma normal da face humana nos limites de um dado espaço, o que lhe confere uma dimensão metafísica.”**

Greco, Picasso, Matisse e Hieronymus Bosch.

**Essa tendência para a arte é de família? Afinal o teu irmão é não só músico, mas também compositor clássico.**

Sim. Provavelmente, fomos muito influenciados pelo facto de o nosso avô adorar pintura e música clássica. Portanto, posso dizer que perpetuamos a tradição e mantemos viva a sua alma artística.



**De que é feita a tua arte gráfica?**

A minha formação de base foi adquirida na Faculdade de Belas Artes e combina pintura, fotografia e design digital. Um dos problemas do arte gráfica é que tu tens muito pouco tempo para criar e desenvolver uma composição, comparando com a pintura.

Eu optei por combinar pintura analógica à base de tintas acrílicas com grandes impressões de alta resolução, recorrendo a software de edição digital (como o Photoshop ou o Corel Painter). Fazer a síntese de todos estes elementos é um trabalho muito complexo. Tens de resolver todos os dilemas relativos à composição e à forma quando estás a trabalhar na tela. O produto final é puro e primitivo... combinando, de forma muito harmoniosa, pinceladas bruscas e imagens impressas em suporte digital. Apesar de, nestes últimos tempos, a arte digital ter atingido padrões de grande sofisticação, ainda não é capaz de traduzir a verdadeira expressão da alma humana de forma tão completa como as pinceladas polimórficas.

A figura humana nua sempre me despertou um grande interesse. Na minha opinião, não há nus “feios” nem “bonitos”. Por exemplo, uma mulher disforme com um cãozinho pequeno pode dar origem a uma imagem mais bonita do que um manequim. Afinal, o objetivo da arte é pôr em causa, moldar a realidade virtual criando novos padrões de sensualidade, apoiando-se no que há de mais vulgar na vida quotidiana.

Parece-me que esta é a base da minha capacidade para expressar o estado caótico da natureza humana. Moldo, deformato, dis-

tendo a forma normal da face humana nos limites de um dado espaço, o que lhe confere uma dimensão metafísica. As formas que crio estão suspensas no tempo com uma espécie de tranquilidade irónica. O angustiante grito de desespero que emana dessas formas pressagia uma futura mutação da Humanidade e o advento de algo superior, a nível da realidade palpável e espiritual. Não é por acaso que Francis Bacon é uma das minhas maiores influências, tendo em conta o facto de que deve ter sido o artista mais clarividente que até agora deixou a sua marca na arte.

**Posso pedir-te que faças uma síntese dos principais momentos da tua carreira até agora e que menciones os trabalhos mais importantes que resultaram de cada um deles? Na entrevista que fiz à tua banda, Sotiris sublinhou o importante papel que a tua arte gráfica sempre desempenhou nos álbuns dos Septicflesh.**

Trabalhei sem descanso durante quatro meses para combinar os elementos que compõem a capa de “The Great Mass”. Aliás, considero esse trabalho como um dos meus melhores até ao momento. Queria criar algo muito especial, único, combinando uma



“Eu sou um artista... portanto fa  
alimento espiritual e a

infinidade de símbolos e de significados. Qualquer pessoa deveria poder decodificar, à sua maneira, essa Pirâmide que construí a partir das imagens de deuses, culturas, corpos, numa grande amálgama canibal de elementos divinos e humanos.

O principal objetivo desse meu trabalho é mostrar como, nos tempos atuais, Deus perdeu a sua originalidade. E, a cada dia que passa, morre um pouco mais, devorado pela criatura que produziu à sua imagem e semelhança: o ser humano.

**Passando agora à tua relação profissional com os Moonspell, como é que isso aconteceu?**

Foi uma grande honra para mim ter feito a arte de «Night Eternal». Considero os Moonspell como uma das grandes bandas de Metal-Gothic dos anos 90 e admiro-os pelo seu grande sucesso. São também bons amigos e a nossa amizade data do tempo em que fizemos juntos uma digressão europeia com Cradle of Filth e Gorgoroth. Dou-me particularmente bem com o Fernando e sinto-me muito orgulhoso desta amizade. É uma pessoa maravilhosa e um grande filósofo.

**A arte para «Night Eternal» foi o único trabalho que fizeste para a banda portuguesa, ou há outras “pedras” nesse caminho?**

Esse foi o meu primeiro trabalho para os Moonspell. Eles adoraram o produto final, sobretudo a imagem na capa do álbum. Sobre futuras colaborações, o tempo o dirá.

**Já trabalhaste para outras bandas portuguesas? Conheces artistas gráficos portugueses que trabalhem para bandas de metal como tu? Não, nunca trabalhei para outra banda portuguesa.**

E sim, conheço muitos artistas portugueses, mas sobretudo na área da tatuagem, não nas Belas Artes ou no design gráfico.

**Já pensaste em aproveitar as digressões dos Septicflesh para organizar exposições dos teus trabalhos e dos do teu irmão Christos?**

Ora aí está uma ideia que vou concretizar um dia destes.





ção da Arte em geral o meu  
minha salvação.”

Queres deixar-nos alguma mensagem final?  
Obrigado pelo interesse na minha arte.

Entrevista: CSA





# A História Esquecida Do Metal Português Parte 3

Face à mística que envolve o Som Eterno português dos anos 80, acabou por se revelar óbvio que esta não poderia ser a última parte deste ambicioso texto, como anunciei na edição anterior. Com efeito, encerro aqui o enfoque nos anos 80, abordando a década seguinte apenas na próxima edição. Tudo em prol do detalhe e do rigor histórico. Embarquem comigo em mais esta fabulosa viagem ao nosso passado metálico.

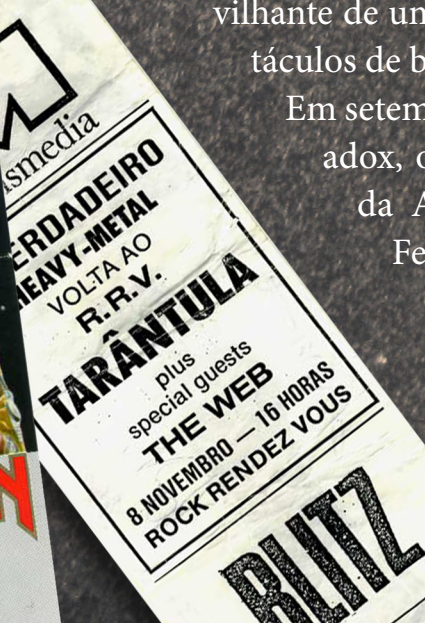
A segunda metade dos anos 80 contrastou com a primeira no que se refere aos espetáculos de grandes nomes do Heavy Metal internacional realizados em terras lusas. De facto, desde 1984 até ao final da década, Portugal apenas assistiu a concertos dos Iron Maiden + WASP, Century (agrupamento francês de Hard Rock maioritariamente praticante de baladas), Bon Jovi + Dan Reed Network, Gary Moore + Cruise, Motorhead + Girlschool + Destruction, Iron Maiden + Helloween, Gun e Saxon.

Além destes eventos, poucos mais tiveram lugar. Entre 1988 e 1989, como que prevendo a queda do Muro de Berlim, estrearam-se em Portugal algumas bandas oriundas da Cortina de Ferro, cujos espetáculos foram maioritariamente organizados pelo Partido Comunista Português (PCP). O primeiro desses espetáculos aconteceu em janeiro de 1988 no antigo Cinema Alvalade, em Lisboa, com os Século XX (apresentados em Portugal sob esta designação, devido à dificuldade de pronúncia do seu nome real), provenientes da então URSS. O quinteto, desconhecido em Portugal, atuou perante uma sala repleta, com níveis de histerismo inimagináveis.

Assistia-se à expressão máxima da rebeldia fer-vilhante de uma juventude ansiosa por espetáculos de bandas estrangeiras.

Em setembro desse ano os *thrashers* Paradox, oriundos da República Federal da Alemanha (RFA), atuavam na Festa do Avante, no Seixal, sucedidos no mesmo evento, no ano seguinte, pelos Everest, oriundos da URSS. Multidões uivantes e fanáticas marcaram essas

WHERE ON TOUR 86/87





atuações memoráveis, assinalando um momento único na história do Metal em terras de Camões. Em 1989 também os Minotaur, contrterrâneos dos Paradox, atuaram em Lisboa. À parte estes agrupamentos, apenas os franceses Agressor e os holandeses Thanatos, numa vertente mais *underground*, subiram aos palcos nacionais na segunda metade dos anos 80, durante a qual passavam vários meses sem que bandas estrangeiras tocassem em Portugal. A oferta de espetáculos ao vivo de grupos nacionais fervilhava, percorrendo os agrupamentos o circuito constituído pelo mítico Rock Rendez Vous (RRV), coletividades, sociedades recreativas, liceus (hoje designados “escolas secundárias”), juntas de freguesia e a Voz do Operário, em Lisboa. Por volta de 1983/1984 o termo Heavy Metal era já bastante usado. Surgiram pela primeira vez os conceitos de “underground”, que define um movimento musical oposto ao *mainstream*, muito menos visível (aliás, a tradução do termo para português é

“subsolo”), ideologicamente oposto ao comercialismo e alimentado por nichos de mercado cujos agentes atuam apaixonadamente numa lógica *do it yourself*.

Surge ainda o *tape-tradding* (gravação e troca de cassetes áudio e vídeo com fãs de todo o mundo), o *record-tradding* (troca de vinis para qualquer zona do planeta) e a reprodução comercial maciça, embora ilegal e amadora, de concertos gravados em vídeo e posteriormente reproduzidos, a pedido, em cassetes VHS. Eram milhares os títulos disponíveis nesses catálogos, abrangendo espetáculos de inúmeras bandas, das maiores estrelas mundiais aos mais obscuros coletivos underground. Estes documentos eram imensamente procurados, contendo em geral verdadeiras raridades. Extremamente populares, estas formas de intensa divulgação impulsionaram o Underground de forma exponencial numa altura em que a Internet não passava de ficção científica para as populações, embora já fosse usada de forma experimental nos meios académicos e militares norte-americanos. O termo *demo-tape*, que significa “cassete de demonstração” vulgariza-se a partir de 1983/1984 com a adoção maciça do formato (em que os grupos mostravam o seu potencial). Com efeito, a *demo-tape* veio permitir que os grupos amadores mostrassem o seu trabalho em cassete numa altura em que apenas os Tarântula, Ibéria e poucos mais gravavam discos no Portugal metálico.





# A cena ao rubro

A 15 de dezembro de 1984 realiza-se em Santo António dos Cavaleiros o primeiro festival português de Heavy Metal, sucedido a 4 de outubro de 1986 pelo Metal Stage, na Amadora. Outros se lhes seguiram. Desde 1984 até ao final da década o Underground metálico português sofreu um desenvolvimento imenso, com o surgimento de inúmeras bandas - Sepulcro, Alkateya, Blizzard, Valium (mais tarde conhecidos como Casablanca), Satan's Saints, Battalion, Devil Across, STS Paranoid, Cruise, Asgarth, The Vowers, Ibéria, Samurai, Thornado, Afterdeath, Shrine, Necrophiliac, Tao, Comme Restus, Dove, W.A.D.S., Unsilent, Massacre (pré- Enforce), Dissafected, Sepulchral (pré-Bowelrot e Disembowel), V12, Black Cross, Silent Scream, Agon, Fallen Angel, Massive Roar, Shrine, Necrophilia, Mercilles Death, Mortífera, Harum, Paranoia, Metal Brains, Procyon, The Coven, Ramp, Web, Wreck Age, Mantron, Thormentor, WC Noise, Dinosaur, Logon, Jarojoupe, Bachterion (pré-Filli Nigrantium Infernalium) ou Angel Sinner, entre muitas outras.

Na época surgiram também vários clubes de fãs, entre os quais a Brigada Metal Power, o Guardians of Metal, o Império Metálico e o Heavy Metal Zombies Paranoid, além de numerosos fanzines (alguns deles editados pelos clubes), como o "Metal Power", "Profundezas do Metal", "Algema Metálica", "Metal Invaders", "Último massacre", "Devastação Metálica", "Abismo", "Hard'n'Heavy Fanzine", "Caminhos Metálicos", "Purgatório do Heavy Metal", "Metal Bible", "Nuclear Mosh", "Renascimento do Metal", "Metalkraft", etc.

Aliás, à parte o jornal português "Blitz", fundado em 1984, e as revistas estrangeiras "Bravo" (alemã), "Rock Brigade" (brasileira), "Heavy Rock" e "Metal Hammer" (espanholas), que chegavam a Portugal com um atraso de meses, o fã português não tinha acesso a qualquer outro título no que se refere à imprensa profissional. Encontrar edições inglesas da "Metal Hamer ou da "Kerrang!" era raríssimo.

O Rock Rendez Vous tornou-se palco de incontáveis espetáculos de Metal e não só ao longo de toda a década de 80 até encerrar, em 1990. Nalgumas matinés de domingo a programação ao vivo era substituída pela exibição de "telediscos" (como então se dignavam os agora chamados *clips*, ou *videoclips*) da MTV, num ecrã gigante, oportunidades únicas de que na época os fãs dispunham para aceder visualmente a temas dos Kreator, Iron Maiden, Helloween, Metallica ou Nuclear Assault, entre muitos outros. É essencial recordar que, então, não existia TV por cabo em Portugal.

O programa "Lança-chamas", do mítico António Sérgio, tornou-se uma imensa escola de fãs, músicos, radialistas e jornalistas especializados no Som Eterno. Aproveitando o advento das irreverentes rádios-pirata, surgidas às centenas em meados da década, os programas de autor







especializados em Metal inspirados na genialidade de António Sérgio multiplicaram-se, impulsionando o movimento Underground. Formou-se toda uma nova escola radiofónica, independente e ousada. O Underground nacional encontrava-se ao rubro em todas as áreas.

No final da década emergiram novos programas radiofónicos, como “Boca do Inferno”, “Caminhos de Ferro” ou “Alta Tensão”. Na mesma altura o mercado viu surgir várias editoras independentes, como a Slime Records, a Skyfall, a Mortuary ou a MTM, que nos primeiros anos da década de 90 lançaram discos históricos como a dupla compilação em vinil *The Birth of a Tragedy* (MTM). Nas lojas de discos (à época designadas “discotecas”, embora em nada se relacionassem com os espaços dançantes do mesmo nome) reinavam as importações, embora a oferta editorial já fosse significativa em quantidade e qualidade. Aliás, as discotecas One-off e Bimotor constituíam os principais “santuários” para os fãs adquirirem vinis, *demo-tapes*, fanzines e bilhetes para concertos, mesmo a nível *underground*. Era aí que passávamos inúmeras tardes a olhar embevecidos para as novidades na Década Dourada.

#### Dico

Textos detalhados em [www.soundzonemagazine.blogspot.com](http://www.soundzonemagazine.blogspot.com)

Texto redigido ao abrigo do novo Acordo Ortográfico •







### LANTLÔS

«Agape»

(Lupus Lounge / Prophecy Productions)

O fio que conduz esta nova proposta de Lantlôs não tem nada a ver com o anterior “.neon”, que caracterizou uma (sur)realidade negra e psicótica. Em «Agape» essa bruma desaparece para dar lugar a novos estados de espírito e outras descobertas fomentadas por outros modos de percepção e pensamento. O título, “Agape”, que significa afeição ou amor pelo próximo,

dá de antemão uma ideia do que o álbum propõe. Longe, portanto, das vertigens dos álbuns anteriores, Herbst explora esses sentimentos e através da música deslinda-os na tentativa de os traduzir e de os compreender. Com a ajuda da voz de Neige são gritados temas como “Intrauterin”, onde se pode escutar as novidades desta nova proposta: a presença do ritmo lento do Doom. Mas, apesar de todo o álbum ser mais lento que os anteriores, não significa que seja totalmente composto por Doom. Há também pitadas ambientais de post-qualquer-coisa que são bastante familiares ao ouvido e que soam maravilhosamente bem. “Bliss” acelera o ritmo para algo mais familiar ao «.neon», e onde está também presente uma certa cadencia rítmica que dá uma singularidade ao tema, ao ponto de ser, talvez, o melhor do álbum. “You feel like memories” é uma composição instrumental com um ritmo de baixo acompanhado por sons etéreos. E “Eribo – I collect the stars” é um tema inspirado num personagem do livro “The Neverending Story”, de Michael Ende. Embora o álbum seja curto, ele vai exigir do ouvinte várias audições. Isto porque a temática dele é bastante densa e o interessado vai querer sentir e entender as ligações da ideia de agape com as músicas, com as letras e mesmo com a capa que retrata muito bem esse sentimento. Herbst anda muito inspirado e fez um belo trabalho no qual todos se podem identificar.

**[9/10]** Victor Hugo





**3**

«The Ghost You Gave To Me»

(Metal Blade Records)

Joey Eppard mentor e principal compositor dos 3 traz-nos até à data, o seu registo mais progressivo, não só ao nível da música como também das letras. «The Ghost You Gave To Me» (TGYGtM) “nasce” na sequência do também excelente «Revisions» e após várias tourneés com os Porcupine Tree ou da já famosa Progressive Nation Tour, onde se juntaram a bandas como Dream Theater ou Opeth. Isto por si só é já um excelente cartão de visita e atesta a qualidade deste quarteto. TGYGtM é um álbum de rock/metal progressivo com uma sonoridade muito própria, bem distinta e muito bem produzido. A principal característica que o distingue

dos demais é o timbre e as harmonias da voz de Joey Eppard – suave, “misteriosa”, emotiva e quando os temas pedem... agressiva. Relativamente aos temas estão todos praticamente ao mesmo nível, no entanto destaco “React” que é um tema com várias mudanças de ritmo perfeitamente encadeados. O coro melodioso fica facilmente no ouvido e o interlúdio que antecede o solo faz lembrar Porcupine Tree. O 1º single do álbum, “Numbers”, é uma das melhores faixas do álbum e começa “normal”, poderemos dizer algo pop, para a partir dos 3 minutos acabar num monstruoso riff do mais puro Thrash groove. “It’s Alive” começa com um riff muito 70’s para acabar num coro fortíssimo onde a voz mais calma de J. Eppard dá lugar a um “It’s Alive” bem agressivo. Para finalizar os destaques, “Only child”, o tema mais forte em termos líricos e também o mais progressivo, com um fantástico trabalho de bateria e baixo é para mim o melhor tema do álbum. Os 3 conseguem passar de temas pop – “Afterglow” ou “The Barrier” para temas fortes, progressivos e complexos. Este estará, certamente, no meu Top 10 de 2011.

**[9/10]** Eduardo Ramalhadeiro



**9MM**

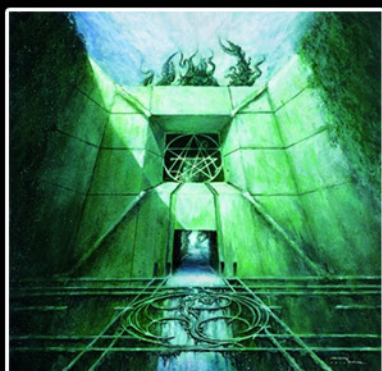
«Dem Teufel ein Gebet»

(Napalm Records)

Esta banda Alemã, já com cinco anos de experiência, surge em 2011 com um álbum que se pode catalogar como Deutschrock / Punk. E aí está praticamente tudo o que se pode dizer em relação ao estilo que predomina durante todo o álbum. Tudo o que ouvimos, identificamos claramente como punk, complementado com umas fortes doses de rock, cantado na língua Germânica, a complementar a fórmula que os 9MM usam para fabricar os seus discos. Bom, não conhecendo esta banda e tendo em conta o nome julgava que poderia contar com um “killer record”; poderá ser considerado nesses termos para quem realmente apreciar o

estilo rock/punk. As letras valem o que valem, e ouvi-las cantadas em Alemão já não mete confusão a ninguém especialmente tendo em conta o legado dos Rammstein. As composições não são de todo maçadas, pois as sequências dos riffs são suficientemente dinâmicas e diferentes para “energizar” o conteúdo deste disco. As vocalizações são quase sempre em tom de rebelião e os coros a replicar as palavras de ordem (ou desordem) que porventura as letras queiram transmitir. Tudo somado para dar um tom “alegre” a este disco bem animado e cheio de adrenalina. Como referi é um disco que poderá fazer sentido ouvir para quem for adepto do punk/rock e quiser espreitar para algo bem produzido, bem tocado e cantado em Alemão. Tirando isso este não é um álbum para mudar a história da música, mas constituirá uma boa base para uns concertos ao vivo eletrizantes que certamente estes 9MM irão proporcionar às suas audiências.

**[7/10]** Sérgio Teixeira



**ABSU**

«Abzu»

(Candlelight)

Neste sexto registo de estúdio Proscriptor McGovern e Cia apresentam-nos um trabalho que se pauta pelo essencial do black-o-thrash speedado e estridente que sempre caracterizou a sonoridade da banda, mas numa versão desta vez ainda mais crua e directa do que tem sido habitual. Sem surpresas, somos fustigados por um tornado incessante de riffs rasgados, percussões diabólicas e vocalizações ríspidas, que concorrem para produzir os momentos verdadeiramente contagiantes a que banda Texana há muito nos habituou. Como temas de destaque podemos apontar “Circle of the oath”, “Abraxas connexus” e muito especialmente o épico de 15 minutos “A song for Ea”, apesar desta se apresentar, estruturalmente, como uma colagem desconchavada de segmentos algo incoerentes, em lugar duma peça fluente como seria

o épico de 15 minutos “A song for Ea”, apesar desta se apresentar, estruturalmente, como uma colagem desconchavada de segmentos algo incoerentes, em lugar duma peça fluente como seria



de esperar. Em suma, é sem dúvida um álbum à altura do estatuto dos Absu, conquanto não esteja ao nível dos dois últimos discos. A insistência em ritmos sempre muito rápidos, sem alguns andamentos mais refreados a criar algum contraste, não ajuda a agarrar a atenção, e o resultado é um disco – já de si curto para os padrões da banda – que termina quase sem nos apercebermos. Claramente, faltou o engenho e a inspiração patentes em «Absu» e «Tara», havendo várias alturas em que o disco perde parte do interesse, como é o caso da segunda metade da citada "A song for Ea". Quem conhece a banda norte-americana sabe bem que são capazes de melhor. E se o próximo registo for deveras o álbum derradeiro da carreira dos Absu – como o próprio McGovern sugeriu recentemente –, então não se exige nada menos do que uma despedida em grande.

**[7.5/10]** Ernesto Martins



### **ANIMAL AS LEADERS**

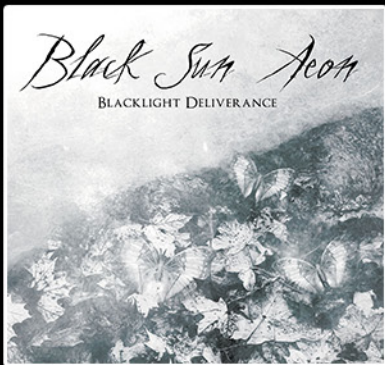
«Weightless»

(Prosthetic Records)

Confesso que não conhecia estes Americanos antes deste álbum. Descubri-os por acaso num fraco vídeo no youtube, ao vivo e com som não muito bom. O que me despertou mais atenção foi o facto de serem só 3 membros e sem voz. Quando apareceu a oportunidade de escrever sobre «Weightless», realizei uma pequena pesquisa: banda com 3 membros, sem baixo, totalmente instrumental e dois guitarristas com guitarras de... 8 cordas!? Pois, eu volto a escrever: Ambos os guitarristas tocam com guitarras de 8 cordas! Tosin Abasi é o principal guitarrista solo e Javier Reyes é também principal mas no que diz respeito à guitarra rít-

mica. Mas que tipo de música pode sair deste trio, no mínimo sui generis? À partida poderemos pensar: Como vamos aguentar ouvir 12 temas só com 2 guitarras? Ou isto é muito bem feito ou o álbum vai redundar em tragédia, pura e simples! A minha resposta: «Weightless» não é bem feito... é uma ode ao virtuosismo! Os Animal As Leaders tocam uma espécie de rock/metal progressivo instrumental misturado com jazz de fusão e djent (Meshuggah, Periphery, TesseracT ou Textures). Com esta configuração, entenda-se, 2x oito cordas, o som não só sai muitíssimo potente, grave e distorcido como limpo e agudo. A técnica utilizada é soberba; arpejos, tapping, solos fantásticos, riffs e composições complexas. Tosin Abasi é simplesmente virtuoso e muito bem apoiado por J. Reyes. Para acompanhar músicos deste calibre e interpretar os complexos temas, o baterista (Navene Koperweis) tem que ser, igualmente, muito evoluído tecnicamente. E é o que de facto acontece. Os temas são diversificados e ao contrário do que se possa pensar, não se vão cansar de ouvir «Weightless».

**[9.5/10]** Eduardo Ramalhadeiro



### **BLACK SUN AEON**

«Blacklight Deliverance»

(Cyclone Empire)

Apresentado como o álbum da banda a solo de Tuomas Saukkonen (Before The Dawn), «Blacklight Deliverance» é já o terceiro álbum de uma banda que conheceu os seus dias em 2008. Inserindo-se no contexto Dark-Doom/Death Metal, os Black Sun Aeon (BSA), musicalmente, não acrescentam nada de novo a este panorama, a não ser de termos mais uma excelente banda deste tão particular estilo. «Blacklight Deliverance» tem tudo aquilo que se espera: Voz feminina angelical, a cargo de Janica Lönn (Lunar Path), voz masculina limpa na voz de Mikko Heikkilä (Sinamore) e a vocalização mais obscura e gutural de Tuomas Saukko-

nen. Balanceando entre os riffs mais pesados mas pouco doom, e ritmos mais avassaladores a roçar o Death com partes mais limpas onde os teclados mandam, os BSA conseguem de facto acrescentar aquela dinâmica que caracteriza o Dark Doom Metal, mas sem qualquer melancolia associada, nem mesmo quando a voz feminina vem ao de cima. «Blacklight Deliverance» é um álbum mais Dark do que Doom, onde cada faixa tem a sua textura musical própria e pontos de interesse, mas no global apresenta-se com pouca melancolia associada, num conjunto de sete temas bem conseguidos e produzidos, onde todos eles contribuem ao mesmo nível, fazendo deste um álbum bastante homogéneo, que vale pelo seu todo. Este álbum é-nos mostrado como o mais pessoal a todos os níveis do seu mentor, Tuomas Saukkonen. Para admiradores e fãs deste género Dark-Doom/Death Metal.

**[8.5/10]** Carlos Filipe





### BLUT AUS NORD

«777 – The Desanctification»

(Debemur Morti)

Se no primeiro capítulo da trilogia “777” os Blut Aus Nord devanearam pelo existencialismo, destacando o niilismo e a ilusão lógico-racional, neste segundo capítulo é ilustrado o pânico logo após a tomada de consciência do Nada. “Deus está morto”, não há qualquer suporte existencial que justifique a existência e o Homem encontra-se sozinho embrenhado no medo e na solidão, livre dos ídolos de outrora e da cultura, sem qualquer propósito para viver. O Mundo é um vazio de sentido, sem política, sem religião e sem filosofia. O que poderá ser o Homem nesse vazio? Assim se podem preparar para esta segunda parte recheada de

texturas ambientais que ilustra, claro está, a temática dessantificada pelos Blut Aus Nord. “Epitome VII” mostra uma sonoridade caracterizada pelos ambientes industriais, uma pitada de electro, mas com as tais dissonâncias que estes franceses já nos habituaram. Em “Epitome VIII” vem ao de cima a excelência desta banda: o Black Metal toma lugar, a complexidade sobressai-se ora dando lugar a uma aura negra e sufocante, ora dando lugar a uma certa textura melódica e, quiçá, clarividente. É neste registo que se movem os Blut Aus Nord na sua nova proposta, numa mistura de industrial com Black Metal que por vezes é compassado por um certo Doom, e pitadas de harmonias e desarmonias. Pode parecer uma salada, mas estes tipos sabem fazê-lo de um modo brilhante e refrescante. Além do mais, todas estas comunhões são uma ilustração genial da temática a que se propõem, como se estivéssemos perante uma obra de arte tal como a primeira parte da trilogia “777” sugeriu – uma obra para meditar e sentir.

**[9.5/10]** Victor Hugo



### ECHIDNA

«Dawn of the Sociopath»

(Rastilho Metal Records)

Depois do trabalho de estreia intitulado «Insidious Awakening», os gaienses Echidna (não confundir com a banda grega nem com a banda brasileira) surgem com o novo álbum chamado «Dawn of the sociopath» onde retratam, com recurso aos vários instrumentos, a mente de um sociopata. O álbum vem de encontro à minha opinião de que em Portugal faz-se de facto muito boa música basta tentar encontrá-la. O quinteto apresenta onze faixas cheias do poder característico do death metal, muito bem acompanhado por um som progressivo com poli-ritmos que dá um toque de requinte ao álbum. A música “Synaptic entropy” oferece

um pré-aviso sobre o que “aí vem” porque de facto o álbum só começa com a “The antagonist”, que mostra que há uma evolução enorme do primeiro para o segundo trabalho, sucedida de um chorri-lho de músicas de altíssima qualidade que confirmam a ideia inicial. Torna-se injusto destacar algum elemento em especial visto que as guitarras estão muito bem conseguidas com riffs pesados e solos tecnicamente evoluídos, sempre bem suportadas por uma bateria e um baixo de “alta rotação”. A voz rasgada do Bruno Capela fura a nossa cabeça, passando de forma perfeita a mensagem pretendida. Em suma a banda funciona (e bem) como “um todo”. Quero realçar a música “Obscuring my reason” que demonstra todos os predicados que referi ao longo desta análise. O meu desejo é que esta banda continue a mostrar-nos coisas boas e cá estarei para as ouvir.

**[9/10]** Sérgio Pires



### ESOTERIC

«Paragon of Dissonance»

(Season of Mist)

Estes mestres do Doom mais extremo parecem só lançar um álbum quando ele já tiver as características de uma obra-prima. Se fizermos uma retrospectiva e ouvirmos novamente os álbuns, daremos conta com outros ouvidos que a banda vai-se aperfeiçoando e otimizando a qualidade álbum após álbum. «Paragon of Dissonance» não é exceção e demonstra um trabalho notável destes ingleses. É sabido que para se ouvir uma obra dos Esoteric é necessário uma certa disposição para tal, vontade e estômago para carregar com Doom fúnebre, lento, psicadélico e longo. Já nesta nova proposta esses requisitos poderão estar mais

acessíveis aos ouvintes. Isto porque os temas deste álbum são menos densos e não tão longos. Para tal os Esoteric apresentam-nos músicas com uma carga melódica do melhor que já fizeram. Logo a abrir, “Abandonment” poderá agarrar o mais distraído dos ouvintes com a sua estrutura simples, a voz profunda e negra do Greg, e uma guitarra em constante harmonização que acaba por se lançar num



solo totalmente ambiental. Se continuarem hipnotizados após o primeiro disco, mudem para o segundo e de certeza que no final saberão destacar algumas das partes que mais gostaram. Em suma, este «Paragon of Dissonance» apresenta argumentos muito bons. A sua acessibilidade é um trunfo e por isso sugere uma maior abertura a mais ouvintes; e a sonoridade está simplesmente de génio e parece ter sido evocada do que de mais negro existe, com boas combinações de ambientes das guitarras e teclados com os ritmos da bateria e do baixo. Um álbum para as listas de melhor do ano.

**[10/10]** Victor Hugo

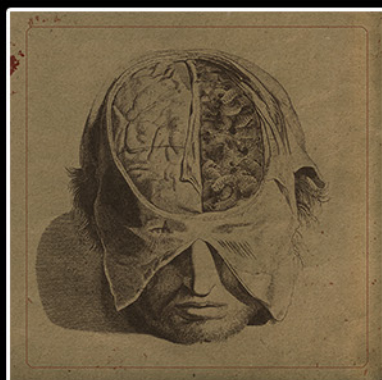


#### **FALLOCH**

«Where Distant Spirits Remain»  
(Candlelight)

Os Falloch são uma banda escocesa criada em 2010 e constituída apenas por dois membros, Andy Marshall (baixo, guitarra e voz) e Scott McLean (bateria e teclados). Este «Where Distant Spirits Remain» é o seu álbum de estreia que anda em torno de registos entre o metal, folk e post-rock sendo impressionante a qualidade já demonstrada. Ao longo deste trabalho não se ouvem grandes distorções nem vozes muito pesadas, antes pelo contrário. Trata-se de um som atmosférico e emotivo, com uma voz bastante melódica, é daqueles álbuns que pode tocar perfeitamente num bar quando se vai tomar um café sem “ninguém se queixar”. A nível instrumental o álbum está bem conseguido, com bons arranjos por vezes com presença de elementos como flautas e violas acústicas. A voz nasalada do Andy é uma característica das músicas e cria um ambiente sonhador em torno delas como que transportando-nos para outra realidade. Destaco a música “To walk amongst the dead”, visto que é demonstrativa de toda a qualidade criativa destes dois rapazes e com a presença de todos os elementos que se podem encontrar ao longo de todo o álbum. A minha curiosidade em torno da banda prende-se com a dúvida de como estes sons irão sair/aparecer ao vivo se forem apenas duas pessoas a fazê-los, e qual vai ser o caminho a seguir daqui para a frente para o projecto não cair numa monotonia difícil de digerir. Para já estão de parabéns.

**[8/10]** Sérgio Pires



#### **FARSOT**

«Insects»  
(Lupus Lounge / Prophecy Productions)

Os Farsot, após a edição de duas demos, lançaram o seu álbum de estreia em 2007 com o qual obtiveram uma considerável notoriedade nos meios musicais mais ligados ao Black-Metal. Normalmente quando as estreias são de grande nível, a expectativa é grande quanto à sequência e no caso dos Farsot, esta surge precisamente este ano. «Insects» é o título deste segundo disco que para quem conhecia o primeiro trabalho não estranhará o que ouve. Este é material portanto com grande qualidade e com reforço da componente intimista e melódica ao longo dos 55 minutos de duração deste disco. Como ponto mais relevante temos uma sonoridade bastante nítida; consegue-se perceber claramente a execução de cada uma das guitarras e baixo, aliadas à bateria e voz numa mistura em que as formas estéticas dos vários riffs são claramente vivas e definidas o que é um ponto que marca esta obra. As composições transmitem ideias próprias e à medida que se avança no disco temos um banquete composto de passagens pesadas adicionadas de momentos puramente melódicos e de descompressão, interligados por uma superior capacidade de homogeneização melódica e rítmica. Isto resulta num álbum que constitui uma excelente base para performances ao vivo seguras. Julgo que o tema “Perdition” é uma excelente porta de entrada e no qual fiquei particularmente impressionado com o modo como a introdução de simples slides podem renovar e prolongar uma música para mais uns soberbos momentos de Black-Metal. Mas se globalmente o álbum tivesse um pouco mais de expansividade seria ouro sobre azul.

**[9/10]** Sérgio Teixeira



#### **HACKNEYED**

«Carnival Cadavre»  
(Lifeforce Records)

Os Germânicos Hackneyed regressaram este ano com o seu terceiro álbum cujo título é «Carnival Cadavre». Apesar de ter ficado um pouco esquecido no cofre-forte da Versus, não seria justo deixar de dedicar umas linhas a falar um pouco deste disco de Death-Metal. Afinal de contas quando temos um disco com boas composições aliado a uma produção de alto nível, não se pode deixar de realçar a energia devotada pelos elementos de determinada banda a conseguir uma obra que pode ser do agrado de muitos. Julgo que os críticos têm de certo modo subestimado esta banda que apesar de não marcar radicalmente a dife-



rença no cenário do Death da actualidade demonstra que estão cada vez mais maduros. E o porquê tem precisamente a ver com a consistência das composições que fazem um somatório de elementos claramente Death, com originalidade q.b. de um modo em que se pode ouvir o álbum sem termos a sensação de estar-se a misturar alhos com bugalhos. É Death-Metal e ponto final. A produção rigorosa faz o resto do trabalho, finalizando a missão de colocar o álbum no limiar de peso e agressividade que as composições pediam. Tanto nas guitarras mega-pesadas como na voz que certamente teve um tratamento especial com umas pitadas de efeitos pelo meio a dotar as linhas vocais de poder suficiente para disparar uns aterradores decibéis de pólvora sónica. O resultado é um álbum em que se ouve a primeira música e simplesmente pára-se na última. Concluindo, enquanto houver bandas como os Hackneyed, pode-se considerar que o Death-Metal está de boa saúde e recomenda-se.

[9/10] Sérgio Teixeira



### HELDER OLIVEIRA

«For Eternity»

(edição de autor)

Cá por Portugal os guitarristas que se lançaram a solo para fazer álbuns instrumentais foram poucos. Um grande exemplo foi o Gonçalo Pereira, e agora temos este jovem guitarrista, Helder Oliveira. Não é tradicional por cá haver este tipo de registos, e por isso, um lançamento deste género merece a atenção do nosso seio Metal. Totalmente produzido por ele, com a ajuda do Campino – que para além de ter co-gravado, misturado e masterizado o álbum no Estúdio Singular, em Viseu, também colaborou nos arranjos da bateria e das orquestrações – «For Eternity» apresenta-se como um trabalho interessante, realizado com dedicação

e com qualidade. Isto porque é curioso notar que apesar de ser um estilo pouco batido nas nossas terras, ele consegue agarrar o ouvinte mais curioso e, claro, este registo do Helder não é exceção. Depois da intro “Final hope”, somos projetados com dezenas de acordes sonantes a uma velocidade jeitosa, encantados com harmonias clássicas e derrotados pela força do Metal ora nos riffs pesados, ora nos solos deliciosos. Ninguém ficará indiferente à estrutura de “Illusion’s paradise”, na qual todos trautearão a malha neo-clássica lá pelo meio por ser tão óbvia e tão bem colocada. E mesmo a “Tears of my soul” que soa a balada, tem um final pesado quanto baste, suficiente para agitar o corpo. Na sua totalidade «For Eternity» é um trabalho coeso, e apesar dos seus clichés soa maravilhosamente bem e não se esgota facilmente. A combinação das estruturas clássicas com o toque Metal são muito boas, e as harmonias criadas são viciantes. Esperamos que uma editora o agarre para termos um sucessor.

[7.5/10] Victor Hugo



### ILLOGICIST

«The Unconsciousness of Living»

(Hammerheart Records/Willowtip)

Há quem crie seguindo referências dispersas e há quem recrie usando uma norma um tanto ou quanto convencional. Formada em 1997, esta banda italiana já editou três demos e três álbuns. Se o seu primeiro CD, «Subjected» – 2004, provou que era um agrupamento em ter em conta no Death-Metal técnico, o seu segundo, «The Insight Eye» – 2007, uma besta multi-facetada e abrasiva, cativou as massas devido a uma composição superior. Anos mais tarde, Illogacist convida-nos, com este seu terceiro álbum, a entrar num recinto onde as notas musicais são arremessadas de forma ainda mais enlouquecida. Estas, embrulhadas

por uma certa apoteose composicional, trituradas por turbilhões de mestria musical e envoltas em camadas de inconstantes melodias, mostram uma direcção artística que recolhe elementos do passado (Chuck Schuldiner e os seus Death; uma referência omnipresente em Illogicast). Ouvindo várias vezes este álbum, fiquei com a ideia de que a elevada homenagem à sua influência principal não foi tão feliz assim pois podiam ao menos ter tentado esquivar-se da pouca originalidade de “The unconsciousness of living” com alguns outros elementos (por exemplo, tendo em conta os vocais mais thrashy, somos logo remetidos para «The Sound of Perseverance»). Apesar disso, este é um álbum com uma preponderante composição que de certeza irá agradar a quem gosta de velocidade e virtuosismo.

[8/10] Jorge Ribeiro de Castro





### KRISIUN

«The Great Execution»  
(Century Media Records)

Ao fazer a review deste álbum dos Krišun, fui anotando à parte alguns dos adjetivos que me vinham à mente para classificar a sonoridade, composição e demais atributos que se podem encontrar neste excelente álbum de Death-Metal Brutal: mestria, densidade, acidez, brutalidade. Os Krišun dão assim o salto para a excelência de composição que as grandes bandas nos conseguem proporcionar. Desde o artwork até às letras e sonoridade, parece que este álbum foi cozinhado num cenário infernal de altas temperaturas necessárias para a produção do melhor metal. Indo mais concretamente ao conteúdo deste disco, temos os primeiros quatro temas a transportar a sonoridade para cenários "apocalípticos", seguindo-se as restantes faixas a manter a elevação das composições bem encaixadas no Death Brutal, concluindo o álbum com o excelente tema "Shadows of betrayal". De referir apenas que temos a faixa "Extinção em massa" com a colaboração de João Gordo (Ratos do Porão) a dar uma forte componente Thrash e quebrando um pouco por aí a homogeneidade de estilo do disco. Quanto à sonoridade, a utilização quase integral de equipamentos de gravação analógicos dá também uma textura própria ao álbum como um todo. Isto reflecte-se no som cru mas muito bem produzido das guitarras e bateria. Os riffs são suficientemente distintos e diversificados para, mesmo indo beber elementos do Death clássico, conferir ao álbum a originalidade necessária. As variações nos ritmos e compassos complementam este álbum que não posso de deixar de recomendar a quem aprecia Death Metal.

[9.5/10] Sérgio Teixeira



### KVELERTAK

«Kvelertak» (special\_edition)  
(Indie Recordings)

Para quem não conhece, os Kvelertak são uma banda Norueguesa que editou o álbum de estreia homónimo em 2010 e que surge em 2011 com uma edição especial com um punhado de extras (temas ao vivo no CD, um DVD de vídeos, duas demos, um poster, etc.). Ao ouvir esta banda fiquei a perceber o porquê de tão fulminante reedição deste excelente álbum de heavy-metal. Porém dizer apenas heavy-metal não é de facto o suficiente para adjectivar este conjunto de músicas que ultrapassam a barreira do facilmente catalogável; temos Rock, Hard-Rock, Heavy-Metal, Punk e umas pitadas de Black-Metal tudo misturado numa combinação que não deixam esta obra no patamar da indiferença. É de facto quase uma obrigação civilizacional saber que existe na Noruega um conjunto de seis senhores que fazem da criação musical um verdadeiro exercício de... criatividade. Quanto ao essencial, neste disco temos uma excelente produção, 3 guitarras a preencher todo o espaço sonoro e o baixo a não ficar minimamente para trás. As linhas de bateria cumprem o exigido, o que não é pouco, pois tocar bateria sendo capaz de dar conta do recado com a versatilidade que a mistura de todos os estilos exigem é de facto algo de realçar. A voz rouca e estridente está lá a marcar posição e é mais um ponto a somar. Para quem quer ouvir algo mais hard-rock com as guitarras a abrir, com adrenalina q.b. e uma mistura que parece que temos um músico de cada canto do planeta mas que juntos percebem da poda como ninguém, então tenho de fazer jus aos prémios que estes noruegueses já receberam e destacar aqui a reedição deste álbum.

[9/10] Sérgio Teixeira



### LANDMINE MARATHON

«Gallows»  
(Prosthetic Records)

O elemento que mais se destaca nesta banda é sem dúvida a vocalista Grace Perry, uma das melhores intérpretes do Death Metal da atualidade. Neste disco temos ainda a particularidade de os Landmine contarem com um novo baterista, Andy York, que não deixa os seus créditos por mãos alheias. Mas será que esta banda Norte-Americana sobressai de alguma maneira do standard? Tendo em conta este álbum, podemos dizer que está muito perto de ser apenas mais um álbum de Death-Metal. Para além das excelentes vocalizações guturais há ainda um ou outro detalhe que é de realçar. O primeiro é a sonoridade das guitarras



sidade e peso. Apesar de as composições não transbordarem originalidade, têm algumas sequências e riffs que podem ficar na memória auditiva. A produção nada fica a dever à qualidade como seria de esperar numa banda que já começa a ser conceituada no meio. Porém gostaria que o som da tarola estivesse um pouco menos "oco" e que no geral tivessem feito algo que amarrasse mais quem escuta ao álbum uma ou duas vezes. No entanto fica aqui a nota de que escutar este «Gallows» poderá ser algo a considerar.

**[7.5/10]** Sérgio Teixeira



## MYTHOLOGICAL COLD TOWERS

«Immemorial»

(Cyclone Empire)

Apesar de desconhecidos por estas paragens, os brasileiros Mythological Cold Towers contam já com dezassete anos de actividade, tendo assinado em 1996 um álbum – «Sphere of Nebaddon» – que marcou a vaga doom/death da época e que adquiriu, com o tempo, um certo estatuto de culto. Chegados agora ao quarto registo de originais, a formação de São Paulo continua tão interessante como outrora, mostrando que continua a dominar como poucos os recantos sónicos mais sombrios e mais belos do som eterno. "Lost path to Ma-Noa" e "Akakor", os magníficos dois primeiros temas deste «Immemorial», reflectem da melhor maneira essa capacidade artística da banda, sendo faixas que ficam gravadas

na mente logo à primeira audição tal é o dramatismo quase Pink Floydiano das suas passagens. Já a seguinte, "Enter the halls of petrous power", surge com uma queda acentuada nas melodias pegajosas – estilisticamente é mais death e menos gótica, mudança que enriquece o álbum na sua variedade –, exigindo, por conseguinte, mais algum tempo para soar confortável ao ouvido. "The shrines of Ibez" regressa ao apelo e à qualidade do início com uma linha central de guitarra muito à lá My Dying Bride, e "Like an ode forged in immemorial eras" segue atroadora e brilhantemente pesarosa, num espírito que faz lembrar os Theatre of Tragedy da na fase «Velvet Darkness They Fear». Avassalador nos seus riffs e trágico nas suas belas melodias, este é um disco com o dom de nos transportar, como que por magia, numa viagem de sonho através das ruínas de antigas civilizações pré-colombianas há muito desaparecidas. Obrigatório para fãs de doom.

**[8.5/10]** Ernesto Martins



## NIGHT IN GALES

«Five Scars»

(Lifeforce Records)

Conhecendo este agrupamento alemão desde 1997 com o seu primeiro álbum, «Towards the Twilight», um excelente debut que vomita uns dos melhores riffs que já ouvi no Death-Metal melódico, tive o cáustico prazer de ouvi-los em «Thunderbeast», o seu segundo álbum, este apresentando uma boa dose de razões para quase partir o pescoço. Se aos dois álbuns seguintes não prestei muita atenção, tal não foi por desconhecimento de causa, mas porque há muito que se pode ou não fazer nesta vida de altos e baixos. No entanto, descobrindo que tinham editado recentemente um novo álbum, apressei-me a ouvi-lo e é claro que sorri ao descobrir que a banda ainda possui aquela vontade de cor-

tar qualquer obstáculo com instrumentos afiados pela perseverança e uma qualidade muito superior a certos agrupamentos menos iluminados pela inspiração. Embora os membros tenham participado em outros projectos (Deadsoil, The Very End, Grind Inc, In Blackest Velvet...), os Night in Gales estiveram afastados da edição de álbuns desde 2001, tendo editado em 2005 um Ep «Ten Years of Tragedy» (download gratuito) celebrando os 10 anos de existência. Com este novo álbum, surge outra vez aquela libertinagem enraivecida que nos arrepia como a neve e as letras tão surreais quanto Dali embriagado. As músicas são habilmente contempladas com diversos apontamentos melancólicos que seduziriam qualquer alma penada a assombrar com maior eloquência mas, o que mais inspira a rasgar a cara com sorrisos, é saber que a banda está de volta. E, claro, a comunidade Metal agradece!!!

**[9/10]** Jorge Ribeiro de Castro





## SKYPHO

«Same Old Sin»

(Edição de autor)

Com 10 anos de existência, o ano de 2011 é o ano escolhido pelos Skypho para darem o salto para aventuras maiores com o álbum «Same old sin» (SOS). Trata-se de um trabalho difícil de caracterizar, já que esta banda oriunda de Albergaria-a-Velha, não “está quieta” num estilo musical. Passeiam por uma onda grunge fazendo lembrar os Blind Zero há 15 anos atrás, entram pela fusão entre metal/hip-hop característico dos Rage Against the Machine, de repente colocam mais peso nas guitarras e na voz entrando num thrash metal, com passagem pelo didgeridoo dando um aspecto mais tribal. Este álbum está bem conseguido, apesar

de não ser muito consistente devido às alternâncias de entre os vários géneros musicais, com letras em inglês e em português por vezes nas mesmas músicas, surpreendendo pela qualidade em fundir os vários estilos de forma harmónica. A percussão do Hugo Oliveira merece uma palavra de destaque já que dá um toque diferenciador a esta banda. Este SOS é o ponto de partida para outro tipo de exigência que terão no futuro, tanto a nível musical como da própria crítica. Queria dar os meus parabéns pela masterização feita, já que, sendo um álbum com edição de autor, nem sempre é fácil gravar de forma “decente” os vários instrumentos e depois misturá-los de maneira a suarem todos bem e de forma equilibrada. O artwork do CD também está muito bom e para quem diz que “a música portuguesa não tem qualidade” tem aqui um bom exemplo que refuta essa afirmação.

[7.5/10] Sérgio Pires



## STEPHAN FORTÉ

«The Shadows Compendium»

(Listenable Records)

«The Shadows Compendium» é o projecto de estreia a solo do virtuoso guitarrista da banda francesa de metal progressivo neo-clássico Adagio. Talhado numa vertente guitar hero, ao bom estilo de Jeff Loomis, Eddie Ojeda, Patrick Rondat ou mesmo James Murphy, afastando-se claramente do estilo de um Yngwie Malmsteen, Joe Satriani ou Steve Vai. «The Shadows Compendium» é um sólido álbum de metal progressivo na vertente Guitar Hero, onde em cada música o solo é rei e senhor – como seria de esperar, deixando-nos apenas um curto espaço para respirar entre eles, ou seja, quando o riff sobressai e agrega tudo.

Muito pouco de neo-clássico – uma decisão acertada para assim se demarcar de Adágio; nada de letras e cantores, somente puro instrumental, e que instrumental! «The Shadows Compendium» vale pelo seu todo e o virtuosismo demonstrado em cada música por Stephan Forté – vejam a “Stephan Forté Leçon” no youtube – a par da sólida composição demonstrada em cada música: Tudo parece ter sido talhado com um rigor tal, que se encaixa na perfeição. Não há momentos calmos, nem banais, e uma vez soltado a palheta, o ritmo é sempre forte, agressivo e pesado – bateria incluída! A lista de convidados enriquece ainda mais o álbum: Jeff Loomis (Nevermore), Derek Taylor, Rusty Cooley (Shrapnel) e Phil Campbell (Motorhead). «The Shadows Compendium» é um daqueles álbuns e Stephan Forté um guitarrista que qualquer apaixonado da guitarra deve ter em consideração na sua discografia. Quem não conhece Stephan Forté, tem aqui neste trabalho, uma boa e excelente oportunidade.

[9/10] Carlos Filipe



## THE MAN-EATING TREE

«Harvest»

(Century Media Records)

Melancolia em doses reforçadas, numa certa atmosfera intimista, esta banda Finlandesa de Atmospheric Gothic Metal consegue neste trabalho, lançado em 28 de Novembro, um registo bem em sintonia com o Inverno que não é só na Finlândia que se começa a fazer sentir. Julgo que estes The Man-Eating Tree são de facto uma banda a ouvir e a conhecer. Aliás não é por acaso que vão para a estrada com os Amorphis e Leprous fazer 18 concertos até meados de Janeiro de 2012. Também não será por acaso que estão neste momento a fazer discos sob a chancela da Century Media. Muitas vezes os bons álbuns e as bandas não se destacam devido à extrema originalidade ou unicamente por causa de produção ou porque os solos de guitarra são de uma execução técnica divina. Muitas vezes os álbuns são bons porque o todo é maior do que a soma das partes. E assim este «Harvest» enquadra-se nessa análise; tem boas composições, uma boa produção, bons solos de guitarra, teclados discretos mas essenciais para criar o ambiente de-



sta obra. Vocalizações limpas e melódicas e bateria a cumprir os requisitos mínimos. As composições foram desenhadas a régua e esquadro mas preenchidas com o mínimo de originalidade. Dentro do género Atmospheric Gothic temos assim um excelente álbum ainda que em alguns temas falte uma certa dose de sal e pimenta. Resumindo, os fãs deste género de metal vão de certeza apreciar e mesmo os menos dados a sonoridades góticas poderão escutar este álbum sem se arrependerem.

**[8.5/10]** Sérgio Teixeira



### THY CATAFALQUE

«Rengeteg»

(Season of Mist)

Para fazer a devida justiça a este álbum de estreia do projecto a solo de É impressionante sentir o resultado final deste trabalho, por ser tão disperso na sua sonoridade e por ser ao mesmo tempo tão coeso. Tamás Kátai já nos foi habituando com o seu Metal Avantgarde dos álbuns anteriores, e este «Rengeteg» consegue agarrar o ouvinte e superar todas as expectativas. Podemos esperar muito groove logo a abrir com “Fekete mezők”, um tema longo para logo de seguida sermos surpreendidos pela aura rock da música “Kel keleti szél”, que tem como base um riff de guitarra que vai sendo acompanhado por teclados simples mas brilhantes. O ambiente e melodia são uma constante, como poderemos comprovar

nos temas “Kő koppan”, que é simplesmente brilhante, e também no “Vashegyek” onde participa a vocalista Ágnes Tóth, dos The Moon And The Nightspirit”, e no qual há uma variedade simplesmente incrível – do início bastante melódico e ambiental somos levados até ao final por um trilho brutal e pesado mesclado com melodias tangíveis, não só proporcionadas pelos instrumentos como também pelo trabalho das vozes. Já no tema “Holdkomp” o industrial é presença ritmada por uma batida a roçar o Pop. No fecho ficou reservado o tema mais pesado que vai recuperar a sonoridade primordial dos Thy Catafalque: o Black Metal – misturado, claro está, com as diversas sonoridades que fomos ouvindo. Depois de escutar isto tudo ficamos com a certeza que «Rengeteg» é um trabalho muito bom. As misturas são boas; as vozes também, ora limpas, ora embebidas em folk, ora agressivas; e a estrutura dos temas demonstra um trabalho impressionante. Pena a bateria ser programada, que retira aquela característica orgânica do ritmo.

**[9/10]** Victor Hugo



### TRANSATLANTIC

«More Never Is Enough»

(InsideOut Music)

Fazer reviews a este tipo de projectos/álbuns deve ser das coisas mais fáceis de avaliar e opinar. O que dizer de um projecto cujos elementos são os seguintes: Roine Stolt (The Flower Kings) – guitarra/voz; Pete Trewavas (Marillion) – Baixo/voz, Neal Morse (Ex-Spocks Beard) – Teclas/guitarra acústica/voz; Mike Portnoy (Ex-Dream Theater) – Bateria/Voz e Daniel Gildenlöw (Pain of Salvation) – Guitarra/Teclas/percussão/voz? O título deste lançamento diz tudo: Muito nunca é demais! De facto, tudo o que está envolvido neste lançamento é soberbo. Desde ao artwork até ao concerto em si. Senão vejamos: «More Never Is Enough» é constituído por 3 CD's e 2 DVD's. Nos CD's está todo o concerto gravado em

Manchester (2010): O primeiro CD com um só tema de 1h20m, “Whirlwind”, pertencente ao álbum com o mesmo nome de 2009; o segundo CD com 3 temas perfazendo aproximadamente, 73 minutos e o terceiro CD com 40 minutos. Num total temos cerca de 3h30m do mais puro rock progressivo. Os dois DVD's trazem-nos o concerto na cidade de Tilburg – Holanda. O setlist é composto por todos os temas que estão nos três CD's e ainda, uma versão dos Genesis do tempo do Peter Gabriel, The Return Of The Giant Hogweed. De referir que este tema conta com o próprio Steve Hackett na guitarra. Face a músicos deste calibre acho que não vale a pena comentar a parte técnica, composição ou virtuosismo. Que me lembre, de todos os supergrupos quem tenho ouvido, será este o melhor – Bem... se é que neste nível poderemos falar de “melhores”. Mas penso ter passado a ideia... Para os fãs do rock progressivo, não é obrigatório, é imperial e uma heresia não contar com esta edição na discografia. Entre áudio e vídeo, são aproximadamente, 7h de arte musical. Por tudo isto... nota máxima!

**[10/10]** Eduardo Ramalhadeiro





## TYRANT WRATH

«Torture Deathcult»

(Battlegod Productions)

Por mais que se goste de Black Metal nem sempre somos surpreendidos pelos demais lançamentos do estilo que aparecem mensalmente. O caso destes suecos Tyrant Wrath é um exemplo disso. Não significa que o trio seja composto por maus músicos – decerto que todos terão aptidão para fazerem melhor do que nos apresentam em «Torture Deathcult» (pelo menos quero acreditar que sim) – mas o resultado não é brilhante. Músicas como “Deaths Lair” não deveriam ver a luz do dia. Existem blastbeats, sim, mas é aborrecido, e ao longo de 5 minutos não se ouve nada que nos faça mexer – a única coisa que nos mexe são os nervos. “This dark past” e “The ravens are rising” parecem que-

rer mostrar um pouco mais, mas mesmo assim o resultado não suscita otimismo – embora o tema “The ravens are rising” apresente um ritmo melhorado. Mas eis que a esperança é compensada com a música “Hellfuck”, que apesar de não ser uma bomba de Black Metal, consegue ser um tema minimamente aceitável. Surpreendentemente a segunda metade do disco é bastante melhor, com ritmos mais cativantes e até com alguns solos de guitarra – até a música “I, above”, com 10 minutos, consegue ser positiva. Os Tyrant Wrath que dão graças a satanás por terem composto 4 ou 5 músicas com jeito, porque senão o resultado final seria desastroso. Esperemos que o sucessor seja otimizado com ritmos mais cativantes, com mais solos e mais maturidade. Pois se tornarem a fazer mais um «Torture Deathcult» mais vale estarem quietinhos.

**[5/10]** Victor Hugo



## VALE OF PNATH

«The Prodigal Empire»

(Hammerheart Records/Willowtip)

Quem conhece a majestosa obra de H. P Lovecraft de certeza que se lembra de uma novela (“À procura de Kadath”) onde aparece uma referência ao Vale de Pnath, um lugar preenchido com uma grandiosa pilha de ossos e para onde seres repugnantes levam as suas vítimas de modo a que morram. Bem, dada à montanha de influências e de qualidade que esta banda possui, podemos não deixar esta realidade mas de certeza que, após a audição deste seu primeiro álbum, ficaremos extremamente contentes. Afinal, quando se lê que é recomendada a amantes de Death, Dark Tranquility, Arsis, Necrophagist e Meshuggah, algo maquiavélico

desperta. Após a edição, em 2009, do EP «Vale of Pnath» através da Tribunal Records, a fama desta banda de Denver, Colorado, aumentou dada à boa recepção por parte dos meios de comunicação e dos fãs. Com «The Prodigal Empire» (editado em Agosto de 2011 pela Willowtip e prestes a ser editado em Janeiro de 2012 pela Hammerheart Records), as expectativas não foram goradas pois a ambiência que faz jus ao nome da banda é concebida por diversos elementos, estes tão técnicos quanto soturnos, que lembram a maravilhosa escrita de Lovecraft, a sua arrepiante jornada pela descoberta dos feitos de deuses tão antigos quanto o tempo e de seres humanos enlouquecidamente curiosos. A ampla sinfonia de perdição que ouvimos é pródiga em sinuosidades melancólicas, rudes e tecnicistas quanto basta, sendo, sem sombra de dúvida, um excelente agrupamento a ter em conta.

**[9/10]** Jorge Ribeiro de Castro



## VALLENFYRE

«A Fragile King»

(Century Media)

Já não deverá surpreender a ninguém aquelas reuniões de músicos com créditos firmados. Ocorrem com alguma frequência, não só para eles se divertirem e fazerem o que gostam, mas também para agarrar a atenção dos ouvintes. Além do mais esse fenómeno não tem gerado grandes expectativas e por vezes, nalguns casos, a desilusão acaba por prevalecer. Mas não é, de todo, o caso destes Vallenfyre. Foi na mente do Sr Gregor Mackintosh (Paradise Lost) que tudo à volta de Vallenfyre deu origem, e até convidou alguns amigos para participar (como o Adrian Erlandsson, ex-At The Gates, e o Hamish Hamilton My Dying Bride), e



para se defenderem da brutalidade de algum Death Metal (como o tema "A divine have fled") e mesmo de algum Grind/Crust acutilante (como os fabulosos temas "Ravenous whore" e "Humanity wept". Para harmonizar as estruturas musicais está presente uma clarividente melodia ora nos riffs sonantes das guitarras, ora nos solos simples mas sempre bem-vindos. Já a voz, ela está à responsabilidade do mentor da banda que nos apresenta um gutural bem marcante e bem aplicado no ritmo das músicas. Gregor não se limitou a transcrever os Paradise Lost, e surpreendeu-nos com temas muito inspirados nas suas bandas preferidas dos anos 80 e 90. Ainda por cima, apesar de não ser nada de original, tem o selo estilístico do toque de guitarra que tão bem soou nos Paradise Lost.

**[8.5/10]** Victor Hugo



### **VANDERBUYST**

«In Dutch»

(Van Records)

Em dois anos os Vanderbuyst lançaram dois álbuns e este «In Dutch» é o segundo de originais. Este trio Holandês formado em 2008 é composto pelo guitarrista fundador Willem Verbuyst (ex-Powervice), Barry Van Esbroek na bateria e Jochem Jonkman no baixo e voz. «In Dutch» foi gravado entre os muitos concertos e toda a sonoridade faz lembrar algumas bandas dos anos 70/80, tais como: UFO, Rainbow, Thin Lizzy, Deep Purple, Van Halen ou ZZ Top. No entanto, falta algo neste álbum, aquele pormenor que faz a diferença. Os temas são todos eles "crus", isto é, quase sem produção. Talvez seja isto que falta a este grupo, não

ao nível da sonoridade, porque gosto deste ambiente que recria a sonoridade dos anos 70/80 mas com uma produção mais refinada, por exemplo, ao nível da bateria, estes temas podiam ter outro "aspecto". J. Jonkman tem um timbre de voz muito parecido ao malogrado Phil Lynott, W. Verbuyst é, sem dúvida, um excelente guitarrista e o melhor elemento da banda. A secção rítmica cumpre bem a interpretação dos temas. No futuro, com outra disponibilidade na gravação e um produtor que saiba extrair o máximo destes músicos este trio pode dar muito que falar porque talento não falta. "Black and Blue", "String of Beads" e "KGB" são os temas mais interessantes do álbum.

**[7/10]** Eduardo Ramalhadeiro



### **XERATH**

«II»

(Candlelight)

2011 traz-nos o segundo e mais recente trabalho dos Xerath intitulado de «II» (dois). Tendo como cartão-de-visita a qualidade do álbum de estreia, havia curiosidade sobre o que estes ingleses poderiam fazer no futuro e eis que aparecem com este excelente trabalho que os coloca num patamar de elevada qualidade. Mostram uma enorme evolução a nível musical, com um metal progressivo impregnado de polirritmos bem ao estilo de Meshuggah, mas não se ficam por aqui, já que ao longo do álbum podem ouvir-se vários arranjos sinfónicos e orquestrais sempre bem centrados nas músicas. A passagem definitiva do Owain Williams

para a guitarra incrementou a qualidade e originalidade dos riffs e dos solos, apesar de ter deixado de existir uma guitarra de acompanhamento. A alternância de ritmos da bateria é um ponto a destacar deste trabalho. A nível vocal existe também uma notória evolução fazendo incursões no black metal, mas conjugando muito bem com partes vocais limpas. Ao ouvirmos as músicas deste álbum, estas não soam individualmente mas sim como uma peça do puzzle que se vai completando e termina com a "The glorious death" que além de dizer um "adeus" dá ideia de nos dizer também um "até já". Estamos perante uma banda em clara evolução mas que já é uma certeza de bons momentos musicais para os nossos ouvidos e este «II» é, na minha opinião, um dos grandes trabalhos deste ano.

**[10/10]** Sérgio Pires



# live-versus

**symphony x + pagan's  
mind + dgm**  
**hard club - porto**  
**15.10.2011**

## Sinfonias alta

Pelas 20:30 os **DGM** já tocavam com uma sala quase vazia; isto porque, para grande surpresa de muitos, o concerto deveria ter iniciado às 21:00. Mas, estes italianos já com uma discografia respeitável, encheram as medidas e apresentaram um Metal Progressivo com laivos de Power Metal bastante modesto e atrativo. Os presentes que foram preenchendo a sala não ficaram desagradados, e o som não estava mau embora um pouco descontrolado e por vezes ruidoso. Já os noruegueses **Pagan's Mind** prometiam apresentar um bom espetáculo. E sem dúvida que foi muito bom. Mais uma vez o som não estava a 100%, mas mesmo assim o set curto deu para saborear os dotes destes músicos. O ambiente criado é realmente algo de fabuloso,

com todos os efeitos celestiais que a banda já nos habituou nos álbuns. As energias foram bastante positivas, não só proporcionadas pelos instrumentos mas pelo simpático e enérgico vocalista Nils K. Rue. De certeza que o público não ficou indiferente perante momentos como "Back in time", "God's equation", "Through Osiris' eyes" ou mesmo o fantástico Medley instrumental pelo qual a banda explorou alguns momentos da sua música durante uns bons 6 minutos, e onde o baixista Steinar Krokmo brilhou com o seu poderoso baixo de 6 cordas. E o momento tão esperado chegou com a subida dos **Symphony X** ao palco do Hard Club para um concerto memorável de Metal Progressivo. Mas, começou mal. Isto porque o som não estava nada bom; bastante alto e dissonante, confuso e por vezes doloroso até. Não dá para perceber como é que foi possível uma falha deste género. Mas o concerto lá decorreu com momentos bons e maus; o vocalista Russell Allen também não estava no seu melhor, mas conseguiu incendiar os fãs; já o maes-

tro Michael Romeo brilhou em todos os seus momentos – e nesses momentos em que a sua guitarra era rainha e senhora, as notas dos solos ecoavam pela sala toda. Já os teclados pouco se ouviam. Uma pena. Mesmo assim o público ficou rendido a estes Srs. do Progressivo que apresentaram um set dedicado ao último trabalho: «Iconoclast». Foi com o tema título que o concerto iniciou, para logo de seguida seguir o track list do próprio álbum até à "Bastards of the machine", saltando depois para a "Electric messiah". Já no encore, o destaque foi para o álbum "Paradise lost", do qual tocaram a "Eve of seduction", "The serpent's kiss" e a "Set the world on fire", que mostrou ser, talvez, o melhor momento da banda. Não foi o melhor concerto dos Symphony X, pois de certeza que conseguiriam fazer melhor (para bem deles assim se espera).

**Reportagem:** Victor Hugo  
**Fotografia:** Eduardo Ramalhadeiro



Symphony X



Pagans Mind



**septicflesh + amon  
amarth**  
**hard club - porto**  
**2.11.2011**

## Metal e contrastes

Os concertos de Septicflesh e Amon Amarth, que tiveram lugar no Hard Club, no Porto, a 2 de Novembro de 2011, foram um bom exemplo dos contrastes – por vezes, bem fortes – que o metal pode acolher.

Senão vejamos, tendo em conta o facto de que estávamos perante duas bandas europeias, embora de zonas e culturas completamente diferentes que, por vezes, convivem com dificuldade.

De um lado, temos os Speticflesh, uma banda grega, cujo propósito – reafirmado com o lançamento de «The Great Mass», em 2011, pela Season of Mist – é pôr em causa todos os deuses e a sua sobrevivência no mundo moderno. Do outro, os Amon Amarth,

suecos, cuja música faz a apologia dos antigos deuses nórdicos e da cultura que estes representam.

De um lado, temos uma banda cujo frontman (Seth/Spiros Antoniou) é um reputado artista gráfico e que dá o seu concerto num palco decorado de modo a evocar a mensagem que pretende passar. Nele podíamos ver símbolos de várias religiões, particularmente nos dois estandartes iguais, um de cada lado, cujo elemento central era uma cruz. Do outro, temos uma banda que apenas decora o palco com uma imagem representando a capa do último álbum – «Surtur Rising», lançado pela Metal Blade também em 2011. De um lado, temos uma banda conhecida por um death metal negro, denso, atmosférico, sinfónico, sofisticado (ou não fosse Christos Antoniou, um dos guitarristas da banda, um compositor clássico!). Do outro, temos uma banda exímia em fazer um death metal melódico, em que consegue combinar, de forma entusiasmante, o peso da referência à guerra com a quase alegria dos cantos guerreiros, que Jo-

han Hegg, o carismático frontman e vocalista dos Amon Amarth encarna, como um verdadeiro entertainer que é.

Mas, neste concerto, também houve pontos de contacto: em cima do palco, duas bandas que deram o seu melhor e que representam duas formas – ambas muito interessantes – de ver o metal; do lado de cá, um público, fã deste estilo de música e bastante numeroso, que vibrou – embora de formas diferentes e com intensidade variável – com a exibição dos músicos.

Foi, sem dúvida, mais um bom momento passado no Hard Club, que já vai sendo paradeiro habitual dos repórteres desta vossa revista de música extrema.

**Texto:** CSA

**Fotos:** Eduardo Ramalhadeiro



SepticFlesh



Amon Amarth



**blindagem rbi**  
**aniversário**  
**equaleft + gates of hell**  
**+ breedunder**  
**mercado negro - aveiro**  
**05.11.2011**

## Aniversário Blindado

O aniversário do Blindagem é um forte argumento para os metaleiros das redondezas de Aveiro saírem de casa, enfrentarem algum frio, e esgalharem a gadelha durante duas horas no auditório do Mercado Negro. Os **Breedunder**, banda de Vale de Cambra, apresentou temas do seu EP totalmente auto-financiado. O som es-

teve bastante bom e pesado, a banda fez uma boa prestação mostrando o seu material que é caracterizado pelo Metal moderno – toques melódicos/agressivos. O auditório ainda estava pouco cheio e tímido, mas a temperatura atingiu níveis bem altos com a presença dos **Gates of Hell**, banda do Porto também com um EP auto-financiado. O som ficou ainda mais pesado graças ao Thrash Metal com laivos de Death, e o povo aqueceu os ânimos graças ao Raça, o vocalista que também presta serviço nos Revolution Within. A sala mais composta tomou forma, o mosh pit foi inaugurado e nem os degraus do auditório foram obstáculo para a “dança”. Pelo meio ainda houve tempo para um ponto alto da noite quando os Gates of Hell nos presenteiam com a cov-

er do tema “Fucking Hostile”, dos Pantera. O final do concerto ficou a cargo dos **Equaleft** que mostraram sem reservas de que material são feitos. Os casacos e cachecóis já estavam espalhados pelos cantos do auditório, já que a euforia e o calor contaminaram todos os presentes. O mosh pit alargou e ninguém ficou indiferente à prestação da banda. Já quase a terminar cantou-se os parabéns ao Blindagem – momento no qual nem o bolo faltou. No final ficou a sensação que estas pequenas bandas portuguesas conseguem incendiar plateias pelo simples facto de existir autenticidade no que fazem. Parabéns, Blindagem, pelo bom trabalho. Até à próxima!

**Fotos e reportagem:** Victor Hugo



Equaleft



Gates Of Hell

**amorphis + leprous + nahemah**  
**hard club - porto**  
**20.11.2011**



## Formas Melódicas

Ainda com a sala 1 bastante vazia, os espanhóis **Nahemah** subiram ao palco para tocar para algumas dezenas de pessoas. À medida que a sonoridade típica deste coletivo se espalhava pelo recinto, ora melodiosa, ora agressiva q.b. com alguns toques progressivos, a sala ia-se compondo. Apenas com três álbuns, os Nahemah souberam muito bem tomar conta da sala durante meia hora. Quem os conhecia ficaram com a certeza que são uma grande banda; quem não os conhecia, de certeza que farão alguma coisa para os conhecer melhor – porque sem dúvida que deram um bom concerto. A segunda parte ficou assegurada pelos jovens noruegueses **Leprous**. Quem esteve presente no primeiro dia do Vagos Open Air 2011 deve ter reconhecido estes músicos, já que são os mesmos que acompanham Ihsahn ao vivo. E de

facto o Sr ex-Emperor tem dedo para escolher bons músicos, porque estes Leprous são, mesmo, muito bons. A sala 1 ficou toda atenta à prestação destes tipos; e mesmo aqueles que não apreciam o extremo do progressivo aplaudiram no final de cada tema. O álbum «Bilateral» teve destaque, mas não faltaram alguns temas dos outros trabalhos. De destacar a prestação do baterista que tocou com tanta força, mas com uma mestria perfeita; e devem ser destacadas também as super guitarras de oito cordas que fizeram toda a diferença em alguns temas. Para repetir, sem dúvida. O melhor ficou reservado para último, que após uma demorada espera, com a plateia a ficar impaciente, subiram ao palco para iniciar o set com a “Song of the sage”, tema que abre o trabalho mais recente dos **Amorphis**, «The Beginning of Times». O som esteve um pouco confuso no início, mas melhorou sig-

nificativamente nos seguintes temas como “My Enemy”, “The smoke” e “Against widows”. A banda correu quase todos os álbuns, saltitando de uns para outros, falhando apenas no «Tuonela», «Far From The Sun» e «Silent Waters». Mesmo assim o set foi bastante bom, do qual se destacam a fabulosa “Sky is mine”, as obrigatórias “Into hiding” e “Black winter day”, e mesmo a “Vulgar necrolaty”, cover do tema dos Abhorrence, a qual fez mexer, e muito, o Hard Club, inaugurando um pequeno mosh pit. Já no final ficaram reservadas as músicas “My kantele” e “House of sleep”, com toda a sala a cantar e com o desejo que não terminar. Fica mais uma vez a prova que estes mestres finlandeses são muito bons ao vivo. Um concerto memorável e o desejo do próximo.

**Reportagem:** Victor Hugo

**Fotografia:** Eduardo Ramalhadeiro





**turisas + gwydion**  
**hard club - porto**  
**27.11.2011**

### “Metal Medieval”

Os Finlandeses **Turisas** desta vez não falharam o solo Lusitano; após a não concretização do concerto que estava previsto para Maio, o bem mais fresco mês de Novembro foi o eleito para sonoridades épicas e cenários medievais invadirem a, mais pequena, Sala 2 do Hard-Club. E para o aquecimento das hostes que às 21 horas já se encontravam no local do evento, estiveram a preparar a linha sonora e cénica da noite os Lusos **Gwydion**. E com toda a razão de ser. Notoriamente seguros em palco os 6 Portugueses foram muito bem recebidos com a sua música a entusiasmar tanto os que conheciam menos bem a banda, como os fãs que já conseguiram cativar um pouco por todo o país - e o Porto não é excepção. Os 6 músicos preencheram bem o palco e à medida que iam progredin-

do na actuação, a comunicação com o público não esmoreceu minimamente concluindo a sua actuação com a mesma energia e garra com que iniciaram o espectáculo sendo premiados no final com aplausos genuínos. Mas os cabeças de cartaz da noite eram os **Turisas** e a reacção do público durante o concerto esteve ao nível da sonoridade. E melhor ainda a performance dos Finlandeses foi do melhor que se podia esperar. Ao abrirem as hostilidades com “The March of the Vangarian Guard” seguido de “One More” deu para perceber que iria ser um concerto memorável. O público não baixou a guarda a partir do 3º tema “The Great Escape” em que os coros foram acompanhados em uníssono e foi um não acabar de danças, headbanging, algum mosh e muitas vezes com o público aguerridamente a cantar as letras. Neste concerto estas foram muitas vezes fielmente cantadas pela maioria dos fãs presentes, o que foi uma das notas mais positivas a marcar a noite. Os temas que mais adesão tiveram foram “Stand Up and Fight” e “Rasputin” em que foi difícil perceber se os fãs despendiam

mais energia a cantar as músicas ou a moshar e saltar para marcar a cadência dos riffs épicos da banda. Todos os elementos em palco estiveram no seu melhor nível com o vocalista Mathias Nygard bastante comunicativo e a fazer referência ao momento especial que o concerto representava por ser o último da Tour. Dos últimos eventos de Metal no Hard-Club este foi provavelmente o que mais puxou pela audiência e só por isso faz todo o sentido dizer que o concerto foi épico desde a performance em palco dos Finlandeses com toda a sua indumentária, sonoridade, energia e presença até à atitude enérgica de quem estava 100% colado a assistir e, porque não, a participar do espectáculo. O único pormenor menos positivo para um concerto de fim de Tour foi o Set-list que me pareceu algo reduzido. Mais um punhado de músicas não teria sido pior. Mas quem apareceu para ver os **Turisas** de certeza que deu o seu tempo por muito bem empregue e não se vai importar de repetir a dose.

**Reportagem:** Sérgio Teixeira

**Fotografia:** Eduardo Ramalhadeiro

### setlist:

1. The March of the Varangian Guard
2. One More
3. The Great Escape
4. To Holmgard and Beyond
5. Sahti-Waari
6. Take the Day!
7. Hunting P\irates
8. 501
9. Stand Up and Fight
10. Rasputin
11. Battle Metal





**my cubic emotion**  
**+ beautiful venom**  
**+ first class tragedy**  
**mercado negro, aveiro**  
**27.11.2011**

## Sunday Metal!

A Bleeding Heart deverá ter pensado o seguinte: “Ora, o que se poderá fazer numa tarde de Domingo, fria e chata? Um concerto de Metal para aquecer os ânimos, com bandas portuguesas! Já agora promovemo-las, e vendemos algum merchandise!” A Versus Magazine esteve lá e pode comprovar que os concertos de Metal ao final da tarde resultam muitíssimo bem. A adesão foi significativa para uma sala como a do Mercado Negro, e mais uma vez também se pode comprovar que o Hardcore e o Metalcore são muito apreciados em Aveiro. A abertura do concerto esteve a cargo do **First Class Tragedy**, banda de Pombal/Ansião, com o tema “Tragedy”. O coletivo mos-

trou bastante energia e entusiasmo, mostrando o seu Metalcore pesado e também com alguns momentos mais melódicos; o vocalista Edu mostrou, também, uma grande garra e força na colocação da voz. A banda está para lançar o EP de estreia gravado em Lisboa, do qual tocaram as “With our eyes closed”, “Hope” e “Medicine”, e até houve tempo para uma cover do tema “HTML Rulez D00d”, dos The Devil Wears Prada. A banda da casa, os Beautiful Venom, deu seguimento à segunda parte do concerto e também mostrou uma sonoridade moderna, mais melódica do que os First Class Tragedy, mas também com bastante Metal. Já com alguns EP’s e um álbum, os **Beautiful Venom** mostraramo seu material de onde não faltaram “Juggernaut wings”, “Sights set north”, “Everybody is waiting” e “Sins that we do” para finalizar o set. O público esteve bastante participativo, ora no mosh pit, ora a apoiar a banda e mesmo a cantar juntamente com o vocalista Cláudio e o guitarrista/vocalista Andrés Malta. Para terminar eis que os **My Cubic Emotion** se apresentam ao povo de Aveiro. Ori-

undos de Pombal/Leiria, esta banda com algum estatuto no seio Metalcore nacional iniciam o concerto com a “World receiver”, música que até tem um vídeo clip, e que apresentou de imediato a sua sonoridade pesada misturada com texturas melódicas apoiadas pela melodiosa voz do guitarrista/vocalista João Correia e pelos samples a cargo do vocalista Nuno Sardinha. O set foi basicamente uma viagem pelo álbum de estreia, «It’s a World Receiver», mas também tocaram dois temas do primeiro EP, «It’s Violent Juliette, Don’t Look». O público adorou a prestação da banda, e sem dúvida que levarão boas recordações dos aveirenses. No final fica a certeza que mais eventos destes deverão ganhar forma, não só para promover as bandas nacionais, mas também para se passar um bom bocado com muita animação e muito Metal. Parabéns, Bleeding Heart.

**Reportagem e fotografia:**  
Victor Hugo





# REFLEXÕES MUSICAIS



## Como destruir um país e a sua cultura

A 30 de novembro foi aprovado em votação final global o especialmente penalizador Orçamento do Estado (OE) para 2012 com os votos favoráveis da maioria PSD / CDS, cujo documento inclui a alteração do IVA no setor dos espetáculos culturais de seis para 13% em detrimento da proposta inicial do Governo, que apontava este aumento para a taxa máxima de 23%.

Ou seja, enquanto um ingresso para um espetáculo que atualmente custe 20 euros continua a ter associado o valor de 1,20 euros em IVA, correspondente aos atuais 6% aplicados desse imposto, em 2012 o aumento para 13% (mais do dobro!) irá corresponder a 2,60 euros no custo desse mesmo bilhete no âmbito das medidas de austeridade. Ainda assim, esta situação será menos má do que os 4,60 euros relativos ao aumento de cerca de 400% que o consumidor pagaria se a proposta inicial do Governo passasse. Contudo, o documento aprovado não deixa de ser altamente penalizador para os agentes económicos e sociais da área.

Face a esta realidade iremos assistir à retração das carreiras ao vivo de inúmeros grupos e músicos, que verão os seus cachets e afluência de público nos espetáculos reduzidos. Não fazendo as populações face às suas necessidades básicas, os gastos supérfluos (como em bilhetes para concertos) serão obviamente os primeiros a sacrificar numa altura em que vemos a miséria alastrar a cada dia neste país, obrigando muita gente a fazer duras opções no consumo.

Com efeito, inúmeras bandas, profissionais, amadoras e semi-profissionais, ver-se-ão obrigadas a encerrar a carreira, a remetê-la a um hiato ad aeternum ou a mantê-la de forma pontual e residual, vendo-se os seus músicos forçados a encontrar segundos ou terceiros empregos (se tiverem a sorte de os encontrar) que lhes garantam a sobrevivência.

Ninguém duvida também que várias promotoras, agências de management e booking, bem como salas de espetáculos, incorrem no risco de fechar ou passar a ter um volume de negócios residual e uma atividade reduzida, lembrando que muitas delas, de pequenas e médias dimensões, passarão a laborar meramente para se limitarem a manter a atividade, não gerando lucros sequer. Resultado: encerramento, a prazo, desses espaços, com consequente aumento do desemprego.

As promotoras, promotoras e afins que pretenderem sobreviver terão que estabelecer ou aprofundar parcerias várias com entidades e empresas de setores complementares, desenvolvendo novos modelos de negócio que lhes permitam adaptar-se a um contexto económico-social extremamente adverso e que se prevê duradouro. Uma ideia já anunciada é o conceito de “passe social para concertos”, da produtora portuguesa Lovers & Lollypops, que permite aos fãs adquirirem ingressos a 25 euros para cinco espetáculos na invicta com 12 bandas.

Certamente que pelas razões acima enunciadas a oferta de espetáculos ao vivo de artistas e grupos internacionais de primeira linha irá cair significativamente a partir de 2012, dado que as promotoras verão limitadas as verbas disponíveis para pagamento de cachets. A qualidade da oferta irá, pois, baixar.

Assistiremos ainda a um decréscimo brutal dos já escassos apoios, estatais e privados, às entidades do setor, especialmente às mais frágeis e menos visíveis, com menor poder económico, que nalguns casos serão pura e simplesmente obliteradas.

O espírito do it yourself que intrinsecamente preside ao Underground revela-se mais do que nunca uma ferramenta determinante no cumprimento de objetivos pessoais e profissionais. Ambos os conceitos são estranhos aos subsidio-dependentes e afins das artes e letras nacionais que sempre viveram à sombra do Estado. Aconselho-os a descobrir e aplicar estes preceitos de vida e trabalho agora que se vêm impotentes na prossecução das suas carreiras. Deviam tê-lo feito antes, mas preferiram a “mama” estatal, que julgavam vitalícia. Aliás, o facto de neste Governo não ter lugar um Ministério da Cultura mas apenas uma Secretaria de estado reflete bem a gravidade da situação. O futuro é muito negro no país cujo estilo musical mais emblemático é agora Património Cultural Imaterial da Humanidade.

**Dico**

*Texto escrito ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico*



# grito abafado



## 2011

2011, um ano de peso para Portugal, a não ser que seja apenas impressão. Parece que todas as maiores bandas dentro dos vários géneros de Metal se lembraram que Portugal (ainda) existe, e não me quero estar a queixar, antes pelo contrário, ter uma banda habituada a correr mundo, a tocar em solo nacional a cada mês que passa é algo bastante bom! No entanto deixa a pulga atrás da orelha, o que será que a indústria musical estrangeira dos sons de peso viu em Portugal para apostar tanto este ano? O constante afundamento da nação? Ou será que pensaram “aqueles gajos lá só têm Fado, devem estar um bocado aborrecidos”? Certo é que fizeram favores a inúmeros fãs das mais variadas bandas, possivelmente quem lê este artigo adora tanto estar na fila da frente de um concerto como quem o escreve, e apenas nós, portugueses, sabemos o quanto estávamos a precisar, primeiro, de entretenimento para fugir aos mais variados problemas, e segundo, de uma boa vaga de convívios e moshpits nos quais a raiva se liberta e todos se ajudam. E que bem que sabe! Entre cervejas e gritos, ir até às bancas de merchandise para ver qual será a nossa nova aquisição, seja ela o novíssimo álbum acabadinho de sair do forno, ou algo já meio esquecido e que nunca tivemos a oportunidade de capturar. Seja para vestir, para ouvir, ou apenas para dispor na galeria de exposições que é o quarto ou casa de cada um de nós, é sempre um pequeno mimo que fazemos a nós próprios e é, talvez das poucas vezes, em que podemos considerar que o nosso dinheiro foi bem empregue.

E uma vez falando em álbuns novos, é possível reparar na qualidade da maior parte dos álbuns lançados, que, regra geral, não desiludem. Assistiu-se a uma força que leva para a frente o mundo do metal e da música em geral, quer

tenha sido com álbuns que apenas afirmam que a banda que o lançou está com “a pica toda”, embora não acrescente nada de mais e só reerga o já estabelecido, ou álbuns lançados por bandas dispostas a arriscar e a dar tudo por tudo para mostrar ao mundo as suas ideias, sendo estas últimas bandas mais ou menos recentes, o que importa é que tentem e consigam dar o seu contributo e que este traga uma lufada de ar fresco consigo. Em suma, no que toca a lançamentos, foi um ano rico e com alguns bons diamantes a ser recordados no ano que lhe sucede. Tivemos de tudo, para quem gosta e para quem não gosta, álbuns que mostraram a outra faceta de algumas bandas e álbuns que nos fizeram a nós, fãs, ver a banda de todo um ângulo de trezentos e sessenta graus!

Fica connosco a memória dos momentos passados este ano agora terminado e a esperança de que o próximo seja tão bom, ou melhor ainda. Grite comigo quem sente o cheiro a metal no ar! Boas entradas!

Daniel Guerreiro



myspace.com/**versusmagazine**  
versusmagazinept@gmail.com